



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO



ANA CECÍLIA VILLELA GUILHON

O PROBLEMA DO MÉTODO NA PSICOLOGIA CIENTIFICA DE THÉODULE RIBOT

JUIZ DE FORA

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO



ANA CECÍLIA VILLELA GUILHON

O PROBLEMA DO MÉTODO NA PSICOLOGIA CIENTIFICA DE THÉODULE RIBOT

Apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por Ana Cecília Villela Guilhon.

Orientador: Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo

JUIZ DE FORA

2013

ANA CECÍLIA VILLELA GUILHON

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Guilhon, Ana Cecília Villela . O Problema do Método na Psicologia Científica de Théodule Ribot / Ana Cecília Villela Guilhon. -- 2013. 100 p.

Orientador: Saulo de Freitas Araujo

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.

1. psicologia científica. 2. Théodule Ribot . 3. Psicologia francesa. 4. método psicologia . I. Araujo, Saulo de Freitas, orient. II. Título.

O PROBLEMA DO MÉTODO NA PSICOLOGIA CIENTIFICA DE THÉODULE RIBOT

Projeto de Qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por Ana Cecília Villela Guilhon.

Orientador: Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo (Orientador)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Gustavo ArjaCastañon

Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me acompanharam nesta caminhada: em especial, minha mãe, que além do incentivo perene, por vezes, deu um empurrão a mais. Ao meu marido e filhos pela paciência e abdicção de momentos juntos. Ao meu pai, por ter me acolhido durante este período. Aos amigos especiais que fiz nesta jornada. A tia Aparecida, sempre presente, principalmente nos textos em inglês. A Dinda. Aos meus irmãos, familiares e amigos.

SUMÁRIO

Introdução	5
Capítulo 1–Ribot no Contexto Francês do Século XIX	8
1.1 – A trajetória política da França no século XIX	9
1.2 – Victor Cousin e a institucionalização da filosofia francesa	13
1.3 – TheoduleRibote o estabelecimento da psicologia científica na França	19
Capítulo 2 –Considerações iniciais sobre o método em Ribot	32
2.1 – A Psicologia Inglesa (1870)	32
2.2 – A psicologia Alemã	45
2.3 – Filosofia e psicologia na França	51
Capítulo 3 – O método psicopatológico	63
3.1 – Ribote sua proximidade com a medicina na França	63
3.2 – A aplicação do método psicopatológico	72
Capítulo 4– Considerações finais sobre o método	79
4.1 –Os métodos da psicologia	79
Conclusão	90
Referências	96

RESUMO

O problema do método na psicologia científica de Théodule Ribot

Théodule Armand Ribot (1839–1916) é considerado o pai da psicologia científica francesa. Suas primeiras obras são reconhecidas, por muitos, como marco da “nova psicologia” naquele país. Nelas, Ribot traz para o público francês as idéias oriundas da “nova” psicologia inglesa e alemã. Ele contribuiu de forma decisiva para a consolidação da psicologia como ciência independente, pois foi o responsável pelo primeiro curso de psicologia experimental da Sorbonne, o primeiro a ocupar a cadeira de “psicologia experimental e comparada” no *Collège de France*. Entretanto a contribuição do autor é ainda mais ampla, inclusive no tocante ao método da psicologia. O presente trabalho tem por objetivo compreender o problema do método de investigação psicológica na obra de Ribot. Para atingí-lo foram analisados os principais textos do autor sobre o tema. Esta análise mostrou que Ribot parte de uma apropriação das psicologias inglesa e alemã, para romper com o Espiritualismo Eclético, hegemônico na França em sua época e, aproximando-se da medicina francesa, ele constitui e aplica o que chamou de método psicopatológico, localizando-o na nova psicologia científica francesa.

ABSTRACT

The Problem of the Method on Scientific Psychology from Théodule Ribot

Théodule Armand Ribot (1839-1916) is considered the father of the French Scientific Psychology. His first works are recognized by many as a mark on the “New Psychology” in that country. In his works, Ribot brings to French public ideas derived from the “new” English and German psychology. Ribot contributed, in a conclusive way, to consolidate psychology as independent science in his country, as he was responsible for the first course of experimental psychology at Sorbonne, the first one hold the “Experimental and Compared Psychology” chair at *Collège de France*. Nevertheless, the author’s contribution is more important yet, inclusive regarding psychology method. The present work has for objective, to understand the problem of the psychological investigation method in Ribot’s work. To attain it, the main texts on the topic were analyzed. His analysis has determined that Ribot sets out from an appropriation of English and German psychologies, to rupture the eclectic hegemonic Spiritualism in France in his epoch and approaching to French medicine; he establishes and applies what he named the Psychopathologic Method, localizing it in a new French scientific psychology.

Introdução

Théodule Armand Ribot (1839–1916) é considerado o pai da psicologia científica na França. A publicação de suas primeiras obras, *La psychologie anglaise contemporaine* e *La psychologie allemand contemporaine*, é considerada, por muitos, como marco da “nova psicologia” naquele país. Nelas, Ribot traz para o público francês as novas ideias surgidas nas psicologias inglesa e alemã. Mas seu papel não se restringe a elas.

Como ator fundamental no desenvolvimento da psicologia como ciência em seu país, podemos atribuir-lhe numerosos atos pioneiros. Ele foi o primeiro a defender, na Sorbonne, uma tese de psicologia baseada no método científico. Foi responsável pelo primeiro curso de psicologia experimental da Sorbonne. E foi também o primeiro a ocupar a cadeira de “Psicologia Experimental e Comparada” do *Collège de France*. Por fim, foi forte incentivador da criação do primeiro laboratório de psicologia experimental da França. Podemos acrescentar ainda sua extensa influência na formação de novos psicólogos. Entre seus alunos mais notáveis estão Pierre Janet (1859-1947), Alfred Binet (1857-1911) e George Dumas (1866-1946).

Mas sua influência não se restringe apenas à França. Suas obras foram traduzidas para muitas línguas e as manifestações em homenagem ao centenário de seu nascimento vieram de muitos países, entre eles Inglaterra, Alemanha, Áustria, Holanda, Grécia, e até dos mais longínquos, como Japão e Austrália. Instituições americanas também se manifestaram. Entre elas, destacamos a Universidade de Harvard e a Associação Americana de Psicologia. Muitos países sul-americanos também renderam homenagens a Ribot, como México, Equador, Argentina e Brasil (Piéron, 1939). Mais especificamente em nosso país, as ideias de Ribot influenciaram importantes intelectuais como Farias Brito (1862-1917), Manoel Bomfim (1868-1932) e Sampaio Doria (1883- 1964) (Lourenço Filho, 1971).

Além do campo da psicologia, Ribot também teve um papel importante na renovação da filosofia francesa. Junto com H. Taine (1828-1893), ele foi um dos mais ferozes críticos da filosofia vigente na época. De fato, as ideias da psicologia científica começaram tardiamente na França, sendo um importante fator para esta característica a forte hegemonia espiritualista, ditada por Vitor Cousin (1792-1867). Ribot criticou duramente o que chamava de “Estado Filosófico”, onde, em sua visão, toda a liberdade de pensamento era impedida. Outro ato importante de sua trajetória foi a fundação e edição da *Revue Philosophique de la France et de l'étranger*, em 1876

(Ribot, 1876). Ao fundá-la, Ribot marca sua posição, declarando que sua revista pretendia ser aberta a todas as escolas. Esta foi a primeira revista de filosofia que publicava artigos oriundos das diferentes escolas de pensamento, contribuindo, assim, para derrubar a hegemonia vigente, tanto quanto para impedir que novas escolas tivessem unanimidade.

A obra de Théodule Ribot é bastante vasta e pode ser dividida em três fases. A primeira é justamente aquela em que ele traz para a França os novos ventos da psicologia científica. Podemos dizer que esta fase estende-se da publicação de *La psychologie anglaise contemporaine* (1870) à publicação da *La psychologie allemand contemporaine* (1879). Em seguida, temos a segunda fase, a partir de 1880, onde predominam estudos psicopatológicos. Em 1881, publicou *Les maladies de la memoire* ; dois anos mais tarde, *Les maladies de la volonté* (1883). Ainda nesta fase, estudou os estados mórbidos da personalidade e da atenção, publicando *Les maladies de la personnalité* (1885) e *Psychologie de l'attention* (1889). Notavelmente, Ribot estende aqui a noção de experimentação às patologias, na medida em que as considera experimentos naturais (Ribot, 1909).

A fase mais madura de seu percurso intelectual é dedicada ao estudo da vida afetiva e dos sentimentos. Nesta terceira fase, publicou *Psychologie dès sentiments* (1896), *La logique des sentiments* (1905), *Essai sur lês passions* (1907) e *Problemes de psychologie affective* (1910), onde abordou, de forma mais contundente, o que chamou de natureza subjetiva. Jacó-Villela e Monteiro (2004) ressaltam os vários momentos “fundantes” da obra de Ribot: a psicologia científica na França, a observação clínica como experimento na investigação da patologia e uma psicologia de caráter mais dinâmico.

Em que pese, porém, a contribuição de Ribot para a constituição da psicologia como ciência na França, a repercussão de seu trabalho não faz jus à sua influência. Como precisamente observou Boring (1957) os relatos sobre ele são curtos e inadequados, assim como o são os relatos sobre muitos psicólogos que morreram durante a Primeira Guerra Mundial. Mesmo na França, até pouco tempo atrás, havia poucos trabalhos sobre ele, ainda assim caracterizados, sobretudo, por resumos e fragmentos de sua obra, e não por análise de sua influência ou dados biográficos (Douglas, 1924; Lamarque, 1928). Apenas recentemente esforços vêm sendo feitos para dar-lhe o devido lugar na história e compreender a extensão de sua influência (Ferrand & Nicolas, 2000; Marchal & Nicolas, 2000; Nicolas & Murray, 2000). Ainda restam, entretanto, muitas lacunas a serem preenchidas, sobretudo no que se refere à literatura de língua portuguesa,

na qual se encontram poucos estudos sobre o pensador. No Brasil, destacam-se o trabalho de Lourenço Filho (1971) e Jacó-Vilela e Monteiro (2004).

O presente trabalho tem por objetivo compreender o problema do método de investigação psicológica na obra de Ribot, percorrendo os principais textos sobre o tema. Para alcançar tal objetivo levantou-se as principais ideias destacadas pelo autor sobre o método na psicologia, até a aplicação do que mais tarde ficou conhecido como método psicopatológico. Este trabalho é parte integrante de um projeto mais amplo que pretende mapear o surgimento de diversas concepções de psicologia científica em diferentes contextos culturais, sendo parte integrante da linha de história e filosofia da psicologia do Programa de Pós-Graduação (PPG) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro deles apresenta um panorama geral da França, destacando os principais grupos políticos existentes à época. Cada um destes grupos tem uma proposta para a educação na França e é na educação pública que Ribot traça sua carreira. Em seguida, situaremos para o leitor a importância de Victor Cousin, bem como suas ideias. A compreensão deste autor é fundamental, pois é em oposição a ele que Ribot começa sua trajetória. Por fim, são apresentados dados biográficos do autor.

No segundo capítulo serão apresentadas as principais características da psicologia científica levantadas por ele, tanto na escola inglesa quanto alemã. Teremos como base as duas principais obras deste período: *La Psychologie Allemande Contemporaine* (1879) e *La Psychologie Anglaise Contemporaine* (1881). Além disto, apresentaremos um texto publicado pelo autor em 1877, onde ele relata a situação da filosofia na França. A partir dele visualizamos a posição do autor em relação às principais escolas francesas.

No terceiro capítulo apresentamos a proximidade do autor com a medicina francesa, bem como a aplicação do método propriamente dito. E por fim, no último capítulo, um texto tardio do autor é apresentado. Nele Ribot especifica todos os métodos da psicologia, deixando claro o método psicopatológico.

Apresentaremos a seguir o primeiro capítulo com os tópicos propostos.

Capítulo 1

Ribot no Contexto Francês do Século XIX

Neste capítulo, apresentaremos um panorama geral do contexto sócio-institucional francês durante o século XIX, facilitando, assim, a compreensão do contexto em que as ideias de Théodule Ribot estavam situadas. Para tal apresentação, optamos por separar a apresentação em alguns tópicos, quais sejam: Inicialmente relataremos, ainda que de formosucinta, os principais eventos políticos na França daquela época. Estes causaram marcas profundas na história do país que, recém saído da Revolução Francesa, lutava por uma estabilidade política que pudesse atender a diferentes grupos sociais. Neste período, os regimes políticos se alternam entre a monarquia, o império e a república, trazendo muitas guerras e conflitos sangrentos. Neste contexto de instabilidade política, Vitor Cousin (1792-1867) surgiu como figura bastante estável no campo da filosofia. Ele conseguiu criar uma unificação da filosofia, ainda que forçada, durante um longo período na França. Surpreende-se que, em um país tão diverso, tenha sido possível estabelecer uma só escola filosófica durante tantos anos. Cousin foi personalidade muito influente em sua época, sobretudo no segundo império (1852-1870), fundando uma “filosofia oficial” do estado: o espiritualismo eclético. Esta doutrina era a única ensinada nas escolas e era mantida sob um rigoroso olhar do estado. Evidentemente, esta unidade não foi alcançada sem custos, como veremos adiante.

Foi neste contexto que nasceu Théodule Ribot(1839-1916), na cidade de Guingamp, na Bretanha francesa. Durante o ensino fundamental e médio, foi aluno mediano, não dando sinais à época de seu futuro tão promissor. Começou sua carreira como professor de Liceu, mas seu interesse pela psicologia científica transformou seu futuro e o da psicologia na França. Ao enveredar pelo estudo da “nova psicologia”, ele entrou em conflito direto com a doutrina oficial de Victor Cousin. O ecletismo pretendia conciliar todas as escolas e com isto ser a única escola filosófica, selecionando o que lhe agradava e descartando o que não lhe era conveniente. Ou, nas palavras de Ribot, “prudente, circunspecto e medroso de todos os excessos, o ecletismo se baseia sempre em um só critério, o senso comum, e em um só objetivo – se manter no poder por uma sucessão de manobras hábeis” (Ribot, 1877a, p. 107). É com esta postura bastante ácida que ele foi um ator fundamental para quebrar a hegemonia de pensamento e possibilitar o surgimento da psicologia como ciência autônoma, independente da filosofia.

Por fim, trataremos do delineamento da nova psicologia, onde caminhos políticos institucionais serão necessários. Ribot foi autor importante deste desenho da psicologia no país. Suas cartas a Alfred Victor Espinas (1884- 1922) são uma importante fonte histórica para

entendermos este processo. Um bom exemplo são as cartas sobre a sua nomeação para a *Sorbonne* (fundamental para a psicologia, mas extremamente custosa para ele) e para o *Collège de France*. Estes são dois momentos fundamentais para a consolidação da psicologia no contexto acadêmico francês. Suas vivências da política institucional, os convites recebidos, sua insatisfação com o ecletismo e suas dificuldades serão aí apontadas.

Conhecendo melhor os temas aqui levantados, passaremos ao segundo capítulo onde trataremos, então, das obras inaugurais de Ribot, *La psychologie anglaise contemporaine* (1870) e *La psychologie allemand contemporaine* (1879) e *Philosophy in France* (1877). Esperamos, então, poder compreendê-las com um olhar mais profundo, a partir dos tópicos aqui selecionados.

1.1 - A trajetória política da França no século XIX

O século XIX foi um período de grandes transformações por toda a Europa. Se fizermos um recorte, perceberemos como a modernidade europeia trouxe um conjunto de forças profundas e variadas, cujos conflitos marcam sobremaneira nosso tempo. A industrialização e a urbanização foram marcas importantes, assim como o jogo de forças sociais e o declínio do poder hegemônico da igreja católica (Pellistrandi & Bourguinat, 2001).

Na França, o período também foi marcado por profundas transformações. Neste país, o século XIX começou recolhendo efeitos da revolução francesa (1789), evento fundamental para compreensão de toda sua história posterior, uma vez que as forças determinantes deste período continuaram em jogo posteriormente, passando por momentos de grande ebulição. Exemplos deste tipo de acontecimento, ainda no final do século XVIII, foram a queda da Bastilha, o Terror, a Convenção Nacional. Neste estado de coisas, nenhuma tentativa de estabelecer uma monarquia constitucional foi possível e a fragilidade dos sucessivos governos abriu caminho para o império Napoleônico. Após a queda da monarquia Bourbon, Napoleão Bonaparte (1769-1821) organizou uma administração centralizada e instaurou o código civil, na chamada Primeira República (1792-1804). Em seguida, durante o Primeiro Império (1804-1814), tornou-se Napoleão I, levando a França a tornar-se uma grande potência política na Europa (Fernández Pardo, 1972). Também no campo da educação, mudanças importantes foram realizadas.

Ao lançarmos um olhar específico para o sistema educacional, veremos que a Revolução Francesa foi, também neste campo, marco divisor, pois “foram os revolucionários que primeiro

tentaram, em grande escala, tirar o controle da educação da igreja católica, onde ele estava desde a idade média, e fazer da educação uma função do estado” (Brooks, 1997, p. 31). Entretanto, faltaram ao estado recursos, mão de obra e apoio popular para substituir as escolas dirigidas pela igreja católica. Até mesmo Napoleão teve que contentar-se apenas em regular o ensino católico, não conseguindo eliminá-lo. Seu grande golpe no poder católico sobre o ensino foi a constituição da *Université* como corporação laica autônoma de professores e administradores do estado. Ela possuía autoridade exclusiva sobre o ensino médio e superior, público e particular, o que justificava a estreita relação entre a filosofia dos liceus e da universidade por toda a França. Assim como na educação, em outros campos Napoleão não conseguiu eliminar a forte influência católica consolidada desde a idade média. Contudo, as guerras travadas e os altos impostos tornaram-no impopular. Em 1814, sob pressão estrangeira, abdica do trono e parte para ilha de Elba. Luis XVIII (1755-1824), da dinastia dos Bourbons, retoma o poder, para perdê-lo no ano seguinte, quando Napoleão retomou o poder por cem dias (Governo de Cem Dias) e finalmente, derrotado na batalha de Waterloo, foi deportado para a ilha de Santa Helena. Luis XVIII, então exilado na Bélgica, retornou à França, colocando os Bourbons novamente no poder. A chamada *Université* foi mantida no novo regime. Apesar de ter sido foco de constantes disputas entre a igreja e o estado napoleônico, este sistema bastante eficiente de poder passou a ser usado em favor da igreja católica. Os monarcas da Restauração reduziram, entretanto, sua autonomia, tornando-o um ministério. Neste período, a filosofia tornou-se tema central de estudos, sendo exigida para todos que aspiravam chegar ao ensino superior, exceção feita apenas para algumas carreiras das *Grands École*¹ (Haine, 2000).

No plano político, durante a chamada Restauração (1814-1839) o monarca Luís XVIII outorgou a Carta Constitucional, tentando conciliar o antigo regime monárquico com as conquistas da Revolução Francesa, garantindo a liberdade de pensamento religioso e igualdade diante da lei. Porém, havia três forças dominantes: os chamados ultra-realistas, que procuravam recuperar todos os privilégios perdidos; os liberais, compostos por bonapartistas e republicanos, lutando por manter as conquistas da revolução; e uma última força, os constitucionalistas. Contraditoriamente, foi também a época do Terror Branco (perseguição a bonapartistas e revolucionários), que tomava força, sobretudo no interior (Lebédel, 1928).

Após a morte de Luis XVIII, em 1824, seu irmão Charles X foi coroado. Em seu reinado, leis previam a indenização dos nobres que tiveram seus bens confiscados e a pena de morte por

¹ Instituições de ensino superior à parte do sistema universitário.

profanação de igrejas, chegando-se a dissolver a câmara recém eleita de maioria liberal. Criou, assim, enorme descontentamento na burguesia e suas tendências absolutistas acabaram por causar nova ebulição, resultando nos Três Gloriosos². A abdicação de Charles X foi inevitável, sucedendo-lhe o filho Luís Antônio, que 20 minutos depois abdicaria em favor do sobrinho Henrique, o último rei francês da dinastia dos Bourbon, que governou apenas por sete dias. Em seguida, temerosa do radicalismo dos revolucionários (pequena burguesia e proletariado urbano) a alta burguesia nomeou Luís Felipe I (1773 – 1850), da dinastia de Orleans, rei dos franceses (não mais rei da França), constituindo assim a chamada Monarquia de Julho (1830-1848).

Luis Felipe foi considerado “Rei burguês” por ser um monarca constitucional e liberal. Seu governo durou de 1830 a 1848. Neste período, foram nomeados vários ministros importantes para a história da França, entre eles F. Guizot (1787- 1848) e L.A. Thiers (1797-1877). Este último foi primeiro ministro de fevereiro a setembro de 1836, e a ele é atribuída a frase: o rei reina, mas não governa (Minc, 2008). Outro importante ministro da época foi Victor Cousin. Ele assumiu grande poder no decorrer do regime, chegando a ser nomeado ministro da instrução pública em 1840. Segundo Ribot (1877a), “Cousin tinha em torno de si uma espécie de estado maior, ativamente engajado na formação e inspeção de professores de filosofia e na supervisão da implementação dos programas” (Ribot, 1877a, p. 108). Entretanto, havia, evidentemente, oposição a Cousin, que era constituída por católicos, que o acusavam de panteísta; e outro grupo, denunciando este estranho estado filosófico, estavam socialistas, comunistas e humanistas. Todavia, o corpo de professores fiéis a Cousin e à sua doutrina constituía uma força real no poder do estado, uma espécie de “clero laico” (Ribot, 1877a). Seu poder ia além, pois à medida que formavam os estudantes franceses, consolidavam o espiritualismo eclético como doutrina para as próximas gerações. Porém, a grave crise econômica, o autoritarismo e a corrupção do governo, somados às novas ideias socialistas fortaleciam a oposição a Luis Felipe, formada por republicanos, socialistas, liberais, bonapartistas (que almejavam o governo de um descendente de Napoleão) e legitimistas (pleiteando a volta dos Bourbons ao poder). Em contrapartida, o governo tomou medidas de restrição à imprensa e ao parlamento, certamente atijando novamente o “barril de pólvora” francês. A nova revolução, chamada de Revolução de Fevereiro, instaurou um governo provisório com Lamartine (liberal) e Blanc (socialista). Em 1848, proclamou-se então a Segunda República. De acordo com Ribot, no campo da filosofia, “a revolução de 1848 deu um golpe fatal ao ecletismo” (Ribot, 1877a, p 108).

² Nome dado ao levante dos parisienses em 27, 28 e 29 de julho de 1830, que culminou na abdicação de Charles X (Goubert, 1988).

A Segunda República (1848-1852) retomou aspectos mais liberais da primeira república, e avançou no campo social, fixando a jornada de trabalho de 10 horas diárias, abolindo a pena de morte por razões políticas, restabeleceu a liberdade de imprensa, a autorização de funcionamento de sindicatos, entre outras medidas liberais. Napoleão III ganhou as novas eleições presidenciais. E, em 1850, ainda em seu governo, foi proclamada a lei Falloux, que aumentava a liberdade de ensino, isto é, o direito de abrir escolas primárias e colégios secundários, favorecendo a implantação da igreja católica novamente no ensino, fundando escolas católicas (Seignobos, 1938). Já no ano seguinte, com o golpe de estado de Napoleão III, iniciou-se o Segundo Império (1852-1870) com novas restrições à imprensa. Se, para Ribot, em 1848, houve um grande golpe contra a filosofia, em suas palavras, “a partir de 1850, sua decadência foi completa” (Ribot, 1877a, p. 108). Na esfera pública, Luís Napoleão proibiu o ensino da filosofia substituindo-o pelo de lógica. As grandes questões foram deixadas de lado, e os professores com estudos mais profundos foram postos à margem. Na análise de Ribot, “toda a liberdade de ensino foi impedida, sob suspeita de tendências revolucionárias. Este sono durou doze anos” (Ribot, 1877a, p 108). Em 1863, quando Duruy, então ministro de Napoleão III, restabeleceu o ensino da filosofia, já em um terreno mais aberto a debates extra-oficiais:

Os espíritos dos homens e as circunstâncias tinham mudado completamente (...).O positivismo, que até aqui crescera em silêncio, estava organizado, reuniu membros e tornou-se a filosofia dos homens de ciências assim como o ecletismo havia se tornado a dos homens de letras. (Ribot, 1877a, p 108)

Com a derrota na guerra franco-prussiana, o Segundo Império ficou insustentável e, em quatro de setembro de 1870, entrou em vigor o governo provisório com L. Gambetta (1838-1882) Jules Ferry³ (1832-1893). A partir de então, a França viveu a Terceira República até 1940, quando foi instaurado o novo “Estado Francês”. Este período é considerado por grande parte dos franceses como um período de estabilidade política com grandes avanços no plano político, educacional e de desenvolvimento econômico. A profissionalização do ensino e a liberdade intelectual contribuíram para formar uma “idade de ouro” da filosofia francesa (Ringer, 1992). Note-se, contudo, que esta passagem entre regimes não foi suave. Em 1871, operários tomaram

³ Criador da Lei Ferry. Republicano, positivista e anticlerical, ele foi o ministro da educação (*Ministre de l'Instruction Publique*). Sua lei tornou a escola francesa laica. Em 1881, tornou o ensino primário gratuito e, em 1882, obrigatório. Ferry foi adepto das ideias positivistas e inspirou reformas do sistema educativo francês (Price, 2005).

Paris e a governaram com princípios socialistas, a chamada Comuna de Paris, que foi sangrentamente dizimada cerca de dois meses após sua fundação (Jones, 1947). Os primeiros anos também são marcados por governos bastante curtos como L.A. Thiers (1871-1873) e P. Mac-Mahon (1873-1879). Outro fato importante é a separação tardia entre igreja e estado, que ocorreu somente em 1905. De fato, como nos aponta Jaco-Vilela e Monteiro (2004), o início da trajetória intelectual de Ribot se dará em uma época onde a influência católica ainda era bastante importante.

Feito este percurso pela história política da França, enfocaremos a seguir o espiritualismo eclético e seu mentor, Victor Cousin. Os esclarecimentos sobre este tema serão úteis para compreender a extensão da oposição de Ribot e, mais adiante, discutir a influência do ecletismo sobre seu pensamento.

1.2 - Victor Cousin e a institucionalização da filosofia francesa

Victor Cousin (1792-1867) foi um filósofo extremamente influente em seu tempo. Apesar de ter alcançado altos postos políticos, no início de sua carreira teve vários problemas políticos por ser considerado liberal, chegando a ser suspenso do ensino público em 1821. Também foi preso na França, acusado de carbonarismo⁴, sendo exilado para a Alemanha graças à intervenção de Hegel junto às autoridades francesas. Porém, após a revolução de 1830, com a restauração da monarquia através de Louis-Philippe, Cousin pode retomar seu ensino na Sorbonne. Constantemente reconhecido por criar grande empatia e ser um excelente orador, tornou-se figura pública de grande influência.

Em suas conferências, Cousin expunha sua filosofia, conhecida como espiritualismo eclético ou simplesmente espiritualismo, como ele preferia nomeá-la (Goldstein, 1968). Seu prestígio, assim como o de sua filosofia, foram ganhando espaço. Ele ocupou vários cargos importantes e foi nomeado, durante o reinado de Luis-Philippe, *Pair de France* (1830), ofício diretamente ligado à coroa. Sua influência era de tal modo extensa que foi chamado de “o rei dos filósofos”, assim como Louis-Philippe se tornou o “Rei dos franceses”. Quando nomeado Ministro da Instrução Pública da França (1840), articulou importantes mecanismos políticos de controle no sistema educacional. Sempre foi estudioso de filosofia e acabou por privilegiar seu ensino.

⁴Forte organização política que tomou diferentes causas ao longo da história. Aqui nos referimos ao movimento contra Napoleão e que pretendia a restauração da monarquia.

Cousin criou seu próprio sistema filosófico usando vários outros sistemas de pensamento, por isto sua doutrina é chamada de espiritualismo eclético, pois pretende “conciliar num sistema pouco definido aquilo que julgava verdadeiro em todos os sistemas, considerados manifestações parciais de uma verdade única e mais ampla” (Ferrater Mora, 2004, p.792). Para ele, os sistemas poderiam ser definidos em quatro grupos: o sensualismo, o idealismo, o ceticismo e o misticismo. Do primeiro grupo, o sensualismo, fariam parte aqueles sistemas que pretendem explicar, através da sensação, todos os fenômenos, ou seja, os únicos fenômenos presentes na consciência seriam aqueles oriundos das sensações. Contrariamente, o idealismo traz as ideias para o centro de seus interesses, negligenciando as sensações. Por outro lado, o ceticismo considera os dois grupos anteriores como dogmáticos e postula que não é possível ter certeza de *nada* (o que pode ser considerado uma contradição, visto que este ponto de vista pode ser considerado como novo dogma). Por fim, o misticismo propõe uma solução para as dificuldades anteriores. Este traz uma reflexão mais espontânea e menos analítica, considerando a impossibilidade de explicação uma manifestação do espiritual e divino. Para Cousin, estes quatro sistemas existem, são verdadeiros, pelo menos em parte, e todos são necessários à filosofia.

Como em todo ecletismo, também neste caso se propõe uma “oposição ao dogmatismo e ao radicalismo em nome da tolerância e da conciliação” (Ferrater Mora, 2004, p.792). O ecletismo seria um “selecionismo”, distinguindo-se do sincretismo que é uma mera acumulação, ou, nas palavras de Cousin, “não aconselho, certamente, este cego sincretismo que fez com que a escola de Alexandria se perdesse e que tentava aproximar por meio da força sistemas contrários” (Cousin, 1854, p 41). Por outro lado, distingue-se também do integralismo uma vez que este traz certa tendência dialética, procurando criar algo novo. Uma de suas principais características é uma constante moderação, inclusive em relação ao próprio ecletismo, como bem explicita Cousin:

O que recomendo é um ecletismo ilustrado que, julgando com equidade e inclusive com benevolência todas as escolas, lhe peça emprestado o que elas têm de verdadeiro e elimine o que elas têm de falso. Já que o espírito de partido deu-nos tantos maus resultados até o presente, tentemos o espírito de conciliação. (Cousin, 1854, p. 41)

Faz-se notar aqui uma pitada política, deixando claro como a filosofia de Victor Cousin combinava perfeitamente com os anseios da Monarquia de Julho de Louis Philippe. Seria impossível compreender a enorme força desta doutrina sem situá-la neste contexto, pois grande parte da influência obtida por Cousin e sua doutrina parece estar diretamente ligada a esse

perfeito casamento. O “espírito de conciliação” era bastante interessante para a monarquia, que se apoiava nos horrores gerados pela revolução francesa para manter seu poder. Cousin parece manejar bem estes interesses. Há evidências que, desde o início de sua carreira, Cousin se preocupou tanto com as consequências sociais de sua filosofia quanto com sua validade filosófica (Goldstein, 1968). Ele via no ecletismo a possibilidade de combater a “filosofia do mal” do século XVIII, seja o empirismo ou o materialismo, que teriam trazido consequências sociais e políticas desastrosas durante a revolução. Seu sistema, ao contrário, trazia elementos necessários à ordem e à estabilidade, como a existência de Deus, o livre-arbítrio e uma clara distinção entre o bem e o mal. Assim como no campo filosófico, no campo político o ecletismo também trouxe efeitos conciliadores, pois, se por um lado atendia ao desejo de liberdade trazido pela revolução francesa, propunha, por outro, a autoridade, valor do antigo regime. Em outras palavras, poderíamos dizer que sua filosofia reconhecia a contribuição da revolução para as causas da liberdade e igualdade, mas não levaria ao excesso de sangue do jacobinismo (Goldstein, 1968).

Uma boa definição do ecletismo foi dada por Taine como sendo uma “banheira bem limpa, bem tranquila e bem morna onde os pais, por motivos de saúde, colocam suas crianças” (Taine, 1857/1905, p. 326). Esta definição pode ganhar ares diferentes segundo seu contexto, na conturbada França da Restauração, este era certamente o desejo de muitos. Dessa forma, convicto das consequências sociais e políticas de sua filosofia, Cousin se esforçou para disseminá-la.

Com uma forte carreira na política educacional francesa, não foi difícil atingir este objetivo. Durante anos, Cousin pode interferir diretamente nas políticas de ensino. Em 1830, com 38 anos, foi membro do conselho de instrução pública. Em 1832, elaborou o programa que se tornou a base da filosofia ensinada em todo o ensino secundário. Três anos mais tarde, teve importante papel na lei Guizot.⁵ E, em 1840, foi ministro da instrução pública. Em todos estes momentos, mantém seu objetivo de unidade e estabilidade. Com a conhecida eloquência de seus discursos em 1844, pronunciou um discurso em defesa da *Université* e da filosofia:

⁵ Complementada posteriormente pela Lei Ferry, esta lei, de 28 de junho de 1833, foi proposta por François Guizot, ministro da instrução pública. Determinava a abertura de escolas por toda a França: cada comunidade de mais de 500 habitantes deveria ter uma escola para meninos; e de mais de 800 habitantes, pelo menos uma escola para meninas. O ensino deveria ser gratuito e abranger o maior número de pessoas possível e transmitir a elas a doutrina de Cousin.

Pertence à sociedade o direito de intervir na educação e de fazê-la um pouco à sua imagem, porque a educação devolve o que a sociedade lhe deu, ou seja, é a sociedade que semeia com suas próprias mãos as inquietudes, os descontentamentos, as revoluções. (Cousin, 1844, p. 6)

Para melhor compreendermos a posição de Cousin, voltemos nosso olhar para o ensino da filosofia na França do século XIX. Naquele século, a filosofia começou a ser profissionalizada e institucionalizada e, juntamente com ela, o sistema educacional do estado. Se antes os filósofos eram “homens de letras”, passaram a ser cada vez mais incorporados ao sistema universitário. Este, por sua vez, sofreu grandes transformações. Durante a Idade Média foi fortemente atacado por estar na mão da igreja; após a Revolução tornou-se cada vez mais uma função do estado. Entretanto, esta migração não foi completa, pois faltava ao estado pós-revolucionário recursos, pessoal e apoio popular para substituir o ensino católico. Até mesmo o forte governo Napoleônico contentou-se apenas em colocar as instituições de ensino católico sob a supervisão do estado, criando a *Université*, como vimos anteriormente.

Naquela época, a filosofia ocupava um lugar privilegiado no sistema educacional francês. Seu ensino concentrava-se no último ano do ensino secundário e era exigida para quem almejasse a educação superior, através do exame *bacallaureat*, cujo conteúdo era controlado pelo estado. Aprovado no exame, os estudantes de maior desempenho poderiam ingressar na universidade ou mais precisamente nas faculdades (teologia, direito, medicina, ciências, letras e farmácia) (Brooks, 1993). Note-se que as faculdades eram mais ligadas ao seu ramo de estudo e à sua clientela e mais distantes dos outros cursos do ensino superior. Sua clientela consistia, nesta época, ao sistema de educação secundária: os liceus. Desta forma, isolavam-se entre si e ligavam-se ao ensino médio. Esta ligação chegava a hábitos curiosos, como por exemplo, a obrigação dos professores universitários de participar dos exames dos alunos a cada série do ensino médio, inclusive o *bac*. Este enorme gasto de energia não era sem razão, já que o ensino secundário era o centro da política de ensino de Napoleão (criador do sistema de faculdades), que não pretendia criar pensadores livres e críticos (Brooks, 1997).

Outro efeito, talvez não pretendido, dos estreitos laços da universidade e do ensino médio era o lugar pouco interessante ocupado por essa. Os temas da universidade (faculdades) tendiam a repetir aqueles do ensino ministrado nos liceus, em geral, permanecendo na proposta trazida pelo programa oficial de ensino (*Syllabus*). Com o entediante clima da universidade, um estudante promissor tentaria certamente admissão na *École National Supérieure* (a grande escola

criada pela revolução) e posteriormente pleitearia lecionar no ensino secundário e, de forma alguma, ingressar na moribunda universidade (Brooks, 1997). Contudo, apenas uma pequena parte dos candidatos conseguia esta façanha. Aqueles que conseguiam êxito garantiam para si uma carreira sólida e bem remunerada.

Ainda assim, aceder como professor a uma cadeira universitária não era tarefa fácil. Como condição inicial, era necessário o título de doutor. Para obtê-lo, o candidato deveria apresentar uma tese em latim e uma em francês. Usualmente, recém admitidos lecionavam como professor substituto; e ao serem nomeados para uma cadeira, poderiam afastar-se recebendo salário integral. Além das conquistas pessoais do título vale notar que, como todo o sistema público de ensino, incluindo o superior, estava submetido ao Ministro da instrução pública, que possuía grande prestígio e poder, sendo portanto necessário ter bom relacionamento. Por meio do ensino de filosofia, o ministério da instrução pública garantia a continuidade do ideal a ser incorporado à nação. Tal era o grau de controle que, no fim do século XIX, todos os diretores de liceus e do ensino superior ainda eram filósofos formados neste sistema.

Com todo este sistema montado, não era difícil comandar o ensino. Contudo, entre todos que o dirigiram, Cousin foi o que usou ao máximo todos os recursos disponíveis para exercer controle sobre o que seria ensinado (Brooks, 1993). Valendo-se de sua doutrina, ele trouxe ao sistema uma coesão excepcional. Outro trunfo de Cousin foi o grande número de amigos e partidários nomeados a partir da Monarquia de Julho. Juntos, eles decidiam políticas educacionais, currículos escolares e selecionavam pessoal para o ensino e administração do sistema público de ensino. Por fim, outro instrumento fundamental para o êxito de Victor Cousin foi o *Syllabus*, programa oficial de ensino. Este instrumento foi criado no regime napoleônico, juntamente com a *Université*, mas foi com Cousin que atingiu seu ápice. Por ele, eram controlados os tópicos a serem lecionados, bem como o conteúdo exigido no exame final do ensino médio (*Baccalauréat*). Desta forma, controlando o *Syllabus*, ele controlava o que os alunos do ensino público de todo o país aprenderiam nas escolas. Aparentemente, instruções gerais, mas que ao incluir alguns temas automaticamente deixava outros de fora, como é o caso da inclusão da metafísica, o que desagradava aos positivistas, que não se sentiam reconhecidos⁶.

Certo de seus propósitos, Cousin não se incomodava com as críticas, recomendando que, a cada ano, o ensino deveria contribuir para a unidade e estabilidade da França e cada assunto

⁶ Nota-se que Cousin foi o responsável por inserir psicologia no programa oficial, que anteriormente contava apenas com lógica, ética, metafísica e história da filosofia.

deveria ser usado tanto quanto possível para este fim. Suas publicações também visavam este objetivo.

Após alguns anos, Cousin finalmente consegue estabelecer sua filosofia, certamente não sem oposição. Embora seu sistema filosófico seja amplo, isto não quer dizer que seja suave. Seus opositores mais radicais diziam que suas propostas eram rígidas e descompromissadas, já que não se comprometia com nenhuma corrente, deixando insatisfeitos tanto o clericalismo quanto seus opositores anticlericais. Mesmo para os menos radicais, o ecletismo responde mal aos seus críticos mais contundentes que, desmontando seu discurso de unidade nacional, o acusam de servir à burguesia. Seria seu sistema uma filosofia oficial da Monarquia de Julho (o que já seria criticável)? Ou ele serviria, com sua filosofia, às classes médias da Monarquia de Julho, já que era a opção menos radical? Apesar destas críticas, seu legado não pode ser desprezado, pois, ainda que com meios questionáveis, Cousin uniu a filosofia francesa. A história nos mostra que sua influência causou efeitos durante longos anos. Ainda hoje se pergunta como foi possível que a França, um país tão diverso, tenha tido um só código de moral pública e privada.

Théodule Ribot foi um de seus críticos. Sua atuação em favor da psicologia científica confunde-se, em alguns momentos, com aquela em ataque ao ecletismo e a Victor Cousin. Para conhecê-lo melhor, apresentaremos, em seguida, uma breve biografia, enfatizando os momentos em que sua história encontra-se estreitamente articulada com a consolidação da psicologia científica na França.

1.3 - Théodule Ribot e o estabelecimento da psicologia científica na França

Théodule Ribot nasceu em 18 de dezembro de 1839, na cidade de Guingamp, na região da Bretanha francesa. Ribot adorava dizer que era bretão (Dugas, 1917). Nicolas, em sua biografia, relembra logo no título a origem do psicólogo ao lado da marca de sua importância: *Théodule Ribot. Philosophe Breton, fondateur de la psychologie française* (Nicolas, 2005). Dugas, (1917) escreve um artigo intitulado *Um philosophe Breton: Théodule Ribot*, em que sugere que Ribot cultuava a sua província e era um trabalhador incansável, sério e obstinado.

Ribot é considerado, por muitos, o pai da psicologia científica na França. Seu papel é, de fato, fundamental. Vários momentos de seu percurso acadêmico podem ser considerados passagens importantes para o estabelecimento da nova disciplina: foi o primeiro a sustentar, na Sorbonne, uma tese com base científica, o primeiro a ministrar um curso de psicologia

experimental na Sorbonne, e o primeiro a ocupar uma cadeira no *Collège de France* de Psicologia Experimental e Comparada. Suas primeiras publicações também são marcos da entrada da psicologia científica na França. Além disso, ele é o responsável por divulgar, em francês, a psicologia inglesa e alemã da época, trazendo para o país as novas pretensões de uma psicologia científica.

Enquanto defende a “nova psicologia” de base científica, Ribot escreve textos com críticas bastante ácidas à filosofia de seu tempo. Ainda mais contundente que na introdução de *La psychologie anglaise contemporaine* (1870), seu artigo de 1877, *Philosophie et psychologie em France*, traz uma posição bastante radical. Para ele, o ecletismo seria uma “doutrina sem originalidade, estando absolutamente distante das descobertas científicas” (Ribot, 1877a, p. 107). Ainda neste artigo, responsabiliza Victor Cousin por instaurar uma hegemonia de pensamento duradoura. Trinta e sete anos se passaram entre a nomeação de Cousin ao ministério da educação e o texto de Ribot. Como vimos, após 1830, a França passou por vários regimes políticos: saiu da monarquia constitucional de Luis-Philippe, atravessou a segunda república, com a eleição de Napoleão III (Luis Napoleão), o segundo império (Golpe de Napoleão III), o golpe de estado republicano e a eleição de Mac Mahon. Ainda assim, para Ribot, a política educacional de Cousin se fazia sentir, não em seu estado puro, mas em seus efeitos: “Para compreender o estado atual da filosofia francesa, é necessário retornar trinta anos” (Ribot, 1877a, p. 107). Ribot acusa Cousin, com razão, de fundar e controlar uma filosofia oficial, cujo programa é determinado pelo estado e ministrada pelo próprio estado em todo o ensino público. Segundo a interpretação de Ribot, o ecletismo parte de um princípio fundamental: “tudo já foi dito, o período dos sistemas acabou, tudo que temos a fazer é interrogar a história, guardar o que é verdadeiro em cada sistema e a partir de todos estes elementos formar uma *perennis philosophia*.” (Ribot, 1877a, p. 107). Mas ele admite que havia oposição a Cousin que, de um lado, era feita pelos católicos, que o acusavam de panteísta e, de outro, pelos comunistas, socialistas e humanistas que sempre denunciaram com estranheza da criação de um Estado filosófico. Desta forma, seu poder foi sendo diluído ao longo do tempo. Segundo Ribot (1877a, p. 108) foi a revolução de 1848, com a eleição de Napoleão III, que deu um golpe fatal no ecletismo. Dois anos mais tarde, em 1850, a decadência da filosofia em geral foi completa, sendo suprimida no ensino público, e substituída pela “lógica”. Este “sono” durará 12 anos, mas segundo Ribot, será um sono fecundo, pois germinará o movimento positivista francês.

Por toda a Europa, as psicologias mais metafísicas, como era o caso do ecletismo de Victor Cousin, estavam bastante frágeis diante dos ataques positivistas. Se a consolidação de

uma psicologia mais precisa e mais científica, baseada em fatos, era uma tendência geral na Europa, em cada contexto ela tomou formas diferentes. Na Inglaterra, os estudos eram focados, principalmente, no estudo das imagens e associações de ideias, o chamado associacionismo. Na Alemanha, seguindo-se a Weber, Fechner e Wundt, percebe-se a importância atribuída às medidas. Ali, predominavam os estudos matemáticos de quantificação de sensações e de medidas de duração de fenômenos psicológicos. Na França, este movimento caminhou em direção à psicopatologia. Enquanto em outros países estudava-se o homem adulto normal padrão, pesquisadores franceses viam a possibilidade de analisar as funções mentais a partir do estudo das diferentes patologias nervosas e mentais. Janet (1928) reconhece as importantes contribuições da psicofisiologia e da psicometria, mas sugere que foi a psicopatologia de Ribot que trouxe a maior contribuição prática, inclusive para outros campos de saber (pedagogia, medicina e, até mesmo, para o campo da filosofia geral).

Ribot é um bom exemplo do desenvolvimento dos estudos psicopatológicos na França, já que considerava as patologias como *experimentos naturais* (Ribot, 1909). Suas obras de psicopatologia como *Les maladies de la mémoire*, *Les maladies de la volonté*, *Les maladies de la personnalité* são importantes referências e foram consideradas, por muito tempo, o breviário de psicólogos e médicos (Janet, 1928). O conhecido médico Jean-Marie Charcot o citava frequentemente. Em uma de suas mais célebres aulas, Charcot menciona *Les maladies de la mémoire* como exemplo metodológico a ser seguido (Charcot, 1885). Ribot, por sua vez, freqüentava as aulas de Charcot. Quando Pierre-André Brouillet Charroux, em 1887, registra uma aula do médico em seu famoso quadro *Une leçon clinique à la Salpêtrière* (atualmente no museu de Nice), Ribot é uma das personalidades retratadas, entre várias, que contribuíram para história da medicina moderna. Assim como Freud, Ribot era admirador do trabalho de Charcot e incentivava seus alunos a frequentarem suas lições na Salpêtrière e a não se restringirem ao estudo da filosofia. Esta recomendação foi acatada por alguns de seus seguidores, como Pierre Janet (1859-1947) e Alfred Binet (1857-1911). É de se notar que esta aproximação entre a psicologia e a medicina teve influência direta nas características da psicologia científica francesa⁷.

⁷ Brooks (1993) aponta para a polêmica falta de laboratórios de psicologia, que será suprida por laboratórios de medicina, e critica Ribot por jamais ter dirigido um laboratório de psicologia. Entretanto Carroy e Plas (1996) argumentam que este seria um pressuposto presentista, pois, de fato, à época a noção de laboratório para psicologia era bastante diferente da atual. Além de tudo, como nos aponta Jacó-Vilela e Monteiro (2004), Ribot toma experimento em um sentido mais amplo de experimentar, sentir, viver, valendo-se da dupla conotação da palavra em francês. Voltaremos a este ponto no terceiro capítulo.

Embora a obra de Ribot possa ser dividida em três fases distintas, segundo o tema, toda a história de vida de Ribot está impregnada com a força de sua determinação e entusiasmo, marcando sua influência no percurso de consolidação da psicologia científica na França. Alguns episódios ilustram estas características.

Em 1857, Ribot foi aprovado em seu *baccalauréat* (exame do final do ensino médio) e seu pai o obrigou a trabalhar na austera administração de “*l’Enregistrement , des Domaines et du Timbre*”, responsável pela venda de selos fiscais. Trabalhou por três anos neste departamento, mas no dia em que completou sua maioridade (vinte e um anos) pediu sua demissão sem avisar a ninguém. Embora não sendo considerado um aluno de excelentes notas, Ribot comunicou a seu pai que iria se preparar para o seletivo concurso da *École Normale Supérieure* (ENS) (Lamarque, 1928). Ele se inscreveu no *Collège Saint-Barbe*, em Paris, em um curso de dois anos de duração. Ainda assim, em 1861, ele foi considerado somente admissível e não conseguiu ingressar na ENS. Ele perseverou e no ano seguinte, já com 23 anos, ficou em décimo sétimo lugar entre os 20 candidatos admitidos na linha de Letras. Para se ter uma ideia da dificuldade desta seleção, naquele ano concorreram 280 candidatos para as 35 vagas no total.

Aceito, então, na ENS, ele iniciou sua formação. Na seleta escola, recebeu várias influências: Elme Caro (1826-1887), forte crítico do ecletismo de Victor Cousin (1792-1867); Albert Lemoine (1824-1874), amante da fisiologia e patologia; Jules Lachelier (1832-1918), com sua capacidade analítica precisa, sóbria e rigorosa. Além disso, Ribot conviveu com vários alunos que teriam destaque, assim como ele próprio, em suas carreiras profissionais, como Henri Joly (1839-1925); Gabriel Monod (1844-1912); Felix Alcan (1841-1925), que se tornará importante editor francês; e Alfred Espinas (1844-1922). Estes dois últimos se tornaram seus amigos próximos.

Em 1863, Ribot obteve sua licença em letras. Mas, para seguir seus objetivos e ser nomeado professor titular em um Liceu, ele precisaria ainda do título de *Agrégé* em filosofia. Naquela época, para concorrer a este título, extremamente prestigioso, era necessário o exame de *baccalauréat* em ciências e licenciatura em letras. Não era obrigatória a passagem pela ENS, mas neste caso o candidato deveria já ter alguns anos de magistério em escolas e colégios. O concurso para *Agregation* era tão seletivo quanto o número de vagas abertas pelo ministério. As provas consistiam em duas etapas: as provas eliminatórias e classificatórias. As provas eliminatórias para os candidatos às vagas de filosofia consistiam em duas dissertações em

francês: uma sobre filosofia e outra sobre história da filosofia. Vale lembrar que o programa do espiritualismo eclético de Victor Cousin ainda estava em vigor e dava o tom das provas. Nas provas classificatórias, o candidato deveria responder oralmente a três questões: primeiramente corrigir uma redação sorteada entre as dissertações sobre filosofia francesa e latina compostas no Concurso Geral de Paris. Em seguida, o candidato deveria explicar e comentar um texto filosófico grego, um latino e um francês, que eram sorteados entre aqueles indicados pelo ministro. Por fim, o candidato deveria fazer uma aula sobre um tema do programa de ensino dos Liceus. Naquele ano (1865), faziam parte do júri Felix Ravaisson (1813-1900), inspetor geral do ensino público, Francisque Bouiller (1813-1899), decano da faculdade de letras de Lyon, e dois professores do *Collège de France*. Vinte e oito pessoas se candidataram às provas eliminatórias e apenas dez puderam concorrer às classificatórias. Ribot foi reprovado na prova oral (classificatória) e, naquele ano, não pode ser nomeado professor titular. Lecionou, então, no Liceu Vesoul substituindo um professor titular. Notamos na dificuldade do concurso um indício do controle do estado exercido sobre o ensino de filosofia na França àquela época.

No ano seguinte, Ribot se apresenta novamente e fica em quinto lugar, ocupando uma das cinco vagas disponíveis na França em 1866. Ribot atribui seu mau posicionamento à interpretação do júri, como se a brevidade de sua aula fosse uma marca de desdém. Segundo Nicolas (2005), a dificuldade e o formato do concurso impulsionaram o desgosto de Ribot pelos filósofos espiritualistas assim como pela metafísica. De fato, seu sentimento em relação ao concurso é bastante crítico, como mostra sua carta a Espinas, colega e amigo da ENS:

Você não insiste bastante sobre o lado bastardo do concurso. Eles querem criar filósofos? É uma pretensão ridícula e inadmissível. Será que eles querem criar professores de filosofia como alegado? Então este concurso é pouco adaptado ao seu objetivo. Nenhum exame pedagógico: nada que se assemelhe a uma aula de filosofia. (Ribot, 1884, p.58)

Depois de aprovado no concurso, Ribot continuou ensinando no liceu Vesoul, nomeado agora como titular. Desgostoso de permanecer na mesma instituição, escreveu a Espinas: “eu me resigno; eu estou em um estado de inércia completa. Eu me consolarei retomando meus estudos de hindu, abandonados há tanto tempo, e meditando sobre a grande doutrina budista da esterilidade do esforço” (Ribot conforme citado em Nicolas, 2005, p. 12). Nesta época, Ribot lia J. Muller, Taine, Stuart Mill e Spencer sobre o qual escreveu: “Eu declaro que é uma das obras mais originais e mais interessantes que eu conheço, é a psicologia estudada à maneira positiva,

ou seja, abstraindo da questão da substância e se apoiando na fisiologia” (Ribot conforme citado em Nicolas, 2005, p. 12). Ele começou, então, a traduzi-lo para uso pessoal. Além destes trabalhos, se dedicava, nesta época, a obras de história e medicina e à filosofia inglesa de Bain, Bailey e Lewes. Apesar de ter sido uma época de bastante estudo e algum trabalho (apenas 15 horas de curso no Liceu Vesoul), ele não estava feliz:

Eu te confesso que é em vão. Eu não consigo me habituar aqui. A vida no interior me é tão odiosa como no primeiro dia. Eu me isolo, vivo em casa longe do mundo oficial e banal; eu só consigo vegetar. Aliás, eu tenho a reputação bem estabelecida de ser selvagem, misantropo e cético.(Ribot conforme citado em Nicolas, 2005, p. 12)

Suas relações com a igreja eram muito ruins: “eu fui perseguido pelo clero: acusado de ceticismo, panteísmo, etc.” (Ribot conforme citado por Nicolas, 2005, p. 13). Finalmente, após três anos em Vesoul, em outubro de 1868, ele conseguiu uma transferência para Laval, uma cidade um pouco maior e mais próxima de Guingamp, onde lecionou por quatro anos. Nesta época, já dava grande importância à psicologia em seus cursos, deixando a lógica, a moral e história da filosofia em segundo plano (Dugas, 1917). Assim como em Vesoul, em Laval seu espírito crítico o fez ser perseguido pelo clero e suas relações com o trabalho e a comunidade degradaram. Nesta época, ele trabalhava muito para si mesmo, em suas leituras, na tradução de Spencer e em seu livro sobre a psicologia inglesa.

Em 1870, morando ainda em Laval, Ribot publicou *La psychologie anglaise contemporaine*. Esta obra hoje é considerada marco da introdução da nova psicologia na França. Entretanto, foi recebida de maneira bastante contraditória à época. Se, por um lado, foi considerada como audaciosa e subversiva (principalmente a introdução da obra), em termos de venda teve bastante aceitação, inclusive do público leigo. *La psychologia anglaise* contou com uma segunda edição, em 1875, e uma terceira, em 1883. Seu autor ganhou visibilidade, sendo reconhecido como discípulo de Taine. Na sua cidade de domicílio, a aceitação de seu sucesso foi mais modesta, uma vez que o clero continuava a julgá-lo como materialista e ateu o que, de fato, ele nunca foi (Nicolas, 2005). Bem mais longe dali, sua obra foi tão mais bem aceita quanto às cartas que recebeu em apoio. Entre as cartas de incentivo que recebeu estão as de Stuart Mill, Spencer, Taine.

O ano de 1870 foi bastante conturbado para a França e para Ribot. Além da publicação de *La psychologie anglaise*, ele começava a escrever sua tese sobre a hereditariedade. No campo político, a guerra franco-prussiana atrapalhou o ano escolar a tal ponto que o exército francês

ocupou o prédio do Liceu Laval. Foi também neste ano que seu pai morreu de varíola. Ribot também pegou a doença, escapando com vida por milagre (Nicolas, 2005). Todos estes eventos, acrescidos ao ataque sofrido por suas obras polêmicas, o levaram, em 1872, a pedir uma licença e a se mudar de Laval, instalando-se definitivamente em Paris. Em novembro do mesmo ano, ele se inscreveu na Faculdade de Medicina e começou a frequentar as aulas teóricas e as aulas práticas nos hospitais. Ribot ambicionava o título de doutorado na Sorbonne e para tal era necessário apresentar duas teses, uma em latim e outra em francês. Em latim, sua tese foi sobre David Hartley; e em francês apresentou *La question de l'hérédité psychologique*.

La question de l'hérédité psychologique (1873) foi a primeira tese francesa de psicologia científica. Naquele contexto político instável, a questão universitária era bastante sensível por ser campo fecundo de disputa de poder. Por um lado, o clero criticava cada vez mais o monopólio do estado sobre o ensino superior; por outro, a tolerância do estado era mínima, nenhum erro era permitido às instâncias universitárias, sendo ali um foco de grande pressão. A proibição de uma tese ou mesmo um ataque muito forte a um candidato cuja proposta ia contra as ideias oficiais seria muito mal vista. Os contra-ataques seriam violentos do lado dos republicanos progressistas e, sobretudo, do clero reacionário que aproveitaria qualquer passo em falso para exigir do governo reformas do ensino superior. Lembremos que somente em 1875 foi decretada oficialmente a liberdade de ensino superior com a criação de universidades livres. Neste contexto, no dia 13 de junho de 1873, Ribot defendeu sua tese, transformada em um verdadeiro evento intelectual e político (Nicolas, 2005). Ciente de sua posição polêmica, ele temeu este momento: “todos são unânimes em dizer que eu devo esperar uma defesa muito rude e ataques violentos” (Ribot conforme citado por Nicolas, 2005, p. 20). Ainda sobre sua tese escreveu:

Eu creio já ter te escrito que fizeram da minha defesa uma questão de estado (...) Eles temem manifestações positivistas! (isto é fantástico) e (o que é mais sério) latidos de jornais em uma ou outra direção. Caro chama minha tese de uma provocação de 600 páginas. Tudo isso, como você imagina, está longe de me fazer bem diante do ministério. (Ribot conforme citado por Nicolas, 2005, p. 20)

Felizmente, tudo ocorreu bem na sua defesa. Foi aprovado, em 1873, inclusive pelo filósofo Paul Janet (1823-1899), que sempre teve uma posição dúbia em relação a ele. Após receber o título, Ribot renovou sua licença e continuou seus estudos. Coursou histologia durante três anos no laboratório de Charles Robin (1821-1885) e escreveu suas impressões ao amigo Espinas: “desde as oito da manhã eu estou (...) no meio de cérebros, de reativos, de microscópios, eu começo a

ver o que é o sistema nervoso” (Ribot conforme citado por Nicolas, 2005, p. 22). Assistiu, também, aulas de Claude Bernard (1813–1878) e mais tarde às apresentações de Charcot (1825–1893), com quem estabeleceu laços estreitos de amizade.

Em 1874, G. Balière publicou o primeiro volume da obra de Spencer (traduzida por Ribot) e encomendou a Ribot um volume sobre Schopenhauer, que foi publicado também em 1874. Foi com Balière que ele executou outro importante projeto, em 1876: a publicação do primeiro número da *Revue Philosophique de France et de l'Étranger*. Ribot foi o fundador da revista e seu diretor por cinquenta anos, até sua morte. Esta revista mensal se distinguirá das outras revistas por seu perfil mais democrático e aberto às várias escolas. Em carta a Espinas, de abril de 1875, ele faz questão de ressaltar: “Ela terá por característica ser aberta; nada de espírito de seitas (Littre, Renouvier)” (Ribot conforme citado por Nicolas, 2005, p. 23). Esta característica é enfatizada também no seu Prefácio ao primeiro volume e parece nos lembrar a força de sua crítica à hegemonia de pensamento proposta anos antes por Cousin. Ele assim escreve:

A revista filosófica cuja publicação nós começamos se propõe a ser aberta a todas as escolas. A este título, ela não tem nenhuma profissão rigorosa a fazer, e é suficiente indicar brevemente o objetivo perseguido por ela e os meios que ela pretende empregar. Pode-se, fundando um jornal filosófico, se propor a ser intérprete exclusivo de uma doutrina, representante de um sistema único e, por isto, não aceitar nada que se afaste dele. Esta não é nossa intenção. Há, na França, publicações deste gênero que cumprem sua tarefa com ardor. Mas nos parece que, ao lado delas, havia lugar para um trabalho de outra ordem que terá também sua utilidade. Nossa revista se propõe a dar um quadro completo e exato do movimento filosófico atual, sem exclusão de nenhuma escola. Ela não quer ser órgão de nenhum sistema e convida estrangeiros e franceses. (...) A revista se esforçará em ajudar todos aqueles que pensam que para descobrir não é suficiente se fechar em si mesmo, fornecendo-lhes o que ela pede antes de tudo a seus colaboradores: fatos e documentos. (Ribot conforme citado por Nicolas, 2005, p. 24)

Ribot contava com importantes colaboradores, como revela a seu amigo Espinas: “este projeto foi aprovado sem reservas por Brouiller, Léveque (que prometeu artigos), Lachelier (que praticamente me prometeu um sobre silogismo! (...) Eu conto com artigos de Bain, Spencer, Lewes, Taine, Wundt, Luys” (Ribot conforme citado por Nicolas, 2005, p. 24). Entretanto, algumas figuras ilustres da época demonstraram seu descontentamento, como ele nos apontou em outro trecho da carta: “Caro desconfia. Janet, muito hostil, sobretudo à minha direção,

começa a se acalmar. Ele gostaria de fundar uma revista (tentativas infrutíferas em 1868 e 1872), *inde irae*” (Ribot, conforme citado por Nicolas 2005, p. 24). A revista *Critique Philosophique* de Charles Renouvier (1815-1903) acolheu a nova revista, entretanto, a revista *Philosophie Positive*, dirigida por Émile Littré (1801-1881), discípulo de Auguste Comte, declarou que o novo periódico não tinha razão de ser, já que existiam outras revistas filosóficas (Janet, 1928). Fundada na mesma época que a famosa *Mind*, a *Revue Philosophique* ainda existe até hoje, cento e trinta e cinco anos depois. É considerada a melhor obra coletiva concebida pela filosofia francesa, tendo um importante papel na democratização do pensamento filosófico no país, impedindo novas hegemonias de pensamento (Nicolas & Murray, 2000).

Com a revista, Ribot ficou ainda mais conhecido e pode atuar com mais força para a consolidação da psicologia na França. Entretanto, a situação política na França jamais foi simples, requerendo sempre uma delicada disputa de poder. Como vimos, desde 1860, aconteciam importantes reformas no sistema universitário, foco de luta política e disputas de poder. Com a derrota na guerra franco-prussiana (1871), os nervos se acirraram ainda mais, pois Ernest Renan (1823 – 1892), considerado o pai espiritual da terceira república francesa, atribuiu a derrota francesa ao excelente sistema de ensino universitário da rival Alemanha (Brooks, 1997; Nicolas, 2005). Desta forma, Renan empenhou-se em realizar sucessivas reformas que inovaram o ensino superior francês. Nesta época, alguns reformistas como Emile Boutroux (1882) e Paul Bret (1872) já haviam publicado projetos que pretendiam introduzir a psicologia (ainda sem uma proposta clara) nas universidades francesas, mas o dogmatismo filosófico não permitia a consolidação da disciplina (Nicolas, 2005).

Por sua vez, Ribot já planejava, desde 1880, ensinar a nova psicologia na universidade. Seus planos ficam claros na carta de 25 de fevereiro de 1880 ao seu amigo Espinas:

Alguns amigos de fora da Universidade aconselham-me a lecionar em algum lugar (?) a nova psicologia. O *Collège de France* me parece temerário; eu havia pensado em pegar a *École des Hautes Études*. Eu me contentaria com 2000 francos, soma suficiente para pagar alguém que me aliviaria do grosso de minha Revista. Eu sondei Monod⁸, Maspéro, etc.: responderam-me que “seria muito interessante, mas que há um terceiro departamento de arqueologia a ser fundado e “três cadeiras de Cóptico⁹ etc. e que não há lugar”. Entrei rapidamente de volta em minha concha... Em suma, pela primeira vez que

⁸ Gabriel Monod (1844-1912) será crítico de Ribot. Associou-o ao budismo (Brooks, 1857).

⁹ Relativo as primeiras igrejas cristãs.

eu tentei algo em dez anos, fui interrompido *in limine*. Eu creio, entretanto, que seria capital fundar este ensino por mais modesto que fosse”. (Ribot citado por Lenoir, 1970, p.170)

Assim, a dificuldade de criação de novas cadeiras o impedia. A nomeação de Paul Bret (1833-1886) como Ministro da Instrução pública o encheu de esperanças, logo frustradas. Bret criou uma cadeira de História das Doutrinas Psicológicas na EPHE (École Pratique de Hautes Études), mas indicou Jules Soury (1842–1915) para ocupá-la. Sobrou para Ribot a possibilidade de apresentar um curso na modalidade “curso livre” na Sorbonne. Ele recusou com a veemência que lhe era característica, como demonstra na carta que escreve a seu amigo Espinas em 26 de novembro de 1883:

Dumont fez através de Marion uma quarta tentativa para que eu ofereça um curso livre (novo gênero) na Sorbonne. Mais do que nunca, eu respondo categoricamente: não. Eu não aprovo a necessidade de oferecer um curso a título instável, tolerado e gratuito (e mesmo caro) pela honra de ser um sob-sob-sob Waddington. Quando se cria um curso oficial e remunerado pensam em Soury. Quando se trata de um *experimentum in anima vili* pensam em mim. Obrigado pela preferência. (Ribot citado por Lenoir, 1970, p.347)

Foi somente pela autoridade de Liard (1846 -1917) que, em 1885, a psicologia científica entrou na Sorbonne. O primeiro curso de psicologia científica, criado para Ribot, foi fruto de uma decisão ministerial sem a participação dos universitários. Como nos apontaram Jacó-Villela e Monteiro, foi necessário “alguém externo à universidade para apresentar outro tipo de psicologia, e este personagem será justamente Ribot (...)” (Jacó-Vilela & Monteiro, 2004, p. 10). Ele expõe sua visão dos fatos em uma carta:

Liard, por iniciativa própria, sem que eu tenha pedido o que quer que seja, vai criar para mim um curso complementar de psicologia na Sorbonne. Difícil de recusar. Eu levantei toda espécie de objeções. Rejeitaram. Eu declarei que não queria provas: aceito, etc. (...) etc. A Sorbonne me acolhe sem entusiasmo e eu tenho ainda menos, se é possível. Aí está, treze anos que não dou aulas, estou enferrujado. Por outro lado, terei eu saúde suficiente para conciliar este trabalho com o de minha Revista, que eu não abandonarei nunca? Um último ponto resta para acordar: eu estou decidido a dar apenas uma aula por semana. Se não, nada feito. Mas as coisas vão se arranjar porque eles sabem que minha demanda é ir embora. Eu só aceitarei como tentativa: se eu não conseguir ou se isso me cansar, eu largarei. É um pesadelo que envenena minha existência e eu sinto

que faço uma loucura aceitando. Para corrigir o mau efeito de minha nomeação, Boutrou será também encarregado de um curso complementar (filosofia alemã). (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 159)

A veemência de sua insatisfação ao cargo continua em outra carta, alguns dias depois: “Sim, o ensino universitário é uma tolice. Estou convencido.” (Ribot citado por Lenoir, 1975, p.159). Ainda assim, em 31 de julho, assumiu oficialmente seu posto na Sorbonne, encarregando-se do primeiro curso de psicologia experimental da França. Sua primeira aula data de sete de dezembro de 1885 e foi publicada na “*Revue Politique et Literaire*”, marcando a importância do evento. Dauriac vai além, tomando o evento em sua dimensão política:

A entrada do senhor Ribot na faculdade de letras de Paris será um dos eventos filosóficos mais consideráveis deste tempo. Não há como negar(...) As portas do velho edifício se abrem para deixar passar os dissidentes e os hereges. Que revolução, não é? Mas porque falamos de dissidentes e hereges, pois é declarado que a Sorbonne deixou de ser uma igreja?- Então, não haverá mais filosofia oficial do estado? Então, toda a distinção vai se apagar entre a filosofia sã e insana? Então cada um, a condição de bem saber, poderá livremente dizer o que sabe e ensinar o que pensa? (..) Sem dúvida as coisas se passarão na Universidade de Paris como elas se passam nas universidades inglesas e alemãs, nem mais, nem menos. A Sorbonne entra em uma nova via, absolutamente nova: isto é importante de se dizer e de se felicitar. A abertura (...) do curso de M. Ribot é o primeiro passo na direção para a qual ainda será necessário caminhar e talvez por muito tempo para completar todas as melhorias desejadas. Até hoje, poder-se ia crer que estas melhorias eram lendas gregas. A partir de hoje, nos é permitido crer que as gerações presentes verão acontecer. (Dauriac citado por Nicolas, 2005, p.34)

Contudo, para Ribot, a experiência é bem diferente. Em várias de suas cartas, ele se queixou de seu ofício na Sorbonne. Segundo ele, o tempo que ele passava ensinando alguns alunos poderia ser dedicado a escrever artigos e livros que poderiam ser lidos por milhares de pessoas. Frases fortes como “A perspectiva deste curso continua a envenenar minha existência” (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 161) dão o tom de sua insatisfação. Ele escreve a Espinas, em 27 de dezembro de 1885:

O ofício de Professor na Sorbonne é o mais bobo, o mais vão e o mais esmagador que eu conheço. Eu creio que não continuarei. De um ponto de vista unânime eu tive

sucesso; mas eu sei o que isso me custa: insônia, febre, tempo perdido. Eu creio não ter saúde suficiente para este malabarismo de dois trabalhos. - Tenho muita gente e um público muito heterogêneo: professores de faculdades e liceus, normalistas, candidatos a *agregation*, padres, estudante russo (niilista), médicos, estudantes de medicina; é uma torre de Babel. Tudo isto não me ensina nada e acaba com minha saúde por dois mil e oitocentos francos. Só tenho uma vontade, a de ir embora. (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 162-163)

Ainda assim, ele persistiu por três anos, sem nunca se adaptar. Sua carga horária anual era de apenas 24 horas por ano, segundo suas próprias contas. E, com ironia, escreveu: “A Sorbonne e eu estamos de acordo que já é o bastante” (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 161). Apesar da carga horária de trabalho reduzida, Ribot fez um intervalo em suas publicações: publica *Les maladies de la personnalité*, ainda em 1885 e, somente em 1887, publicou novamente.

Foi também em 1887 que Ribot foi surpreendido com a visita de Ernest Renan, administrador do *Collège de France* naquela época. Renan sugeriu que ele substituísse um professor que iria se aposentar, transferindo-se da Sorbonne para o *Collège de France*. Contudo, seria necessária a anuência da instituição. O administrador pretendia substituir a cadeira de “Direito da natureza e direito das pessoas” por uma cadeira de psicologia. Este seria mais um grande golpe na antiga filosofia de Cousin, visto que a cadeira era ocupada por Adolphe Frank (um espiritualista). Mas a batalha não estava ganha. Começou, então, uma campanha para eleição do novo ocupante. Os principais nomes na disputa eram Ribot e Joly (espiritualista).

O *Collège de France* sempre foi uma instituição com características peculiares. Embora faça parte do ensino superior francês, foi criado por François I, ainda em 1530, com princípios opostos aos da universidade. Depois do reinado de Luis XV, tornou-se cada vez mais destinada ao ensino erudito, distanciando os professores do grande público. Esta proposta agradava Ribot e ele se envolveu na disputa, conseguindo sua eleição. Bem mais animado com suas aulas no novo ambiente, ministrou a sessão de abertura em nove de abril de 1888. Nela, ele apresentou a cento e vinte alunos a situação do estudo da psicologia nos países que desenvolviam a nova ciência. Entre os países citados estão França, Inglaterra, Alemanha, Itália e Estados Unidos (Nicolas, 2005).

Com sua carreira consolidada por suas publicações, sua Revista, sua visibilidade como professor na Sorbonne e sua conquista de uma cadeira no *Collège de France*, Ribot continuou seu percurso estudando e publicando. Após a primeira fase de seu trabalho, que começou em 1870

com a publicação de *La psychologie anglaise* e se estendeu até *La psychologie allemand*, em 1879, sua obra pode ser dividida ainda em duas fases: estudos psicopatológicos e estudos da vida afetiva e dos sentimentos.

De 1879 a 1885, seu foco foram os estudos psicopatológicos. Entre eles, destacamos seus estudos sobre a memória (*L'étude de la mémoire*, 1881), sobre a vontade (*L'étude de la volonté*, 1883), sobre a personalidade (*L'étude de la personnalité*, 1885) e sobre a atenção (*L'étude de l'attention*, 1889), que também serão publicados em uma série de artigos. Estudos sobre o pensamento também estão agrupados nesta fase, sendo seus principais representantes *L'évolution des idées générales* (1897) e *L'imagination créatrice* (1900).

Em uma terceira fase, sua obra concentrou-se sobre a vida afetiva e os sentimentos. Com vários artigos publicados sobre o tema, este período teve como representantes de maior volume *La psychologie des sentiments* (1896), *La logique des sentiments* (1905), *L'essai sur les passions* (1907), *Les problèmes de psychologie affective* (1910) e *La vie inconsciente et les mouvements* (1914). Em seu prefácio para “A lógica dos sentimentos”, Jacó-Villela e Monteiro (2004) apontam que Ribot “chega, assim, à observação de importância dos afetos e sentimentos, daquilo pouco valorado até então, para que a recém-inventada psicologia possa ser, de fato, ciência da subjetividade humana” (Jacó-Vilela & Monteiro, 2004).

Embora o percurso intelectual de Ribot seja bastante rico e interessante, nos limitaremos neste trabalho apenas à sua primeira fase. Justifica-se este recorte pela extensão de sua obra. Neste trabalho apresentaremos um segundo capítulo onde os livros *La psychologie anglaise* e *La psychologie allemand* serão abordadas, bem como alguns outros textos do período. Por fim, após um panorama geral desta fase, levantaremos a ideia de método desenhada pelo autor.

Capítulo 2

Considerações iniciais sobre o método em Ribot

Neste capítulo, trataremos das duas obras mais importantes publicadas pelo autor em sua primeira fase: *La psychologie anglaise contemporaine* e *La psychologie allemande contemporaine*. Estas duas publicações têm formato semelhante. Elas descrevem o pensamento de autores ingleses ou alemães que estudam a psicologia de forma positiva. Para cada uma delas Ribot escreve uma extensa introdução onde se posiciona seja esclarecendo sua visão sobre a psicologia na França naquele período, seja revelando suas ideias sobre o que ela deveria se tornar. Estes dois trabalhos tiveram um grande impacto sobre a psicologia francesa. Segundo Marchal e Nicolas (2000), juntamente com *Les méthodes de la psychologie* (Ribot, 1909), os dois prefácios constituem as três maiores contribuições de Ribot e são um marco importante para a emancipação da psicologia na França.

Além destas duas obras, trataremos, neste capítulo, de um texto publicado por Ribot em 1877 na revista *Mind*, intitulado *Philosophie et psychologie en France* (Ribot, 1877a). Neste texto, Ribot apresenta um panorama geral da situação da filosofia na França e através dele fica clara a posição do autor em pontos importantes que nos ajudarão a esclarecer nossa questão. Optamos por incluir este texto neste capítulo, pois é um texto da primeira década da obra do autor e assim como em *La psychologie anglaise* e *La psychologie allemande*, Ribot expõe um panorama geral e ideias de outros autores se posicionando através deles. Preferimos não seguir uma ordem cronológica, deixando este texto para o final do capítulo, para uma melhor organização do texto.

2.1 – A Psicologia Inglesa (1870)

Em 1870, Ribot morava em Laval e lecionava em um colégio local. Embora tenha conseguido sua transferência de Vesoul, uma cidade ainda menor que Laval, ele não estava feliz com sua nomeação. Em sua carta de 22 de novembro de 1868 demonstra seu descontentamento: “A região só é hospitaleira para os padres (...) eu sofro muito isolamento e não há com quem trocar ideias fora do círculo trivial e a palavra que resume minha situação é entediado” (Ribot citado por Lenoir, 1957, p.4).

Levando uma vida tranquila, Ribot dedicava-se à leitura dos mais variados estilos. Nesta época, lia memórias e crônicas e se empenhava no estudo da história. Entretanto, seu tema de interesse sempre foi a psicologia. Ele justifica alguns de seus estudos dizendo que para ele, assim como para Taine e Renan, “a verdadeira psicologia é a história” (Ribot, 1867, p. 3). Além destas

leituras, ele estudava medicina, tanto quanto era possível em Laval. Foi neste momento que Ribot leu Moreau de Tours (*Psychologie Morbide*), declarando-se bastante interessado (Ribot, 1867).

Seu interesse pelos autores ingleses também já estava explícito. Em suas cartas ao amigo Espinas, Ribot relata:

Enquanto espero eu leio muito: livros de ciência, Taine, positivistas. Eu de gosto Stuart Mill. Enfim, esta manhã, eu recebi de Londres *Principles of Psychology* do famoso positivista Herbert Spencer: eu tenho vontade de traduzi-lo. Este volume custa 20 fr (um volume), mas não é muito caro, pois se trata de um positivista. (Ribot citado por Lenoir, 1975, p.2)

Sobre Spencer ele declara: “é uma das obras mais originais e mais interessantes que eu conheço. É a psicologia estudada a maneira *positiva* quer dizer, abstração feita da questão da substância e se apoiando sobre a fisiologia” (Ribot citado por Lenoir, 1957, p. 2).

E, à medida que se aprofunda, seu interesse pela psicologia positiva inglesa aumenta. “Eu estou mergulhado até o pescoço no positivismo inglês. Eu leio (no texto) Spencer, Bain, Bailey, G. Lewes. Tudo isso me parece muito forte”. (Ribot citado por Lenoir, 1957, p.3).

Em 1870, Ribot publica pela primeira vez, na França, ideias da nova psicologia inglesa. Ele justifica sua escolha por aquele país, argumentando que foi a Inglaterra, a partir de Hobbes e Locke, o país que mais fez pela psicologia. Ele afirma que duas correntes principais tratam da psicologia na Inglaterra: a Escola *a priori* (representada por Hamilton, Whewell, Mansel, Ferrier) e a Escola *a posteriori* (o associacionismo). Ciente de que um estudo completo deveria tratar das duas escolas, Ribot assume que tratará apenas da segunda. Sua escolha baseia-se no fato da escola *a posteriori* estar de acordo com as tendências mais novas e serem ainda desconhecidas na França. Além disso, o estudo da psicologia fundado na associação de ideias representava uma tendência que despertava o interesse do autor. Ele, assim como muitos filósofos franceses, sentia a necessidade de sair das discussões metafísicas e das explicações puramente verbais. Aquele era um momento propício, pois os ataques positivistas, sobretudo as críticas feitas por Taine, fragilizavam a psicologia de Cousin. Publicada neste contexto, sua obra é bem aceita, a ponto de ter uma segunda edição já em 1875 e uma terceira em 1883. O livro foi traduzido para várias línguas: inglês, russo, italiano, polonês, espanhol e alemão.

La psychologie anglaise é considerada um marco para a consolidação da psicologia como ciência na França (Nicolas, 2005; Lamarque, 1928). É um livro relativamente extenso, no qual ele apresenta as ideias centrais de psicologia proposta pelos principais autores ingleses que tratam de temas da psicologia. As ideias de James Mill, John Stuart Mill, Herbert Spencer, A. Bain, George Lewes, Samuel Bailey, J. D. Morell, J. Murphy são descritas separadamente.

É importante notar, entretanto, que há uma diferença bastante importante na primeira edição do livro, como explica o prefácio de Ribot à segunda edição. Neste prefácio, de 1875, há um pequeno balanço da inserção da obra até aquele momento. De início, o autor constata que na época da publicação a psicologia inglesa era quase desconhecida na França, mas que em consequência desta obra estas ideias de psicologia acabaram sendo popularizadas e mesmo bem aceita. A segunda edição, publicada cinco anos depois da primeira, foi atualizada com os trabalhos produzidos na Inglaterra neste período, alterando a primeira edição francesa e a tradução inglesa. Algumas das principais diferenças são: a inclusão de um capítulo sobre Hartley, acréscimos no capítulo de Stuart Mill e de publicações de Bain e Lewes, além de comentários sobre naturalistas ligados à escola inglesa.

Apesar da clareza e precisão com que Ribot descreve os autores, é na introdução que, como dito anteriormente, ele se posiciona. Dividindo-a em nove pontos, ele apresenta sua visão sobre a filosofia, a separação das novas ciências e justifica o lugar da psicologia neste processo. Neste texto, ele critica a situação da psicologia da época e sustenta sua independência, reivindicando para a psicologia o direito de existir fora da filosofia. Afinal, para ele, este seria um processo evolutivo natural para toda ciência. A leitura atenta deste texto permite delinear algumas pistas importantes sobre a construção da ideia de psicologia científica que o autor traçará ao longo de sua obra.

Ribot parte da filosofia, fazendo uma leitura histórica. Ou seja, refletindo sobre o que ela foi, podemos sentir o que ela se tornará no futuro. Assim, seguindo os passos da separação das ciências no passado, ele constrói uma ideia do que será a filosofia no futuro. Nesta perspectiva, propõe uma “tendência natural em direção ao progresso que fará sair da filosofia as ciências” (Ribot, 1870, p.1) assim como do embrião saem os órgãos. Esta noção de progresso adotada pelo autor era bastante comum no final do século XIX. A noção de progresso era entendida como um movimento evolutivo necessário e inevitável. Este movimento causaria efeitos em toda parte, inclusive na filosofia. Neste caso, o progresso seria uma crescente separação das ciências. Ou seja, há um progresso em curso e, assim como a matemática e a

linguística separaram da filosofia, naturalmente outras ciências teriam sua autonomia. Este surgimento progressivo das ciências não seria um desprendimento exclusivamente da filosofia. As artes, como a medicina e a alquimia, também seriam fontes de novas ciências. Delas teriam surgido a física e a fisiologia, por exemplo.¹⁰

Seja oriunda da arte ou da filosofia, uma disciplina pode tornar-se independente se preencher algumas condições. Ela precisa ter todo seu domínio explorado, ter claro seu objetivo bem como seus meios. Além disso, ela deve depender apenas dela mesma. Cumprida estas condições, a nova ciência conquista seu direito à independência. Mesmo que ela se preocupe com um detalhe, passe anos estudando um minúsculo corpo no microscópio, ela deve se tornar independente. Para ele, a especialização é necessária para o progresso da ciência, pois uma ciência exata, positiva não pode se limitar a afirmações vagas: ela deve provar e verificar suas asserções pesando cada detalhe. Além disso, ele observa que com este progresso um minúsculo detalhe se tornará um mundo de investigações. Desta forma, há uma progressiva cisão das diversas ciências em relação à filosofia e das ciências já estabelecidas em novas subciências (Ribot, 1870).

O que restaria para a filosofia, após este empobrecimento sucessivo? Se a filosofia era a ciência universal e tinha como objeto a natureza, Deus e o homem, o que ela se torna à medida que as ciências dela se desprendem? Uma vez que a física lhe tira a natureza e as ciências humanas lhe tiram parte do homem, o que lhe resta? Para responder a essa questão Ribot separa a filosofia entre o que ela era na época e o que, em sua visão, ela deveria se tornar. Ao descrever a filosofia da época, é ao espiritualismo eclético que ele se refere e é a ele que Ribot faz sua crítica. Ele a define como “uma mistura incoerente de quatro ou cinco ciências” (Ribot, 1870, p.6). Ele a compara a um ser que se separa por cissiparidade e que em certos momentos apresenta três ou quatro seres ainda ligados a um tronco comum.

Contudo, sua proposta não é eliminar completamente a filosofia. Para delimitar o lugar que a filosofia deveria ocupar, o autor toma o desenvolvimento das novas ciências e o que elas deixam para trás. Ribot observa que tão logo as diversas ciências se separam da filosofia, elas se desenvolvem rapidamente. Deixando para trás as questões de princípio, elas aceitam axiomas sem os questionar e focam-se em seu objeto. “Desta forma, em todos os tempos e lugares as ciências particulares, possuindo um objeto próprio, só se constituem deixando para trás, desde o

¹⁰ Para Ribot, as ciências saídas das artes têm valor igual às oriundas da filosofia. Ao se desprenderem da arte, elas comparam os fatos acumulados, eliminam os acidentes, separam o que é permanente e elaboram leis. Assim, elas atingem o estatuto fundamental de ciência que é a possibilidade de previsão. (Ribot, 1870)

início, um conjunto de questões não resolvidas”(Ribot, 1870, p.11). Esta seria a condição das rápidas conquistas de cada ciência tornada independente, pois à medida que se detêmno questionamento dos axiomas (como os da medida e do tempo), da legitimidade do método, correm o risco de nunca estarem seguras para começar. Assim, as ciências não devem deter-se neste tipo de questão. Não precisam nem mesmo definir um ponto preciso de início. Rigorosamente falando,elas não têm um ponto preciso de começo.Mesmo sem saberonde começam e para onde vão, ainda assim é possível precisar o que elas são (Ribot, 1870).

Deste modo, as ciências deixam de lado um grande número de questões.Estas questões ficam a cargo da filosofia. E, assim, como em sua origem, elase tornauniversal, mas de outra forma. Ela discute todas as causas primeiras. E, uma vez queo progresso das ciências conduz a generalizações cada vez mais amplas, construindo hipótesesgerais que explicam os fenômenos, esta evolução levaso espíritos preocupados com o geral de volta à filosofia. A filosofia se torna a metafísica. Ou seja, toda ciência constitui um movimento de análise e síntese. Ela distingue, separa e vai em direção ao infinitamente pequeno. Há um movimento necessário de síntese para definir as relações, agrupar as semelhanças e estabelecemleis, enfim, procurar o geral. Será domínio da filosofia aquilo que é anterior ao ponto de partida de cada ciênciabemcomo o que delas resulta. As diversas ciências abandonam à filosofia aquelas questões que elas não conseguem resolver. Deixam a cargo dela todo um domínio próprio onde não há nem medida nem verificação possível. A metafísica se tornaum deposito de verdades que não é possível demonstrar. A metafísica é, para ele, subjetiva; e a ciência, objetiva.

A ciência é obra de “um espírito impessoal”. A física, por exemplo, é uma só na França, na Inglaterra e em qualquer outro lugar. A metafísica, ao contrário,é uma obra pessoal e traz as características de uma pessoa, uma raça ou uma cultura. Esta última é local e efêmera porque o indivíduo comunica na sua obra sua fragilidade. Ela deixa de lado tudo que a ciência investiga. Segundo Ribot, “quando a filosofia se tornar o que ela deve ser não haverá nela nada mais que o geral, abstrações, ideias. Ela será *completamente* fora dos fatos”(Ribot, 1870, p. 15). Ele estabelece ainda uma importante diferença: a metafísica não é poesia. O poeta retrata coisas abstratas comcores vivas e de forma pitoresca; e o filósofo, ao contrário, busca a verdade. Entretanto, se aproximam quando tratados metafísicos parecem pura poesia, com seu vigor e entusiasmo. E completa dizendo que os metafísicos “são poetas que tem por objetivos reconstruir a síntese do mundo”(Ribot, 1870, p.15).

Assim, cabe à filosofia continuar a dar poesia à ciência. Ribot mantém um lugar para a filosofia e critica aqueles que propõem que se renuncie completamente às questões primeiras. Esta não seria, segundo o autor, uma atitude possível, nem desejável. O autor elogia o serviço prestado pelo positivismo quando este elimina toda a metafísica das ciências experimentais, e segue as regras de um bom método. Entretanto, faz sua crítica a ele discordando das afirmações de que a metafísica não pode ser tomada a sério porque afirma sem poder verificar nem demonstrar. Para ele, a importância da pesquisa não é medida por seu sucesso. Procurar sem esperança de achar não é insensato, pois, se não podemos achar, poderemos entrever. Posiciona-se dizendo que:

A experiência é muito, mas não é tudo e quem provará que os fatos valem mais que as ideias, e que as descobertas que as pesquisas? A filosofia ficará como uma tentativa eterna sobre o desconhecido. Ela não achará a última palavra das coisas, e felizmente, pois podemos dizer sem paradoxo que se a metafísica desse tudo que ela promete seria melhor forçá-la ao silêncio. Supondo resolvidas todas as nossas questões sobre Deus, a natureza, e sobre nós mesmos, o que restará a fazer para a inteligência humana? Esta solução seria sua morte. (Ribot, 1870, p. 18)

A missão da filosofia é manter a inteligência humana acordada, mostrando-lhe sempre que há algo misterioso para além daquilo que a ciência apresenta. Lembrar-nos disso já é um grande trabalho.

Partindo deste panorama, o autor defende a independência da psicologia, ainda que se justifique: “A primeira abordagem, eu sei, esta proposição, psicologia como ciência independente, pode parecer inaceitável” (Ribot, 1870, p. 19). Para ele, da mesma forma como nas outras ciências, há na psicologia uma parte que contém questões últimas, de princípio, de causas e de substâncias. Alguns exemplos são: o que é a alma, de onde ela vem e para onde vai. Enfim, há uma parte metafísica. Mas há também outra parte que tem fatos de natureza especial, que apesar de difícil observação e classificação podem constituir uma ciência. Para ele, “é o estudo puro e simples destes fatos que pode constituir uma ciência independente” (Ribot, 1870, p. 19). Esta seria a condição de sua existência. Ela deve estudar os fatos e separar-se da metafísica. Assim como a biologia não explica a vida, nem a física a matéria, a psicologia não aborda a essência da alma. Note-se que ela não é nem espiritualista, nem materialista, pois não trata da questão da substância: este tema é reservado à metafísica. A psicologia estuda os mecanismos da sensação, as condições da memória, os sonhos, as alucinações, a loucura.

Apoiando-se em Wolff e em sua divisão de psicologia empírica e psicologia racional, diz que a psicologia seria a psicologia empírica e sozinha constituiria toda a psicologia. Todo o resto seria metafísico. Entretanto, há uma diferença apontada pelo próprio Ribot, entre o seu pensamento e o de Wolff. Este último estabelece uma diferença entre a psicologia empírica e racional, mas não estabelece uma separação radical, pois em seu sistema as duas devem funcionar como partes do mesmo todo (Araujo, 2012). Para Ribot, ao contrário, apenas a psicologia empírica já constitui sozinha toda a psicologia, ficando tudo mais a cargo da filosofia e consequentemente fora da ciência chamada psicologia.

Note-se, contudo, que Ribot utiliza o termo psicologia experimental (*Psychologie Experimentale*) e não empírica. A utilização indevida dos termos pode levar o leitor à confusão, pois tende a levá-lo a adotar a noção de psicologia experimental como concebemos o termo atualmente¹¹. Entretanto, neste texto Ribot refere-se a noção de psicologia empírica, e é importante notar que aquilo que Ribot estabelece como a parte científica da psicologia não pode ser entendida como experimental no senso estrito do termo. Sua proposta de psicologia é mais ampla aproximando-se do que hoje conhecemos como psicologia empírica. Uma passagem deste texto deixa a questão evidente: “A psicologia que se trata aqui será puramente experimental: ela só terá por objetos os fenômenos, suas leis e suas causas imediatas; ela não se ocupará nem da alma nem de sua essência, pois esta questão está acima da experiência e fora da possibilidade de verificação, pertence à metafísica.” (Ribot, 1870, p.29). Embora o autor use o termo psicologia experimental ele não menciona experimentos, ele diz apenas que não tratará de questões metafísicas. O decorrer do texto nos dá outras pistas para melhor compreender de qual psicologia se trata.

Para delimitar mais exatamente o campo da psicologia como ciência e sustentar sua proposta, Ribot faz uma breve apresentação da situação da psicologia na França. Ele faz críticas ácidas ao que percebe em seu país. Ribot discorda de dois teóricos famosos, Théodore Jouffroy (1796-1842)¹² e Maine de Biran (1766-1824)¹³, que propõem que a alma se conhece e se captura imediatamente, apontando que não se pode gastar vinte ou trinta anos para se descobrir que algo se apreende imediatamente. Segundo o autor, há aí uma confusão entre os fatos psíquicos e

¹¹Esta confusão não se restringe ao texto de Ribot. Foi possivelmente a partir de uma tradução equivocada do termo empírico como experimental para o francês que o uso do termo foi utilizado de forma indiscriminada na França.

¹² Théodore Jouffroy, filósofo, afirmava que a psicologia deveria abordar o estudo da produção do eu, de sua receptividade e do eu em si mesmo. (Nicolas, 2002)

¹³ Maine de Biran foi guarda real e após a queda de Robespierre dedicou-se à filosofia e a vida política. O problema central de sua teoria é a relação entre o físico e o moral e os limites da psicologia e da fisiologia. (Carroy, Ohayon & Plas, 2006)

especulação ontológica. Da mesma forma, segundo o autor, Jouffroy também se confunde ao dizer que a psicologia é a ciência do princípio de inteligência do homem. Usando a distinção kantiana entre fenômeno e número, Ribot diz que Jouffroy mistura as duas categorias indiscriminadamente, equivocando-se.

Sua crítica recai também sobre o objeto da psicologia francesa, definida como ciência da alma humana. Para ele, esta é uma noção bastante estreita. Em 1870, ele ainda não propõe a exemplo da psicologia alemã uma “psicologia sem alma”. Sua crítica recai sobre a restrição ao homem. Assim, comparando às definições de biologia como estudo da vida humana, da anatomia e da fisiologia como o estudo do corpo humano, faz sua crítica. Para ele, os animais com seus sentimentos, suas sensações, desejos, prazeres e dores também possuem um conjunto de fatos psíquicos que pertencem ao campo da psicologia, ainda que de difícil estudo. Evidentemente, todas as raças e todos os estados de desenvolvimento humano são objetos importantes da psicologia e não devem ser menosprezados.

Quanto ao método de psicologia utilizado pela psicologia da francesa à época, Ribot também tem desavenças. Ele admite a observação interior e diz que ela é o ponto de partida de todo estudo da psicologia. Dispensá-la como método provocaria distorções. Um anatomista ou fisiologista, por exemplo, poderia estudar todos os nervos do cérebro e ainda assim não conseguir extrair a noção de dor nem a de prazer. Ou seja, não se extrai o conceito de dor do estudo da fisiologia, pois para entender o conceito dor é preciso experimentar dor. Ribot reconhece as críticas a este método, mas discorda de François Broussais (1772-1838)¹⁴ e de Comte¹⁵, por rejeitarem o método da observação interior. Contudo, descarta a introspecção como método único. Sozinho, o método da observação interior não poderá tornar a psicologia científica, pois, se por um lado a introspecção permite saber o que se passa em um sujeito, ela não permite acessar o que se passa no espírito do outro.

Ele aponta outro problema da observação interior. Este método conduz a abstrações, levando os filósofos a estudarem o espírito mais pela lógica que pela observação. A mais comum destas abstrações é a doutrina das faculdades mentais. Embora reconheça seu valor, recomenda cautela, pois há nela um perigo. É quase inevitável personificar estas abstrações. É fácil esquecer

¹⁴François Broussais (1772-1838), inicialmente militar enveredou-se pela medicina e pelo circuito intelectual. Broussais está na origem da identidade do fisiológico e do patológico e para ele o funcionamento normal pode ser esclarecido pelo conhecimento do patológico. (Nicolas, 2002).

¹⁵Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) fundador do Positivismo. (Castañon, 2007)

que são apenas fórmulas cômodas de exposição e tratá-las como fatos concretos. Com este erro muitos problemas mal colocados acabam por roubar tempo que deveria ser aplicado apenas em observação. Um bom exemplo é o problema da consciência como faculdade distinta.

Um terceiro problema conduzido pelas faculdades da alma é criar a impressão de limites precisos de separação entre elas. Na verdade são limites vagos e não é possível achar independência entre os fenômenos psíquicos. Assim, apoiado em Bailey, ele critica as nomeações inexatas inerentes ao método das faculdades da alma que as colocam em um patamar de entidades independentes distintas até do próprio homem. Quando um homem vê ou ouve é o ser consciente que o faz e não a faculdade da percepção, nem os sentidos. Ribot culpa Kant, e principalmente Cousin, de favorecer esta confusão.

Enfim, Ribot critica grande parte do que podia ser entendido como psicologia na França. Para ele, a psicologia francesa era, naquele momento, um estudo mais ocupado de abstrações que de fatos, repleta de discussões metafísicas e apoiada no método subjetivo. Em suas aspirações, não era isso que ela deveria se tornar.

Apoiando-se nas ideias da psicologia empírica inglesa, ele esboça o que a psicologia deveria se tornar. A psicologia seria concebida como ciência independente, assim como acontece com as outras ciências, desde que possuísse um acúmulo de fatos e observações suficiente e se separasse da metafísica. Mas a psicologia da época já teria material suficiente para ser uma ciência independente? O autor responde sim a esta pergunta, mas afirma, entretanto que ninguém teria se disposto até então a classificá-los e a ordená-los.¹⁶ Este material estaria espalhado inclusive entre aqueles produzidos no progresso das ciências físicas e naturais, da linguística e da história; e desde que recolhidos e ordenados dariam subsídios suficientes para a nova ciência. Estas novas produções trazem outras perspectivas para a psicologia, tornando-a mais viva e dinâmica que a petrificada psicologia escolástica. Ele se refere aos estudos que tratam do mecanismo das sensações, da associação de ideias, dos sonhos, do sonambulismo, das alucinações, da loucura e da idiotia. Faz-se notar que já em 1870 Ribot considera as psicopatologias como fonte de conhecimento para a psicologia. De fato, sua ideia de psicologia científica é bem ampla. Entre todo este material encontram-se também os estudos que submetem os atos psicológicos ao controle preciso da medida. Entretanto, ele acredita que os estudos desta psicologia, que já produziram uma enorme massa de fatos, mas afirma que ainda esperam seu

¹⁶Em alguma medida é este o trabalho que Ribot faz nesta obra. Recolhe e ordena o material da psicologia inglesa.

Kepler ou seu Newton, referindo-se ao pouco progresso alcançado pela psicologia desde Aristóteles (Ribot, 1870).

A psicologia, uma vez pronta a se tornar independente, pela extensão de seu material, teria definido seu método? Nesta época, Ribot esboça uma proposta metodológica. Ele manterá até o final de sua obra alguns pontos aqui levantados. Vejamos o que ele diz que é a introspecção (observação interior). Segundo o autor, ela é indispensável à psicologia, mas que sozinha não torna a psicologia uma ciência independente. Ele propõe que a psicologia utilize um método subjetivo e objetivo ao mesmo tempo.

Ele diz que a simples discussão entre o que é o melhor não leva a lugar nenhum, pois cada um atribui a vitória a quem mais lhe agrada. Por um lado, sem a ajuda da introspecção não é possível estabelecer conceitos como sentir, desejar; por outro, sem a observação exterior, o diálogo entre o eu consigo mesmo pode durar infinitamente sem produzir nada. Ribot propõe uma conciliação no lugar de uma disputa, pois as duas partes se complementam. Uma precisa da outra. Seguindo Johann Herbart¹⁷, ele propõe que o método subjetivo faça a análise e o método objetivo se ocupe da síntese. O método da observação interior seria o mais necessário, pois sem ele não se pode saber nem mesmo do que estamos tratando; e o exterior, o método mais fecundo, pois seu campo de investigação é quase ilimitado.

Para definir melhor o que seria este método objetivo, diz que se trata de estudar os estados psicológicos de fora e não de dentro: os fatos materiais que os traduzem e não a consciência de onde nascem. A expressão das paixões, da variedade das línguas, os fatos históricos, assim como os instintos, as paixões e os hábitos dos animais são o campo a ser abordado por este método. Eles permitem por indução, dedução ou analogia reconstruir um modo de existência psíquica. As degenerações mórbidas, as anomalias, os monstros de ordem psicológica são como experiências preparadas pela natureza e são tão mais preciosas quanto mais raras elas são. Observa-se que aqui, já em seu primeiro texto, Ribot menciona a utilidade dos estudos de psicopatologia. Diferente do método subjetivo, o método objetivo se curva diante dos fatos e monta suas teorias de acordo com a realidade. Ele apresenta duas vantagens: ele introduz na psicologia a possibilidade de progresso e torna possível uma psicologia comparada.

A ideia de uma ciência que progride, que evolui, é preponderante para o autor. Este é um movimento presente em toda ciência que tem um objeto vivo, dinâmico. Esta é a ideia presente

¹⁷Johann Friedrich Herbart (1776-1841) filósofo e professor alemão, ocupou a cátedra de Kant em Königsberg.

tanto nos estudos históricos (história teleológica), quanto nos estudos naturalistas, muito em voga na época. Em suma, ela é estritamente contrária à ideia de homem estático criado assim por Deus desde sempre, e presente na psicologia e na filosofia da época. De forma clara, Ribot propõe que sejam buscadas na alma humana tendências dinâmicas. Em oposição aos que pretendem desprezar todas as variações acidentais, Ribot reivindica um estudo concreto delas. Evita-se, assim, que a realidade concreta seja substituída por uma entidade abstrata. Esta distorção seria comparada ao estudo de um zoologista que investigasse um animal ideal e não um animal concreto com suas diferenças particulares.

São estas diferenças que dão subsídio à psicologia comparada. Esta é especialmente dotada de valor na concepção de Ribot. É ela que torna possível estudar toda a psicologia animal e também a psicopatologia. Reconhecendo ser uma ideia muito nova, ele aposta em seus frutos. Segundo o autor, nada semelhante existe na psicologia ordinária. O método comparativo apenas se anuncia, mas com interessados ela se desenvolverá e mostrará seu valor, diz Ribot. Assim, seguindo o testemunho de anatomistas e os fisiologistas, nada é tão útil para entender a função dos quanto a comparação com os organismos mais rudimentares. Mas se ainda assim a psicologia comparada não ajudar a entender o homem, ela cumpre sua função uma vez que a psicologia é o estudo de todos os fenômenos psicológicos dos homens e dos outros organismos. Diferentemente da psicologia moral, a psicologia comparada não busca um ideal. Ele explica-se utilizando o exemplo de um jardineiro e um botânico naturalista. Para o botânico não há vegetais bons ou ruins. São todos objetos de estudo. Para o jardineiro, ao contrário, alguns são nocivos e devem ser eliminados. Assim como no caso do jardineiro, as preocupações morais atrapalham a psicologia a ver o que é e não como deveria ser (Ribot, 1870).

Como foi visto, Ribot propõe que a psicologia abarque todos os fenômenos mentais de todos os animais. Além disto, em sua concepção, ela deve considerar não só sua forma adulta, mas também todas as etapas de desenvolvimento, oferecendo um campo imenso de pesquisas. Para abarcar todo este campo, será necessário criar subdivisões, como ocorre em outras ciências.

Para propor uma divisão da psicologia, o autor recorre a Stuart Mill e vai além. Mill divide a psicologia em duas classes: os estudos dedutivos e os experimentais. Estes últimos seriam fundados na observação. Nos estudos experimentais, é a partir da constatação dos fatos que se constroem leis. Ao contrário, a psicologia dedutiva, que constitui a etologia, supõe a psicologia experimental. Ela pesquisa como as leis gerais dos fatos psicológicos, por suas combinações e entrecruzamentos, produzem variedades individuais ou nacionais. O exemplo

do estudo das marés proposto por Mill ajuda a entender esta divisão. Ao considerar as leis gerais, é possível prever com precisão o movimento das marés. Mas se esta ainda não é uma ciência exata, não é pela natureza de seu objeto e sim pela dificuldade de prever suas diferenças, seus cruzamentos e suas combinações. Assim é também a ciência da natureza humana (Ribot, 1870).

A divisão da psicologia proposta por Ribot vai além da divisão de Stuart Mill. Ele propõe dividir a psicologia científica em psicologia geral, comparada, teratologia psicológica e etologia. A psicologia geral deve estudar os fenômenos da consciência, sensações, pensamentos, emoções, volições, considerando-os sob seus aspectos mais gerais. Estes estudos deverão servir de base para todos os outros e deverão incorporar as descobertas de todas as partes subordinadas. Em seguida vem a psicologia comparada que segue o exemplo da anatomia comparada e da fisiologia comparada. Através dela é possível comparar o psiquismo de diversos animais, diversas culturas e até de diferentes psicopatologias. A teratologia psicológica estuda as anomalias ou monstruosidades. Para estes estudos ele propõe o rigoroso método da diferença. Com ele, são estudadas pessoas privadas de um sentido, por exemplo, e também a loucura. Ribot a considera subvalorizada e diz que a psicologia manteve seus olhos completamente fechados para estes estudos (Ribot, 1870).

Por fim, ele divide a etologia que é a psicologia concreta. Ela utiliza leis para compreender como se cruzam e como se formam o caráter. Esta ciência do caráter constitui uma psicologia “prática”, “aplicada”. Ele evidencia sua utilidade para a educação, para a conduta da vida e até para a política. Embora admita que esta ciência tenha sempre muito da natureza da arte, ele a legitima. Seu progresso pode surpreender, diz Ribot, pois assim como os naturalistas podem reconstituir um animal por ajuda de correlações determinadas (por exemplo, determinada forma de pata corresponde a determinado maxilar), a psicologia também tem suas correlações. Uma determinada maneira de sentir, por exemplo, corresponde a tal imaginação, que pressupõe tal maneira de julgar e de agir. Argumenta que algumas pessoas conseguem reconstituir um caráter por alguns sinais. Elas o fazem por uma arte particular chamada “conhecimento dos homens”. E nesta questão Ribot é preciso:

A questão é saber se esta arte pode se tornar uma ciência, quer dizer, se em vez de ser deixada ao arbitrário, não é possível formular leis aplicáveis a um grande número de casos e verificadas frequentemente. Quando chegar neste ponto, a etologia estará constituída. (Ribot, 1870, p.39)

Este comentário nos dá uma pista interessante sobre a noção de ciência utilizada por Ribot assim como a diversidade de métodos aplicáveis à psicologia como ciência para o autor.

Ele sugere que a etologia seja ainda subdividida em três partes. A primeira seria a etologia dos indivíduos que constitui a mais importante e concreta das três. Ela pesquisa as diferenças psicológicas resultantes das diferenças de sexos e temperamentos. Estuda os diferentes tipos: poetas, homens de guerra, etc. A segunda seria a etologia dos povos e a terceira seria a etologia das raças. As duas últimas dispõem da ajuda da linguística e da história, mas não se confundem com elas, pois a etologia não pretende narrar a história, mas traçar um caráter. Contudo, ela não é estática, ela pretende traçar a evolução deste caráter ao longo de seu desenvolvimento (Ribot, 1870).

A psicologia tem ainda uma parte metafísica, assim como toda ciência. Segundo Ribot, esta divisão é necessária para que a psicologia abrace todo seu domínio, um ideal ainda distante. Ao refletir sobre tudo que a psicologia deverá fazer, diz que praticamente nada ainda foi feito. Ciente que a psicologia entrará em um período de desordem, ele considera este o melhor caminho para ela, caso contrário ela jamais sairá das discussões inócuas. Para ele, a melhor contribuição para a psicologia, naquele momento, é uma boa coleção de monografias. Ainda que estes estudos não sejam científicos, argumenta que sem eles não há ciência. Por fim, em tom militante, convoca a todos para que, neste trabalho de detalhes, cada um o faça na medida de suas forças. Adotando um tom metafórico, argumenta que mesmo que muitos não sejam arquitetos podem ao menos talhar sua pedra, pois a ciência aceitará sua obra e esquecerá seu nome, chegando a seu verdadeiro caráter: a impessoalidade (Ribot, 1870).

Ribot termina assim a introdução de sua primeira obra. Como veremos na introdução de sua obra de 1879, *La psychologie allemande*, o autor justifica sua divisão do texto, anunciando uma evolução no caráter impessoal da ciência psicologia.

2.2 - A psicologia Alemã

A preparação de *La psychologie allemande* parece ter tido um contexto bem diferente de *La psychologie anglaise*. Em 1870, Ribot estava em um período bastante agitado de sua vida e a leitura de autores da nova psicologia inglesa o tocaram intensamente. Durante a preparação da publicação de 1879, como demonstram suas cartas do período, a vida de Ribot era bastante diferente. Ele morava em Paris e levava uma vida intelectual bastante agitada. Sua revista,

fundada em 1876, exigia-lhe muito. Ele fazia contato com autores, selecionava artigos e, além disso, ele mesmo escrevia muitas resenhas e artigos.

A preparação da obra sobre a psicologia alemã começou muitos anos antes. Em abril de 1874, ou seja, cinco anos antes, em uma carta a Espinas, fala sobre Wundt e sua nova *psychologie*, afirmando seu interesse em estudá-la. Em novembro do mesmo ano, publica *La psychologie psysologique en Allemagne: La mesure des sensations* na *Revue Scientifique* (Ribot, 1874), segundo ele um tira-gosto da futura publicação. Em 1875, ele publica dois artigos sobre Wundt (Ribot, 1875a, 1875b). Seguindo um intenso ritmo de publicações o autor vai divulgando a psicologia alemã. Sua obra de 1879 é, em grande parte, a união dos muitos artigos publicados.

Ribot prepara para este seu livro, a exemplo de *La psychologie angaise contemporaine*, uma longa introdução inédita, onde se posiciona. O autor faz um recorte semelhante ao que fez em seu primeiro livro. Ele reconhece que há, na Alemanha, uma psicologia espiritualista, nomeada de formas diversas como antropologia, ciência do homem, entre outras. Contudo, ele afirma que seu livro trata apenas das “verdades positivas” (Ribot, 1879). Segundo ele, foram eliminadas, também, as teorias metafísicas, idealistas ou realistas, ainda que reconheça que estas representem grande parte da psicologia. Ele elimina também as teorias do conhecimento, pois, apesar de interessantes, em seu ponto de vista, demandariam um volume distinto. O campo de seu trabalho fica assim bem delimitado: o estudo das questões acessíveis ao mesmo tempo à consciência e ao estudo científico, como aqueles praticados em laboratório.

Em seu texto de 1870, já havia uma forte crítica à psicologia espiritualista francesa. Entretanto, em 1879, sua posição é ainda mais radical. Mais do que propor uma nova maneira de pensar a psicologia, ele faz questão de desmontar a antiga. A repercussão de seu texto é testemunhada pelo próprio Ribot em cartas a Espinas:

Minha introdução é um verdadeiro escândalo. A tempestade se desenha. Janet, a quem eu vi em sua casa na quinta, me fez durante meia hora uma cena terrível: eu sou o “absurdo”, “insolente”, “mal educado”, “cheio de mau tom”, “posudo”, “visando ao cargo de chefe de escola”, “procurando popularidade junto as carabinas” e mais. E já que eu quero a guerra ele me “massacrará” no *Temps* (...) em contrapartida Taine e Delboeuf me enviam vivas felicitações. (Ribot citado por Lenoir, 1970, p. 168)

Paul Janet, à época “chefe do espiritualismo” na Sorbonne, tem motivos para sua insatisfação, pois Ribot não poupa críticas. Ele diz que a psicologia francesa teve a má sorte de

estar por tanto tempo nas mãos de metafísicos e que eles formaram uma tradição difícil de ser rompida. O resultado é que, na França, graças à educação primária e os maus hábitos de espíritos que ela causa “a segunda metade da vida se passa desaprendendo o que nós passamos aprendendo na outra” (Ribot, 1870).

Para enfatizar sua crítica, ele divide a psicologia em “nova” e “antiga”. Define a nova como sendo toda aquela que ele trata durante o livro, além daquela psicologia inglesa tratada em seu primeiro livro. Em contrapartida, a psicologia antiga é o próprio espiritualismo eclético e toda sua metafísica. Ele ataca de forma bastante irônica a psicologia antiga dizendo que ela “é uma concepção bastarda que deverá apodrecer nas contradições que contém”. (Ribot, 1879, p. iii). Diz que ela está condenada ao seu passado por seu gosto pela especulação e que seus métodos não são suficientes para enfrentar as dificuldades dos novos desafios. Com uma série de argumentos sucessivos, ele passa todo o primeiro dos cinco pontos da introdução fazendo críticas.

Seu primeiro argumento crítico evidencia o espírito metafísico da antiga psicologia. Argumenta que sendo a ciência da alma, seus métodos são a observação interior, a análise e o raciocínio e critica seu desprezo completo pelas ciências biológicas. Para ele, tudo isso parece ter um ar envelhecido e diz que esta psicologia “só pede para ficar em paz” (Ribot, 1879, p. iii). Outra desvantagem é que a antiga psicologia, limitada em seu espírito metafísico, exclui o espírito positivo e não permite o uso de um método científico. Ele mantém sua proposta de separação entre a ciência e a filosofia anunciada em 1870, e é aqui ainda mais radical: “o psicólogo deve renunciar à metafísica e o metafísico à psicologia.” (Ribot, 1879, p. iv).

Quanto à observação interior, o autor mantém sua posição de 1870. Ele diz que este método é sem dúvida um primeiro passo, mas restringir-se a ela é um erro. Ribot escreve que a antiga psicologia, limitada à introspecção, pode fazer descrições e análises, mas nunca atingirá o geral. Ela não explica nada, é apenas uma forma literária aprofundada e seu método verbal lembra a escolástica. Tudo nela são argumentações, objeções, deduções e respostas, e, desta forma, ela se perde da realidade. Ela confunde o conhecimento natural da consciência, que é direto, com o conhecimento científico dos fatos psíquicos, que é indireto. Ela não trata das leis da vida. Além de tudo, uma grande parte do campo da psicologia lhe é inacessível. Ela não tem acesso ao estudo dos animais, dos loucos, dos povos “primitivos” e de outras raças. Ela não atinge nem mesmo as outras etapas do desenvolvimento humano. Assim, o autor vai trazendo sua opinião de forma bastante contundente.

Ribot continua sua crítica dizendo que a antiga psicologia utiliza demais o raciocínio. Argumenta que uma faculdade hipotética a qual atribuímos uma substância hipotética não nos ensina nada. Para ele, a nova psicologia já mostrou que o espírito deve desconfiar de si mesmo e da simplicidade das coisas. Ele se apoia nos estudos das ciências biológicas para afirmar que nossas induções e deduções recebem a cada passo um desmentido: “o que deve ser não é; o que é inferido não é verificado; onde a lógica diz sim a experiência diz não.” (Ribot, 1879, p.vii). Também incluindo a biologia nas novas ciências, ele diz que o biólogo, assim como o químico e o físico, tem seus laboratórios e seus instrumentos. Situação contrária vive o psicólogo partidário da antiga psicologia, que se restringe a interrogar-se a si mesmo. E com toda a ironia, termina referindo-se ao psicólogo da antiga psicologia: “Se sua obra é uma ciência, é preciso confessar que ela não se parece com nada que leva este nome.” (Ribot, 1879, p. vii).

Para ele a nova psicologia difere radicalmente da antiga. Seu espírito é diferente, pois ela não é metafísica, ela é uma “psicologia sem alma”. Seus objetivos são outros, pois a nova psicologia só estuda os fenômenos. Ela se diferencia também por seus procedimentos. Além de tudo, ela recorre ao máximo às ciências biológicas.

Contudo, Ribot admite as dificuldades da nova psicologia. Ele admite que um dos grandes obstáculos ao seu progresso é a natureza dos fatos da consciência, que são vagos, fugidios e difíceis a fixar. Para resolver esta questão, ele recorre à fisiologia. Segundo o autor, ela fornece um bom apoio à nova ciência, ao estabelecer que as ações psíquicas, de uma maneira geral, são ligadas ao sistema cérebro-espinhal. O autor adota o paralelismo psicofísico como hipótese de trabalho. Ele diz que “todo estado psíquico é invariavelmente associado a um estado nervoso, sendo o ato reflexo o tipo mais simples.” (Ribot, 1879, p. ix). Ele utiliza a relação dos cinco sentidos com as sensações viscerais, a exigência de condições fisiológicas semelhantes para a reprodução de imagens e ideias e os fatos psicopatológicos como as alucinações para comprovar seu argumento. Entretanto, ele não entra em detalhes em sua explicação.

Embora atribua uma grande importância à fisiologia, é necessário deixar claro que sua proposta não é tornar a psicologia uma parte desta. A psicologia deve manter seu status de ciência independente. E embora esteja muito próxima da fisiologia, Ribot não é absorvida por ela, assim como a fisiologia não é absorvida pela física e nem pela química. Ele propõe uma clara separação. A fisiologia trata dos processos nervosos simples, e ficam a cargo da psicologia todos aqueles que são processos de dupla face. Ou seja, aqueles que, além das implicações fisiológicas, são acompanhados pela consciência. Entretanto, restam ainda aqueles processos que pouco a

pouco desaparecem da consciência (pelo hábito, por exemplo). Quanto a eles, Ribot argumenta que se restringem ao seu concomitante físico, apoiando-se ainda mais na fisiologia. Note-se que não afirma que só exista a dimensão física, mas propõe que se considere o fenômeno psíquico na sua ligação natural com um fenômeno físico. Com esta hipótese, torna-se possível agir sobre os fenômenos psíquicos, provocando variações, através de sua concomitância física. Assim, a psicologia experimental propriamente dita abre sua via de estudos.

Ribot se exime, naquele momento, de tratar profundamente a questão das funções mais elevadas do psiquismo na perspectiva da nova psicologia. Ele questiona se a reflexão, o raciocínio abstrato, por exemplo, estariam ligados a condições físicas. Sua posição é que sempre há um paralelo, visto que a vida psíquica é uma série única que começa na sensação e termina no movimento. Citando Alexander Bain¹⁸, ele diz que é contraditório que o ato cerebral e seus correspondentes físicos caiam bruscamente em um vazio psíquico ocupado por uma substância imaterial que comunica seus resultados à outra ponta da cadeia física. E, ainda que, a passagem do físico à consciência seja inexplicável, isto não desautoriza a psicologia, assim como a passagem do inorgânico ao vivo não desautoriza a biologia. Segundo o autor, basta admitir um princípio geral: todo estado psíquico é ligado a um ou a vários eventos físicos específicos, sejam eles já conhecidos ou não. Este é o princípio que permite a psicologia fisiológica.

A partir deste são colocadas em uma nova perspectiva, exigindo um novo método de investigação. Se a antiga psicologia utiliza apenas a observação, a nova utiliza, além dela, a experimentação. Somente a combinação dos dois métodos pode atender às novas exigências colocadas pelos novos problemas da psicologia.

Ribot coloca em evidência também o método matemático. Entretanto, mantém ressalvas, dizendo que os estudos que utilizam estes métodos “não são certamente a parte mais sólida da psicologia alemã” (Ribot, 1879, p. xxi)

Ao tratar da psicologia alemã, alguns termos são mais trabalhados pelo autor. Em seu texto de 1870, Ribot utiliza o termo psicologia experimental de forma a aproximá-lo da psicologia empírica. Neste texto, entretanto, ao definir a psicologia experimental, ele aproxima-se bem mais da escola alemã e do conceito de experimento como usamos atualmente. Segundo o autor, a escola inglesa tem um perfil diferente da alemã e enfatiza que sua divisão entre estas duas escolas independe do país em que ela seja produzida, levando em conta apenas suas

¹⁸ Alexander Bain (1818-1903) importante psicólogo inglês, professor na Universidade de Aberdeen. Autor de *Les sens et l'intelligence* e *Les émotions et la volonté*. (Ribot, 1879)

características. A psicologia inglesa é descritiva; já a psicologia alemã pratica experimentos e trabalha com a causalidade. Se a inglesa é sistemática, a alemã é técnica. Se uma é rica em trabalhos de conjunto, na outra predominam os detalhes. A psicologia alemã não exclui os resultados da psicologia descritiva inglesa, ela os supõe. As duas escolas têm o mesmo objetivo, a psicologia alemã apenas marca uma tendência à exatidão. Além disso, os trabalhos dos psicólogos alemães enfatizam a fisiologia. Neles, os problemas psicológicos são diretamente ligados à fisiologia e é possível agir sobre eles, visto que, em muitos casos, o experimentador interfere em seus concomitantes físicos. O psicólogo pode assim, medir a intensidade, as variações e submetê-las a todos os procedimentos de uma investigação rigorosa: agindo no físico e alcançando o fenômeno interno. Ou, nas palavras do autor: “A psicologia se torna assim, no estrito senso do termo, experimental. Na verdade, estas experiências são de uma natureza psicofísica; mas, o externo e o interno sendo estreitamente ligados, eles são, quanto ao objetivo e ao resultado final, psicológicos” (Ribot, 1879, p. xiv).

Ele recorre a Stuart Mill, assim como fez em 1870, para opor a antiga psicologia à nova psicologia experimental. Para ele, a antiga psicologia, assim como a psicologia inglesa, utiliza o método das diferenças e o método das semelhanças agrupando as diversas manifestações da alma. A nova psicologia alemã utiliza estes dois métodos e ainda o das variações concomitantes. É possível estudar através deste último as diversas variações dos estados de consciência. Ele reconhece como desvantagem a complexidade do novo método, entretanto, elogia seu rigor. Mesmo ainda não sendo aplicado aos fenômenos mais profundos da psicologia, diz Ribot, é preciso reconhecer seu valor, visto que ele marca uma passagem da psicologia descritiva à psicologia explicativa.

Segundo o autor, a psicologia alemã se caracteriza por um esforço de precisão, emprega a experimentação e prima por uma determinação quantitativa. Seu princípio fundamental é que todo evento interno tem uma grandeza, tomando como seu objetivo mensurá-lo. Seu campo de estudos é limitado e tem preferência pelo detalhe. Ela se dedica a questões modestas. Mas embora concorde que seus resultados sejam pequenos, sua aposta é de que são os pequenos detalhes que levam a grandes questões.

Contudo, Ribot também expõe algumas fraquezas da psicologia alemã. Diz que ela não é completa e oferece apenas ensaios, ficando a cargo do futuro demonstrar até onde ela pode chegar. Seu mérito, para ele, está em abrir uma nova via de investigações. Ele a localiza como sendo um ramo da psicologia empírica e com características naturalistas, e reivindica para ela o

justo direito de ser uma psicologia fisiológica. E, se for o caso, esta parte da psicologia pode ter na fisiologia seu aliado, deixando que ela explique todos os atos psicológicos. Porém, os procedimentos de observação e análise têm seu lugar até que se atinja este ponto. Desta forma, os estudos alemães ficam limitados às chamadas faculdades inferiores da alma, até que seu progresso modifique as circunstâncias.

Mencionando diretamente “os psicólogos partidários da antiga psicologia”, admite suas dificuldades em absorver uma psicologia tão pouco semelhante à sua:

Soma-se à fadiga dos detalhes técnicos um modo de exposição seca de onde toda aprovação literária e todo efeito de oratória são excluídos, e compreende-se que mesmos os bons espíritos se peguem com saudades desta psicologia de outrora, tão simples, tão cômoda, tão maleável e que se exprimia em tão bela linguagem. (Ribot, 1870, p. xxiv)

Ele responde com ironia a crítica da antiga escola de que a nova psicologia só conhece o mecanismo da vida mental, afirmando a partir dele sua verdade. Prossegue dizendo que, se conhecer é revelar uma essência inacessível, a nova psicologia nada tem a oferecer. Entretanto rebate constatando que se conhecer é estudar os fatos e determinar suas relações e condições de existência então ela faz seu trabalho.

Para concluir, o autor marca uma diferença entre sua publicação de 1870 e esta. Em *La psychologie allemande contemporaine*, Ribot diz ter sido impossível fazer uma divisão clara por autor, como em *La psychologie anglaise contemporaine*. Ele divide esta obra em títulos como Herbart e a psicologia etnográfica; nativistas e empíristas: a origem da noção de espaço; Wundt e a psicologia fisiológica. Desta forma, agrupa mais de um autor por tema. Para ele, esta dificuldade representa um progresso, pois a psicologia deixa de ser obra de um homem e passa a ser, como as outras ciências, uma obra comum de todos os países.

A seguir apresentaremos o texto publicado por Ribot em 1877. Nele o autor apresenta as principais escolas da época nomeando seus principais representantes.

2.3– Filosofia e psicologia na França

Em 1877, Ribot publica, na revista *Mind*, um artigo encomendado pelo próprio editor sobre a filosofia francesa contemporânea. Neste artigo, Ribot esclarece sua visão da filosofia e da psicologia na França da época. No texto ele nos traz uma série de informações importantes

sobre sua perspectiva, colocando em evidência os pontos elegidos por ele como importantes para a nova psicologia.

Ribot comenta seu artigo em uma carta ao amigo Epinas: “O espiritualismo é castigado. É um verdadeiro panfleto. Ele vai ser publicado na Inglaterra com minha assinatura. Fiquei muito interessado em fazê-lo. Ravaisson e o Instituto foram discutidos.” (Ribot citado por Lenoir 1962, p. 338). De fato, neste artigo, o autor é ainda mais contundente em sua crítica ao ecletismo do que nos textos de 1870 e de 1879.

Logo de início, ele diz que não explicará a doutrina espiritualista ainda que se trate de um artigo sobre a filosofia francesa. Ribot baseia-se nas afirmações de Lewes (*Histoire de la Philosophie*) para dizer que não há porque se deter sobre o ecletismo, uma vez que é uma doutrina sem originalidade e completamente afastada das descobertas científicas (Ribot, 1877a). Assim, o autor segue fazendo uma série de comentários depreciativos e reconhece apenas o mérito dos trabalhos produzidos pela escola no campo da história.

Ribot deixa claro que, embora ainda seja muito forte, o ecletismo vem sendo atacado e se mostra cada vez mais frágil. Ele critica as diversas instituições de ensino controladas pelo estado e também aquelas controladas pela igreja católica por não darem espaço para o surgimento de outras ideias. Se por um lado ele critica o apoio ao ecletismo, por outro ele elogia os esforços no sentido de romper com a hegemonia deste.

Entretanto, ele não se coloca como um agente deste movimento, ainda que hoje seu texto de 1870 seja considerado um marco. O autor cita apenas a fundação da *Revue Philosophique* como contribuição sua neste movimento e refere-se a ela como uma iniciativa disposta a encorajar o trabalho individual de novos pensadores. Além disto, ressalta que, ao divulgar, para os franceses, o que se passa no estrangeiro, a revista abre os olhos para as novas teorias. Contudo, para ele, a contribuição de sua revista não é a de maior relevância. Em seu ponto de vista, as mais importantes contribuições para a queda da hegemonia espiritualista foram a de Vacherot¹⁹, com sua *Histoire de l'école de Alexandria*, e a de Taine²⁰.

¹⁹ Étienne Vacherot (1880 – 1897), nomeado em 1838 diretor da École Normale Supérieure e destituído do cargo em 1852 por opor-se ao golpe de Luís Napoleão. Foi influenciado por Cousin e Taine. Segundo ele os diferentes tipos de filosofia são consequência do predomínio das diferentes faculdades psicológicas em sua elaboração (Ferrater Mora, 2004).

²⁰ Hyppolite Adolphe Taine (1828-1893), com tendência marcadamente positivista aproxima ontologicamente e metodologicamente a ciência moral e a ciência natural. Segundo ele é necessária a decomposição dos fenômenos

Segundo o autor, estes pensadores são de uma geração surgida a partir de uma lenta incubação durante os anos de proibição do ensino da filosofia na época do Segundo Império (1851-1863). Como vimos, Luiz Napoleão proibirá o ensino da filosofia na França, substituindo-o pelo de lógica. O Imperador mantinha o ensino do país sob uma constante vigilância, criando um contexto em que qualquer movimento suspeito poderia ser ligado ao realismo ou republicanismo, levando à retaliação. Contudo, na análise de Ribot, esta época de silêncio rendeu frutos, levando a uma geração de novos pensadores.

Note-se, todavia, que Cousin foi defensor do ensino da filosofia. Em 1844, durante a monarquia da Restauração, quando houve, por parte dos *Pairs de France*, a tentativa de suprimir o estudo da filosofia nos colégios, Cousin profere seu discurso *Défense de l'université et de la philosophie* (Cousin, 1844). Nele, responde a esta tentativa de proibição dizendo que se pode ensinar a metafísica para alunos a partir de 15 anos de idade, que a filosofia não é perigosa e que a dúvida de Descartes visa apenas a estabelecer a existência da alma e de Deus. Contudo, Cousin supunha o ensino de uma só filosofia: o Espiritualismo Eclético.

Na análise de Ribot, entretanto, é em 1863, já na terceira república, quando finalmente Duruy, ministro da instrução pública, restabelece o ensino da filosofia, que o campo começa a se abrir para a possibilidade de especulações filosóficas não oficiais, e assim o panorama começa a mudar. Foi o estudo das ciências físicas e naturais que, embora tenha sido mantido completamente afastado da filosofia oficial, conduziu ao questionamento de certas concepções filosóficas, “ainda que inconscientemente” diz Ribot (Ribot, 1877a, p.108). Assim, também o positivismo que cresceu no silêncio, organizou-se e juntou adeptos tornando-se a filosofia dos homens de ciência.

Como este texto foi escrito, a princípio, para o leitor inglês, o autor começa sua exposição das principais escolas pela menos conhecida na Inglaterra. Para formar um panorama das principais influências da época, o autor começa com Ravaisson, indicando-o como o principal representante de um “espiritualismo místico” ou “realismo espiritualista” que, hostil ao ecletismo, é seguido por Lachelier e Fouillée. Ribot critica Ravaisson dizendo que ele é um estético antes de tudo, e que prefere os métodos literários àqueles da ciência (Ribot, 1877a, p.111). Para ele, o verdadeiro método da metafísica é uma operação simples e indivisível através do qual temos em nós mesmos uma consciência imediata do absoluto. Fouillée, que também

dos fatos complexos em elementos simples para uma reconstrução e comprovação, seguindo assim a psicologia associacionista (Ferrater Mora, 2004).

representa este grupo, propõe um método de conciliação que pode ser considerado característico do ecletismo, mas que se diferencia deste, propondo um senso de união, mas não de seleção. Na visão do autor, para eles só há progresso à medida que tudo seja incluído. E com ironia, ele acrescenta: “o método deveria excluir somente a exclusão” (Ribot, 1877a, p. 112). Como o método do realismo espiritualista é interno e compreende e explica tudo por uma revelação mística, os dados das ciências não têm nenhum valor. As verdades das ciências positivas podem ser até aceitáveis, desde que interpretadas pelo ponto de vista moral, que contém a verdade das coisas. Neste caso, a reflexão ensina mais à filosofia que todas as experiências juntas. Ribot reconhece a pouca influência desta escola junto ao grande público, tendo maior proximidade com a classe universitária que busca um substituto para o ecletismo.

Após falar do “realismo espiritualista”, ele continua o texto tecendo um panorama do que chama os “Positivistas, ou, de forma geral, os experimentalistas” (Ribot, 1877a, p. 112). Esta é uma passagem importante, pois permite uma melhor compreensão da posição do autor e de como ele compreende estes termos. No texto, Ribot discute apenas superficialmente o positivismo, deixando as discussões filosóficas mais profundas de lado, e enfatizando seus efeitos na França. Ele reconhece que mesmo em seu país Comte demorou a ser reconhecido e sua doutrina passou a ser discutida apenas durante o Império. Ainda assim, sua repercussão restringia-se apenas aos homens de ciência entre os quais o ecletismo tinha menos força.

Ribot explica que, após 1857, ano da morte de Comte, formaram-se duas tendências positivistas na França: uma que adota toda a doutrina de Comte, ou seja, sua filosofia, sua política e sua religião, e outra que adota apenas sua filosofia. Como representantes da primeira corrente, ele cita Laffitte, Robinet, Audiffrent e Sémerie, e revela que eles se reuniam na antiga residência de Comte, pretendendo manter intacta tanto a doutrina do mestre quanto sua residência. Entretanto, na visão de Ribot, esta corrente não conseguiu grande expressão, pois seus membros giravam em torno de 150 pessoas, em sua maioria “proletários” (Ribot, 1877a, p. 112). Ao contrário do primeiro grupo, a segunda corrente, aquela que aceita somente a filosofia de Comte, teve grande influência sobre o movimento filosófico na França. Émile Littré²¹ é apontado por Ribot como líder deste movimento e seus trabalhos sobre erudição, filologia, história e medicina divulgaram o espírito do “Curso de filosofia positiva” de Comte, bem como sua revista “*La philosophie positive*”. O autor aponta, entretanto, que uma de suas características é manter intacta a doutrina de Comte.

²¹Émile Maximilien Paul Littré (1801- 1881) foi um lexicógrafo e filósofo francês, famoso pela autoria do *Dictionnaire de la langue française*.

Para Ribot, “o positivismo teve o mérito de ser durante muitos anos a única filosofia que tivemos que repousa sobre a ciência, a única doutrina que se endereçava aos homens de ciência ansiosos por terem as perspectivas ampliadas e por ideias em geral” (Ribot, 1877a, p. 113). Entretanto, ele também faz suas críticas ao positivismo. Considera que o positivismo sustenta que as únicas escolas fecundas são aquelas que se mantêm pura, e para ele a história demonstra o oposto: sobrevivem somente aquelas que se modificam constantemente. Outro ponto que desagrada o autor é a atuação política da escola, sobretudo quando reúne pessoas com a mesma posição política e aproveita a lei de liberdade de ensino para fundar faculdades positivistas.

Em seguida, o autor se coloca de uma forma bem mais contundente. Em sua visão, o que restringe a influência de Littré na França é a chegada de um “positivismo muito mais amplo, constantemente chamado entre nós pelo nome de “filosofia inglesa contemporânea” (Ribot, 1877a, p. 113). Ele se posiciona fazendo uma diferença entre “positivismo” e o “espírito positivo”. O primeiro é definido pelo autor como “uma doutrina circunscrita e pronta que se nomeia imutável” (Ribot, 1877a, p. 113). O “espírito positivo”, por outro lado, é apenas um método de filosofar. Para ele, havia muita gente em seu país com uma cultura científica que desconfiava da metafísica e pregava que as especulações deveriam ser sempre sustentadas por fatos. Não aceitavam, de forma alguma, prender-se a doutrinas nem a dogmas. Estas pessoas eram rejeitadas como “dissidentes” por positivistas como Littré e encontravam apoio no positivismo inglês. No texto, o autor prevê um crescimento desta corrente que chama de “experimentalista”, chegando a englobar “positivismo”. Ribot nomeia como principais representantes deste movimento autores como Stuart Mill, Herbert Spencer, Alexander Bain.

Na França esta corrente teve contribuições importantes e Ribot cita algumas delas: Mervoyer (*Étude sur l'association des idées*), que tratou da psicologia de Bain e Spencer; Cazelles, citado pelo autor como tradutor de importantes trabalhos ingleses e de psicofisiologistas como Fechner, Wundt, Helmoltz. Entretanto, o autor determina como principal representante francês dos experimentalistas Hyppolite Taine. Segundo Ribot, ele foi o primeiro a introduzir essas ideias na França através de seu ensaio sobre Stuart Mill, considerado excelente pelo autor. Outra grande contribuição de Taine foi a publicação de *Philosophes français du XIX siècle*. Esta obra foi considerada dura na Inglaterra, conforme ele nos conta, entretanto, em sua análise ela foi “muito bem adaptada para o trabalho de destruição, e atingiu perfeitamente seu objetivo” (Ribot, 1877a, p. 108).

Note-se que o próprio Ribot se aproxima muito desta corrente. Bastante próximo da doutrina de Comte, mas sem ser fiel à imutabilidade de sua obra, o autor adota alguns princípios e rejeita outros. Um breve comentário, apenas a título de comparação, ajuda a entender melhor a posição de Ribot. Ele assume a noção de progresso que é fundamental para Comte, assim como a observação como base para o conhecimento: “Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre os fatos observados” (Comte, 1991, p. 5). A necessidade de divisão das ciências também está nos dois autores. Na obra de Ribot, ela aparece claramente na introdução de *La psychologie anglaise contemporaine*, ao ponto de ele mesmo propor uma subdivisão para a psicologia. Em Comte ela também está presente:

No estado primitivo de nosso conhecimento, não existe nenhuma divisão regular em nossos trabalhos intelectuais. Todas as ciências são cultivadas simultaneamente pelos mesmos espíritos. (...) Por uma lei cuja necessidade é evidente, cada ramo do sistema científico se separa insensivelmente do tronco, desde que cresça suficientemente para comportar uma cultura isolada, isto é, quando chega ao ponto de poder se a ocupação exclusiva da atividade permanente de algumas inteligências. É a essa repartição de diversas espécies de pesquisas entre diferentes ordens de sábios que devemos, evidentemente, o desenvolvimento tão notável que tomou, enfim, em nossos dias, cada classe distinta dos conhecimentos humanos e que torna manifesta a impossibilidade, entre os modernos, dessa universalidade de pesquisas especiais, tão fácil e tão comum nos tempos antigos. Numa palavra, a divisão do trabalho intelectual, aperfeiçoada progressivamente, é um dos atributos característicos mais importantes da filosofia positiva. (Comte, 1991, p. 11)

A posição dos dois autores coincide também quanto à necessidade de excluir as questões metafísicas da ciência, seja reservando um outrolugar para ela, no caso de Ribot, ou rejeitando-a completamente, como em Comte. Este afirma que, assim que a humanidade chega no estágio positivo, tanto o estado teológico quanto o metafísico não fazem mais sentido. Entretanto, Ribot discorda de Comte quanto à observação interior. Nosso autor determina um lugar importante para a observação interior, dizendo ser ela a base para qualquer outra investigação em psicologia, pois sem ela não é possível ter base para comparação com os fenômenos psicológicos observados (Ribot, 1870). Contrariamente, Comte diz: “o indivíduo pensante não poderia dividir-se em dois, um raciocinando enquanto o outro o visse raciocinar. O órgão observado e o órgão observador sendo, neste caso, idênticos, como poderia ter lugar a observação? Este pretensão método psicológico é, pois, radicalmente nulo em seu princípio” (Comte, 1991, p.14).

Note-se ainda outra divergência. Para Ribot a noção de ciência é mais extensa, pois toda ciência não é necessariamente uma ciência exata. Ele diz: “podemos conceber um caso intermediário entre a perfeição da ciência e sua extrema imperfeição”, afastando-se de Comte. De fato, Ribot aproxima-se mais do chamado positivismo inglês (nomeado por Ribot de experimentalista), onde Mill é um importante autor.

A influência de John Stuart Mill na psicologia de Ribot é marcante. No texto de 1877, Ribot sugere ao público inglês, para quem escreve o artigo, que para se aprofundar nas ideias positivistas se dirija aos trabalhos de Stuart Mill. O próprio Ribot, em *La psychologie anglaise contemporaine*, faz uma descrição das ideias de Mill. Ele diz que Mill é muitas vezes rotulado de positivista sem qualquer aprofundamento de suas ideias. Ribot analisa que Mill admite a lei dos três estados e elimina toda pesquisa transcendente; entretanto, ele faz uma importante reserva ao dizer que o modo positivo de pensar não elimina necessariamente o sobrenatural. Para Mill, o filósofo é livre para opinar como quiser sobre as questões de origem e critica Comte por jamais deixar questões em aberto (Ribot, 1870).

Para Ribot, a palavra positivismo é um termo vago, sob uma aparência de precisão. Ainda que o ideal fosse só existir um positivismo verdadeiro, aquele de Comte, não é isso que acontece de fato. Mas segundo o autor a confusão sobre o positivismo pode ser explicada:

Há uma tendência geral, um método de investigação, uma maneira de pensar que poderíamos qualificar de científica ou mesmo de empírica, que é comum a muitos bons espíritos do século XIX. Ela consiste em circunscrever, tão nitidamente quanto possível, o domínio da hipótese, e a admitir como objeto da ciência somente o que pode ser observado, como fato, ou formulado como lei e verificado. (Ribot, 1870, p. 101)

Ribot esclarece que, para Mill, a base da filosofia de Comte não lhe é particular. É uma propriedade geral do século. Para eles, a filosofia positiva não é uma invenção de Comte, mas apenas uma simples adesão à tradição de todos os grandes espíritos científicos. Ele afirma que a doutrina geral do positivismo já era conhecida de Mill desde a infância, pois seu pai tinha aprendido lá onde Comte aprendeu: nos métodos das ciências físicas. Esta confusão, brinca Ribot, “acaba por fazer de um filósofo um positivista, apesar dele”(Ribot, 1870, p. 102).

Todavia, Taine parece ser a maior referência para o autor. A admiração de Ribot por Taine se faz notar em várias situações. No mesmo ano em que escreve para *Mind* este texto (*Philosophy in France*) ele escreve também um artigo para sua revista, intitulado *M. Taine et sa*

psychologie. Em ambos os textos, o autor não poupa elogios a Taine. Se em *Philosophy in France* ele afirma que “o principal representante deste grupo que nós chamamos de experimentalistas é sem nenhuma dúvida Taine” (Ribot, 1877a, p. 113), em sua revista sustenta que “M. Taine deve ser considerado o principal representante, na França, desta *Völkerpsychologie*” (Ribot, 1877b, p. 2), sempre atribuindo grande valor ao psicólogo. Ao falar de Taine, nosso autor declara: “(...) os princípios e o método do autor nos parecem os únicos admissíveis em psicologia” (Ribot, 1877b, p. 43). Até mesmo Lenoir, em seu artigo de 1964, enfatiza a alegria de Ribot por um convite recebido: “uma honra inesperada chega em março” e reproduz o fragmento de uma carta de Ribot ao amigo Espinas: “Renan, Taine e Berthelot me propuseram, por iniciativa própria, de fazer parte do famoso jantar de *Saint Beuve* (a cada quinze dias, às terças, na casa de Brébant). Eu aceitei e eu aceitei!” (Ribot citado por Lenoir, 1964, p. 80).

Em ambos os textos publicados em 1877, Ribot afirma que o principal interesse de Taine é o estudo da psicologia. Ele o intitula ‘psicólogo’ e diz que é como tal que ele publica trabalhos sobre *Tite-Live* e *Lafontaine*, além de *Essais de critique d’histoire* e *Histoire de la littérature anglaise*. O interesse pela psicologia é um ponto em comum entre ambos os autores.

Outro ponto em comum é a oposição radical em relação à escola de Cousin segundo Ribot: “Formado pela escola eclética ele rompe com ela aos vinte e três anos. (...) Ele compreendeu (o que os que pertenciam à escola de Cousin não haviam compreendido na época) que a filosofia deveria ser outra coisa além de uma amplificação oratória e um exercício literário” (Ribot, 1877a, p. 113). Da mesma forma, o posicionamento crítico de Taine parece inspirar Ribot: “Seu primeiro trabalho, *Les philosophes français du XIX siècle*, foi um livro de pura crítica” (Ribot, 1877a, p.114) e ainda “Taine criticou severamente estas explicações ilusórias através das faculdades do espírito, das quais a Escola eclética tão fortemente abusou; ele a ridicularizou” (Ribot, 1877a, p.114). Note-se que Ribot critica com veemência a naturalização das faculdades mentais assim como Taine o faz.

Quanto aos métodos para o estudo da psicologia, Ribot atribui a Taine um papel fundador:

Sem dúvida, ele não é o primeiro nem o único; mas seu método lhe pertence, quando olhado de perto; ninguém o tinha aplicado antes dele a este grupo de estudos. Eu creio que nenhum historiador da psicologia me desmentirá neste ponto. Este método tem como característica principal transportar para a psicologia concreta os procedimentos da anatomia comparada. (Ribot, 1877b, p. 18)

Como mencionado no texto *La psychologie anglaise*, Ribot considera a anatomia comparada um método importante para a psicologia.

Os dois autores também ressaltam a importância da proximidade com os naturalistas. Ribot cita novamente o exemplo de Taine, em que compara o homem, animal superior que produz filosofias e poemas, aos bichos da seda que fazem seus casulos e às abelhas suas colméias (Ribot, 1877, p.114). O pensamento naturalista é fundamental para a concepção de método histórico para Taine. Ele entende a história como sendo a psicologia se desenvolvendo no tempo e no espaço. Para ele, os documentos históricos, assim como as filosofias e poemas produzidos pelo homem, são fonte de estudos onde se acham ideias, sentimentos, paixões e estados mentais. Taine considera que toda obra de arte, poesia e literatura é formada pelo conjunto de três variáveis: a raça, o meio e o tempo e entendê-las é fazer psicologia. Para ele, explicar uma revolução é escrever uma página de psicologia. (Ribot, 1877, p.114) Ribot ressalta que só é possível compreender de forma adequada estes trabalhos de Taine considerando-os como fragmentos de uma psicologia etnográfica. Aliás deve-se notar que Ribot, em sua proposta, considera a psicologia etnográfica como uma subdivisão da psicologia.

Ribot considera que Taine deseja que a psicologia seja uma ciência dos fatos e que em seu país ela represente as mesmas tendências encontradas no movimento da psicologia inglesa contemporânea. E é com essa perspectiva que Ribot escreve claramente em seu texto (Ribot, 1877a) que aguarda os prometidos trabalhos de Taine sobre a vontade e sobre os sentimentos. Note-se que ambos a temassarão tratados por Ribot ao longo de sua obra.

Outra característica do trabalho de Taine, adotada também por Ribot, é o interesse pelo estudo das ciências biológicas. Ribot relata que Taine se interessa pelos escritos de anatomia, fisiologia e médicos, “procurando fatos raros e casos singulares que possam lançar luz aos fenômenos ordinários”(Ribot, 1877, p.114). Em mais um elogio, afirma que ninguém assim foi visto assim na França desde Cabanis²² e Broussais. E aproximando ainda mais Taine da medicina, diz que é à ele e aos autores ingleses que os fisiologistas e os médicos recorrem para obter as explicações psicológicas que precisam.

Apesar de atribuir grande importância aos estudos biológicos, Ribot deixa claro que, para Taine, diferentemente dos positivistas, o estudo do cérebro não é suficiente. Taine, seguindo

²² Pierre-Jean-Georges-Cabannis (1757-1808), médico e intelectual que exerceu muita influência na França. Segundo ele a medicina não se aprende em livros, mas no leito do doente. Com grande influência política e pertencente à escola “ideológica”, acreditava que a medicina deveria ser a base de uma ciência geral do homem (Nicolas, 2002).

Locke e Condillac, atribui uma grande importância à ideologia, ou seja, à análise das ideias e dos símbolos. Analisar é, neste contexto, traduzir, e traduzir é discernir fatos precisos. Seguindo este raciocínio, fazer ciência é traduzir fatos particulares em fatos gerais.

Ao concluir seus comentários sobre os experimentalistas Ribot inclui Berthelot²³, com seus trabalhos sobre a filosofia química e sua carta a Renan “*Sur la science idéale e a science positive*”, como referência importante. Claude Bernard²⁴ também é incluído na escola experimental com trabalhos sobre a “natureza da vida”. Ele inclui o médico como personagem importante para a filosofia e para a psicologia da época, apontando a proximidade do autor com a medicina. Como grandes contribuições do médico, ele cita “*Introduction à la médecine expérimentale*”, seu trabalho sobre o método, o qual Ribot valoriza por partir da experiência pessoal do autor. Por fim, o autor menciona Léon Dumont²⁵ com seus artigos sobre os autores ingleses e alemães. E lamenta sua morte prematura.

Ribot dedica o terceiro dos cinco itens do texto a Charles Renouvier (1815-1903). Segundo Ribot, Renouvier se conecta à escola comtiana ao aceitar uma de suas fórmulas fundamentais: a redução do conhecimento às leis dos fenômenos. Mas se separa imediatamente, pois, segundo Ribot, Comte jamais atribuiu importância às considerações críticas da faculdade do conhecimento, e Renouvier a coloca em evidência. Em termos gerais, Renouvier, diz o autor, segue o trabalho de Kant, determinando o papel da filosofia como uma crítica geral ao conhecimento e preparação a uma ética. Ainda nos passos de Kant, ele considera a liberdade como fundamento do homem, seu traço essencial e característico. Nosso autor diz que Renouvier se indigna ao ser acusado de ceticismo, argumentando que o ceticismo é uma doutrina crente e que simplesmente substitui as desacreditadas provas metafísicas por provas morais. Além disso, ele rebate fervorosamente as doutrinas panteístas.

Ribot lamenta que Renouvier não seja muito popular na França. Apesar de reconhecer que seus trabalhos merecem maior atenção, considera que a dificuldade do estilo de Renouvier não é perdoada pelos leitores franceses. Contudo, o autor constata que à medida que a corrente neo-kantiana ganha força, Renouvier se populariza.

²³ Marcellin Berthelot (1827-1907), químico membro do *Collège de France*.

²⁴ Claude Bernard (1813-1878), fisiologista e sistematizador do método experimental na fisiologia francesa do século XIX. (Castanõn, 2007; Ferrater Mora, 2004).

²⁵ Léon Dumont (1837-1877), defensor e introdutor de novas ideias na França. Responsável pela seção de crítica da *Revue Scientifique*, defendeu as ideias de Darwin, Hartmann, Shopenhauer, entre outros. (Nicolas, 2002)

Ainda fazendo um panorama da filosofia e psicologia francesa Ribot menciona três autores, sem conseguir ligá-los a nenhuma escola. São eles Étienne Vacherot (1809-1897), Ernest Renan (1823-1892) e Antoine Augustin Cournot (1801-1877). O primeiro foi aluno de Cousin, rompendo cedo com seu mestre.

Ribot diz que Vacherot critica os espiritualistas por recorrerem frequentemente ao senso comum e recusar doutrinas por suas consequências supostas em vez de discutir princípios. Sua crítica dirige-se a uma tendência espiritualista de constituir uma “polícia mental”. Vacherot rejeita também todo conhecimento *a priori*, aproximando-se assim do positivismo e da escola crítica, sugere Ribot.

Assim como Vacherot, Renan também é citado por Ribot como recebendo influências de Hegel e Kant. Traçando seu perfil, comenta que Renan é: “Sábio reconhecido e o mais brilhante e o mais exímio dos escritores. (...) Renan fala a língua de todas as escolas, provocando admiração e cólera de todo mundo.” (Ribot, 1877, p. 118). E, curiosamente, ele comenta a ideia de progresso em Renan:

Ele parece também ser profundamente penetrado pela ideia de certo progresso contínuo nas coisas, em consequência do qual o mundo passou de um estado primitivo no qual não havia nada além de átomos com propriedades mecânicas, ao estado presente, no qual a vida se manifesta com a consciência e a tendência em direção ao ideal. (Ribot, 1877, p. 118)

Ribot menciona, por fim, o matemático Cournot, o qual define como um “probabilista”. Para Cournot, a filosofia não é e não poderá jamais ser uma ciência, pois esta última exige uma rigorosa exatidão; ela deve definir, provar e medir, e a filosofia não admite esta prática. O objetivo da filosofia é extrair um sistema ordenado de ideias. Para Cournot, ela deve coordenar e classificar os conhecimentos humanos.

Mas Ribot não termina seu artigo aí. Ele faz um apanhado histórico do ensino da filosofia no país e critica novamente o espiritualismo, denunciando que seus principais representantes encontram-se nas faculdades e no *Institut* (Academia de Ciências Morais e Políticas). Define este último como “o santuário da ortodoxia filosófica” e denuncia suas práticas: “Os papéis que são lidos aqui devem ser comunicados anteriormente de modo que cada palavra irrefletida seja retirada” (Ribot, 1877, p. 121). O autor analisa que, em uma tentativa de se renovar, há uma tendência a se apoiar mais em Maine de Biran que em Cousin, seja atacando as teorias

espiritualistas e experimentalistas ou assimilando-as tanto quanto possível. Entre os que adotam esta tendência encontram-se Franck, Lévêque, Caro (Ribot reconhece seu brilhantismo crítico), Bouillier e Paul Janet.

Ribot termina seu texto não deixando dúvidas sobre seu posicionamento: “Aguardando, nós nos consultamos tranquilamente, o mais prudente é voltar-se para a nova escola; nós trabalhamos duro para renovar nossas forças intelectuais, e alguns anos deverão passar antes que se veja o resultado” (Ribot, 1877, p. 122).

Uma das contribuições de Ribot para a psicologia francesa como ciência independente vem, sem dúvida, de sua coragem! Neste texto, assim como nos outros dois textos vistos neste capítulo, Ribot se posiciona com veemência, à medida que relata as diferentes escolas.

No próximo capítulo abordaremos aspectos da medicina francesa e a proximidade de Ribot com ela. Em seguida passaremos aos textos no quais Ribot aplica o método psicopatológico propriamente dito.

Capítulo 3

O método Psicopatológico

3.1 – Ribote sua proximidade com a medicina na França

O método psicopatológico é uma das maiores contribuições de Théodule Ribot à psicologia francesa (Nicolas, 2005; Carroy, Ohayon & Plas, 2006). De maneira ampla, o método consiste em apoiar-se nos estudos das psicopatologias para entender o funcionamento normal do psiquismo. Evidentemente este, como qualquer método, exige um arcabouço de noções teóricas que o sustentem. Temos explicitado ao longo deste texto as diversas concepções teóricas adotadas por Ribot que possibilitam e sustentam sua proposta. Assim, vimos a rivalidade do autor com a escola de Cousin, a influência recebida da escola associacionista inglesa e da psicofisiologia alemã. A influência de John Stuart Mill, Taine e o posicionamento de Ribot frente ao positivismo também contribuíram para esclarecer alguns dos importantes conceitos da psicologia proposta pelo autor. Contudo, nosso estudo ficaria bastante incompleto se desprezássemos a contribuição do movimento da psiquiatria francesa para a construção e a consolidação do método psicopatológico.

Ao longo do texto, explicitamos que, desde seus primeiros trabalhos e em vários momentos ao longo de sua obra, Ribot leva em conta a contribuição da psicopatologia para o estudo da psicologia. Já na introdução da *La psychologie anglaise contemporaine*, em 1870, ele ressalta os estudos da psicopatologia dizendo que “as degenerações mórbidas do organismo que engendram desordens intelectuais, as anomalias, os monstros de ordem psicológica são para nós como experiências preparadas pela natureza e aqui, quanto mais preciosas quanto mais raras” (Ribot, 1870, p.31).

Ainda na introdução de *La psychologie anglaise contemporaine*, ele atribui grande valor à psicologia comparada. Segundo o autor, ela é um importante complemento para a psicologia geral nos estudos das sensações, das emoções, do pensamento, entre outros. A comparação com outros povos, outras etapas de desenvolvimento e até mesmo entre dois indivíduos é, para Ribot, um método eficaz para o estudo da psicologia. Este método é inspirado no naturalismo, muito em voga na época. Segundo Ribot:

Todos os naturalistas estão de acordo em reconhecer que nenhum estudo foi mais fecundo para eles que o de anatomia e de fisiologia comparada; que o conhecimento dos

organismos rudimentares fez, melhor que nenhum outro, compreender os órgãos e suas funções. Nada semelhante foi tentado, aceito ao menos, na psicologia ordinária: a ideia de um método comparativo começa apenas a se colocar. (Ribot, 1870, p. 34)

A teratologia psicológica (estudos das anomalias e monstruosidades) também tem um lugar importante na psicologia, como afirma o próprio Ribot: “É inútil parar para demonstrar quanto o estudo dos desvios é útil para a compreensão completa dos fenômenos; mas o que é notável é a despreocupação da psicologia sobre este ponto” (Ribot, 1870, p. 37). O autor se surpreende como a psicologia pode ter fechado completamente os olhos para as anomalias e as exceções e cita um exemplo: “Foram os fisiologistas que tiraram da curiosa história de Laura Bridgmann conclusões que ela comportava: conclusões totalmente contrárias à doutrina das sensações transformadas e que, fundada em fatos, não tinham o caráter vago dos argumentos ordinários” (Ribot, 1870, p. 38). Já em 1870 ele argumenta que a um surdo ou um cego pode se aplicar um dos procedimentos mais rigorosos do método: o método da diferença (Ribot, 1870) e questiona ironicamente se “os estudos sobre a loucura, ainda bem incompletos, foram estéreis até aqui?” (Ribot, 1870, p. 38).

Em *La psychologie allemande contemporaine* (1879), o autor já colocara que “os fatos patológicos, e em particular as alucinações, provam que a ideação é ligada a um determinado centro nervoso” (Ribot, 1879, ix), utilizando desde àquela época fenômenos psicopatológicos em seus argumentos.

Apesar de fortes indicações na direção do método psicopatológico, consideramos, entretanto, que não há ainda nesta época a consolidação do método propriamente dito. Mesmo não havendo um momento específico em que Ribot “funda” o método, consideramos que nesta primeira fase de sua obra o autor faz apenas indicações das possibilidades destes estudos, não tendo formulado ainda uma visão completa deste método.

Para avançarmos um pouco mais na direção de uma melhor compreensão da formulação do método será necessário incluir alguns outros pontos importantes. Na construção do método utilizado por Ribot em seus estudos psicopatológicos, alguns outros personagens franceses também tiveram sua contribuição.

A *École Ideologique* é nosso ponto de partida. Os pensadores desta escola exerceram uma grande influência no pensamento da época. Além disso, seu papel político também tem relevância. Com uma longa história, passando pelos mais variados regimes políticos da França,

esta escola que teve origem na Revolução Francesa não pode ser deixada de lado. Evidentemente, tendo sofrido transformações e abrangendo muitas peculiaridades de diferentes autores, seu nome se liga às mais variáveis tendências.

Os “idealistas” são considerados herdeiros de Locke e do sensualismo de Condillac. Seu nome origina-se da sua recusa em utilizar a palavra psicologia. Este termo estava excessivamente associado ao antigo regime e era geralmente vinculado à ideia de “ciência da alma”. Esta ideia, que agradava à monarquia e se vinculava à igreja católica, desagradava imediatamente seus adversários. Em outro momento político, membros desta escola formaram uma relação de apoio e em seguida de oposição ao Império, declarando repúdio a Bonaparte. Esta posição suscitou ásperos comentários do Imperador, os quais contribuíram para dar ao termo um sentido pejorativo (Ferrater Mora, 2004). Embora seja possível marcar diferentes fases e diferenças importantes entre os pensadores desta escola, seu nome traça uma linha comum entre eles. Ferrater Mora explica que a terceira geração desta escola esteve em contato com o ecletismo e que “os trabalhos produzidos por Degérando e Laromiguière influenciaram Taine, de acordo com que indica Picavet, até mesmo Renan, Littré e Th. Ribot (às vezes descritos como representando “o renascimento da ideologia)” (Ferrater Mora, 2004, p. 1434).

De fato, a escolha da palavra “Ideologia” (*école idéologique*) aproxima-se à noção de “ciência do pensamento” ou “ciência das ideias” (Nicolas, 2002), mudando seu objeto de estudo e afastando-o do campo religioso. Podemos considerar que os “ideólogos” mantiveram de certa forma o “espírito das luzes”, garantindo a passagem da filosofia do século VIII ao positivismo do final do século XIX (Carroy, Ohayon & Plas, 2006). Os ideólogos, assim como Condillac, admitem que todas as nossas ideias vêm de sensações e que uma sensação pura e simples não acarreta percepção de relação nem julgamento; além disso, argumentam que a sensação de resistência é a única que nos mostra a relação com o mundo fora de nós. (Nicolas, 2005).

Um personagem fundamental entre os ideólogos franceses é o médico Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1008). Como vimos, Cabanis é citado por Ribot em seu texto de 1877, destacando sua importância para a psicologia francesa. Ele foi médico clínico até a Revolução e passou a lecionar em diversas instituições a partir de 1794. Cabanis propõe que a medicina seja considerada como o elemento principal de uma ciência geral do homem (antropologia). Para ele a medicina deveria ser informada pela filosofia e pela psicologia de modo a fornecer as bases para o estudo da loucura, por exemplo. Era, em sua visão, a ciência que deveria abraçar tanto o domínio do físico quanto o moral, bem como a relação entre eles. Para Cabanis o pensamento é

uma secreção do cérebro, assim como o suco gástrico o é do estomago(Cabanis, 1802). Sua crítica a Condillac recai sobre seu pouco conhecimento da fisiologia que o faz negar o papel dos instintos. Para Cabanis, existe uma sensibilidade interna ligadas aos órgãos, que nos governa e escapa ao nosso controle. Para poder atingir esta sensibilidade, além da fisiologia, Cabanis utilizará a patologia mental. Ele coloca assim, em evidência o problema da organogênese ou da psicogênese das patologias mentais (Nicolas, 2002). Contudo ele rejeita a organicidade como única causa da loucura apoiando-se na ausência de correlação anatomo-clínica (Carroy, Ohayon & Plas, 2006). Segundo ele, a alienação é a tradução aparente do caos das impressões internas e externas. Note-se que Ribot admite que sempre há um correlato entre o psíquico e o físico; e se não conseguimos observá-los, é por mera incompetência de nossos meios.

Outro importante personagem é Antoine-Louis Claude Destutt de Tracy (1754-1836). Amigo de Cabanis, ele é considerado o criador do termo “*idéologie*”. Assim como Ribot irá propor, Tracy defende que para se tornar uma ciência independente e completa a ideologia deve se apoiar na fisiologia e na patologia, no estudo das crianças, dos loucos e dos animais. Para ele, a ideologia é a verdadeira ciência do pensamento e se opõe à metafísica como a astronomia se opõe à astrologia (Nicolas, 2002). Entretanto, para ele, a “ideologia fisiológica” demoraria muito ainda para se estabelecer, pois deveria coletar material empírico suficiente para isto. Neste contexto, ele propõe a “ideologia racional”, um projeto filosófico-dedutivo. (Nicolas, 2002). Com a “ideologia racional”, Destutt de Tracy inspirou, paradoxalmente, Maine de Biran precursor da escola espiritualista francesa. (Carroy, Ohayon & Plas, 2006; Nicolas, 2002).

O movimento alienista, do início do século XIX, não pode deixar de ser citado. Ele é importante para compreendermos um pouco mais a proximidade entre a medicina e a psicologia na França. O próprio Ribot, ao utilizar os casos psicopatológicos baseia-se em estudos de alienistas. Um importante representante deste movimento é Charcot, grande amigo de Ribot, como veremos. Embora os médicos alienistas opusessem-se frequentemente aos “psicólogos-filósofos”, Charcot e Ribot aproximavam-se no interesse por suas questões em comum. Suas discussões passavam pela distinção entre o eu e mundo externo, pelo tema da união e identidade do eu, entre outros (Nicolas, 2002).

Alguns marcos são fundamentais na história do alienismo e sem citá-los não é possível alcançar a dimensão deste movimento na França. Philippe Pinel (1745-1826) é um destes marcos, considerado um dos precursores da medicina alienista, que nos termos atuais chamaríamos de psiquiatria (Carroy & Ohayon, 2006). Na época de Pinel, a medicina alienista

era considerada uma “medicina especial” tendo as doenças mentais como seu campo. Outro marco importante é a lei de 1838, sob a Restauração, que trata dos alienados e define as modalidades de internação e obriga cada departamento francês a ter um asilo. Esta lei atribui aos médicos o poder de privar os loucos de liberdade, prerrogativa esta concedida anteriormente somente à justiça. O médico alienista passa a ser então uma figura de grande poder com atributos administrativos, de juiz, de especialista, de terapeuta e de sábio. Com a transformação causada pela lei, é possível imaginar o poder alcançado pelos “médicos especiais” e a importância de seus estudos na França. E embora sempre tenha havido críticas à esta lei a importância de seus efeitos é vasta e ainda hoje podemos senti-los mesmo no Brasil.

Em 1843, os médicos alienistas possuíam uma forte identidade científica e profissional, fundando inclusive uma revista, a *Annales médico-psychologiques*. Ela destinava-se a ser um:

Jornal de anatomia, de fisiologia, e de patologia do sistema nervoso, destinada particularmente a recolher todos os documentos relativos à ciência das relações do físico e do moral, à patologia mental, a medicina legal dos alienados e à clínica dos neuróticos. (Carroy, Ohayon & Plas, 2006, p. 21)

Sua vocação era enciclopédica, recolhendo fatos e documentos. Aliás, muitos destes fatos serão usados por Ribot em seus trabalhos de psicopatologia. Cinco anos mais tarde, a recém fundada *Société médico-psychologique* deixará claro que os médicos “especiais” reivindicam para si o domínio da “psicologia mórbida”. Note-se que esta psicologia mórbida não se restringe apenas aos pacientes dos asilos (alienados), mas alcança também os neuróticos, tornando ampla sua extensão, podendo chegar aos homens normais (Carroy, Ohayon & Plas, 2006). Curiosamente, um membro ativo desta sociedade é Paul Janet.

Embora estivesse no domínio da medicina, o movimento alienista dava um lugar importante às causas morais da loucura, e o tratamento moral era a base de sua clínica. Contudo, ao longo do século, a degenerescência e a transmissão hereditária ganham cada vez mais destaque como causas da alienação. Os alienistas se afastam do espiritualismo e se aproximam da fisiologia reforçando a preponderância das causas orgânicas. Esta posição se acirra até a chegada de Charcot, que ironicamente classifica a tendência espiritualista na medicina de psicologia “a água de rosas” (Carroy & Oyahon, 2006).

Esta tendência organicista vem acoplada a uma reivindicação de domínio. A prática comum do que Littré chamava de “medicina retrospectiva”, ou seja, atribuir diagnósticos retrospectivos a

célebres homens do passado, contribui para a consolidação da extensão de competência desta medicina especial. Assim, Sócrates, Pascal e, sobretudo, a heroína católica Jeanne d'Arc, tiveram seus diagnósticos de acordo com as novas classificações médicas. Desta forma, muitos alienistas ligavam suas práticas ao combate religioso, trazendo para a psiquiatria quase todos os fenômenos, estendendo seu campo e explicando psiquiatricamente fenômenos considerados divinos anteriormente. A degenerescência trazia para a medicina o alcoolismo, as alucinações (tratadas à época como fenômenos religiosos), as prostitutas, artistas e até os sábios. Desta forma, a fronteira entre o homem normal e o louco ficou cada vez mais frágil (Carroy, Ohayon & Plas, 2006).

Jacques Moreau de Tours (1804-1884) coroa a fragilidade deste limite com o livro *Du hachich et de l'aliénation mentale: études psychologiques* (Tours, 1845), em que relata observações de seus próprios estados psicológicos induzidos pelo consumo de haxixe. Ele chega à conclusão que não há diferença entre suas ilusões e aquelas dos alienados. Além disto, ele liga os sonhos a estados de loucura, afirmando que há uma semelhança entre eles (Tours, 1845). Ribot cita Tours em uma carta à Espinas dizendo: “Eu estou lendo a *Psychologie Morbide* de Moreau de (Tours) que me interessa muito” (Ribot citado por Lenoir, 1957, p. 2). Além de aproximar os fenômenos normais e os patológicos, Tours reforça também a corrente organicista, ressaltando efeitos fisiológicos sobre o moral.

Os médicos alienistas, assim como Ribot, pedem uma psicologia mais objetiva do que aquela que eles aprenderam no colégio. Ou seja, mais objetiva que a psicologia do Ecletismo espiritualista de Victor Cousin. Uma psicologia que levasse em conta a ação do físico sobre o moral.

Desta forma, em meados do século XIX, duas correntes de “psicologia” existiam: uma no domínio da filosofia e outra no campo da medicina. Os debates sobre a predominância entre o físico e o moral permeavam ambos os campos e definiam as diferentes posições (Carroy, Ohayon & Plas, 2006).

A corrente apoiada no saber médico apoia-se nos hospitais como lugar privilegiado de observação, seja para casos singulares ou estudos estatísticos. Estes médicos-psicólogos exercem uma forte oposição à “psicologia filosófica” e, utilizando-se do paralelismo psicofísico, suas pesquisas tendem a mostrar como as faculdades da alma, longe de poderem ser estudadas separadamente, tem uma base fisiológica que explicam seu funcionamento. Eles estudam como o físico age sobre o moral. Um bom exemplo desta corrente é Paul Broca (1842-1880), que

colocou em evidência a correlação de patologias entre linguagem e lesões no hemisfério esquerdo, em 1861, ferindo com um forte golpe a ideia espiritualista de alma isolada do corpo (Carroy, Ohayon & Plas, 2006; Nicolas, 2002). Note-se que através da patologia foi possível uma verificação “experimental” deste paralelismo.

François Broussais (1772-1838) é outro renomado médico da época. Embora não tenha sido propriamente um alienista, seus trabalhos em psiquiatria, fisiologia e patologia (*Da irritação e da loucura* (1828), *Traité de physiologie appliquée à la pathologie* (1822), *Traité de physiologie pathologique* (1825), *Traité sur l'irritation et sur la folie* (1828), *L'association du physique et du moral*, (1834)) o vinculam a este movimento. Todavia, sua influência no trabalho de Ribot não pode ser descartada. Como nos diz Carroy “os princípios que fundam esta psicologia (a de Ribot) se apóiam sobre a hipótese que retoma Broussais e Claude Bernard, de uma continuidade entre o normal e o patológico” (Carroy, Ohayon & Plas, 2006). Nicolas também ressalta a importância da obra de Broussais na psicologia de Ribot: “Ribot concebe o método patológico – 1 como fundado em virtude do princípio de Broussais (1828): a fisiologia e a patologia, - tanto as do espírito como aquelas do corpo – não se opõe uma a outra como dois contrários, mas como duas partes do mesmo todo” (Nicolas, 2005, p.29). Nicolas afirma que nisto Ribot é um ideólogo. Canguillem também atribui a Broussais (princípio de Broussais) a ideia de continuidade entre o funcionamento normal e aquele da doença:

Este tratado baseia-se no grande princípio cuja descoberta tive de atribuir a Broussais, porque sobressai do conjunto de seus trabalhos, embora somente eu tivesse elaborado sua formulação geral e direta. O estado patológico era, até então, relacionado com leis completamente diferentes das que regem o estado normal: de modo que a exploração de um deles não podia decidir nada para o outro. Broussais mostra que os fenômenos da doença coincidem essencialmente com os fenômenos de saúde, da qual só diferem pela intensidade. (Canguilhem, 2011, p. 18)

O princípio de Broussais torna possível localizar os estudos da patologia entre aqueles da fisiologia, ou ainda, da biologia em geral. Na psicologia de Ribot, esta ideia é fundamental, pois possibilita o método psicopatológico, uma vez que propõe o estudo do funcionamento normal do psiquismo através das psicopatologias. Contudo, Broussais não é o único a defender esta ideia. Na análise de Canguillem, Renan (amigo de Ribot) também via nas diversas psicopatologias um fecundo campo de experiências:

“O sono, a loucura, o delírio, o sonambulismo, a alucinação oferecem à psicologia individual um campo de experiência bem mais fecundo que o estado ordinário. (...) Da mesma forma, a psicologia da humanidade deverá ser edificada, sobretudo a partir do estudo das loucuras da humanidade (...)”. (Canguilhem, 2011, p. 14)

Canguilhem cita ainda o próprio Ribot como seguidor destas ideias: “L. Dugas, no seu estudo sobre Ribot, mostrou bem o parentesco que há entre as concepções metodológicas de Ribot e as ideias de Comte e de Renan, seu amigo e protetor” (Canguilhem, 2011, p. 14) e continua citando Ribot: “A fisiologia e a patologia – tanto as do espírito quanto as do corpo - não se opõem uma a outra como dois contrários, mas sim como duas partes de um mesmo todo (...)” (Ribot, 1909, p.252).

Claude Bernard é outro nome importante da medicina na época de Ribot. Em *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale* (1865), retoma o princípio de Broussais, opondo a experimentação “invocada” natural à experimentação “provocada” pela intervenção ativa de um experimentador (Carroy, Ohayon & Plas, 2006). Ribot também adota esta ideia, tornando-a um dos pilares conceituais do método psicopatológico. Para Ribot, assim como para Broussais, a patologia pode ser considerada uma experimentação natural, oferecida pela natureza, e, muitas vezes, de maior valor que a experimentação normal, pois ela alcança limites do impensável. Só ela pode oferecer a possibilidade de certas observações que jamais encontrariam voluntários nem experimentadores dispostos a produzi-las.

Também médico e expoente do movimento alienista, Jean-Marie Charcot tinha grande proximidade com Ribot. Charcot era muito influente e assumiu a chefia de departamento na Salpêtrière em 1866. A partir de 1878, inicia suas famosas pesquisas sobre histeria. E, em 1882, assume a cadeira de doenças nervosas na Faculdade de Medicina de Paris. Tornou-se um personagem de renome e até mesmo o jovem médico Sigmund Freud, na Alemanha, conhecia seu trabalho. Freud estudou com Charcot em 1886, quando recebeu uma bolsa de estudos do governo alemão para este fim. Um trecho do relatório de viagem de Freud, no qual ele justifica sua escolha pelo Hospice de la Salpêtrière, reflete a importância de Charcot:

Em primeiro lugar, havia a certeza de encontrar reunido no Salpêtrière um grande acervo de material clínico que, em Viena, só se pode encontrar disperso por diferentes departamentos, não sendo, portanto, de fácil acesso. Além disso havia o grande renome de J. M. Charcot que há dezessete anos vem lecionando em seu hospital. (Freud, 1886/1996, p. 41)

Freud volta da viagem encantado com o médico e posteriormente traduz para o alemão “*Leçons sur les maladies du système nerveux*” de Charcot, contribuindo assim para a perpetuidade do reconhecimento de seu trabalho.

A relação de Charcot com Ribot era bastante próxima. Nosso autor comenta em uma de suas cartas a Espinas as contribuições de Charcot para sua revista:

Charcot e todos os seus alunos (a escola da Salpêtrière) desejam arduamente fazer o balanço da psicologia fisiológica. Como eu os vejo constantemente e como eu estou bem com eles, eu tenho lá um bom ponto de apoio. Charcot nomeia ele próprio o mais apto a tratar uma questão, supervisiona, aconselha e estimula, vela para que esteja pronto no prazo, enfim faz meu trabalho. (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 157).

Em contrapartida, Charcot também cita muito frequentemente as obras de M. Ribot (Janet, 1928). Ele refere-se ao autor também em suas famosas *Leçons du mardi*: “Na importante obra que ele consagrou as doenças da memória, M Th. Ribot fez notar perfeitamente que hoje em fisiologia a distinção das memórias parciais...se tornou uma verdade corrente” e apresenta sua aula como uma aplicação do método de interpretação proposto por Ribot (Janet, 1928, p.10). Os dois tiveram algumas realizações em conjunto. A fundação da Sociedade de Psicologia Fisiológica foi uma delas.

A Sociedade de Psicologia Fisiológica foi um instrumento importante para a consolidação da psicologia como ciência na França. Ribot escreve a Espinas: “é uma importante questão por aqui fundar uma sociedade de psicologia fisiológica na qual Charcot aceitou a presidência” (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 160). Esta sociedade nasceu a partir do *Congrès international de psychologie Physiologique* de 1889, outra realização em conjunto dos dois autores. Chamados de “psicologia fisiológica”, tanto a Sociedade quanto o Congresso, marcam a tendência científica dos dois autores sempre em oposição à tendência filosófica espiritualista. Note-se, entretanto, que Ribot não queria se tornar um fisiologista: “Você leu no *Temps* (há mais ou menos 12 dias) o artigo de Janet sobre as doenças da memória? É um longo contra-senso. Ele crê que eu tenho como objetivo fazer fisiologia!!!” (Ribot citado por Lenoir, 1970, p.23). Apesar de sua proximidade com a medicina, Ribot não se torna um médico e mantém a psicologia sempre fora da medicina. Contudo, sua proximidade com o campo da medicina não pode ser ignorada.

Podemos dizer que, entre as várias correntes da época: os psicólogos fisiologistas, os psicólogos-médicos-psiquiatras, os psicólogos físicos e os psicólogos filósofos, além daqueles

que se interessam pela clarividência, telepatia e outros fenômenos ocultos, Ribot marca seu lugar. Primeiramente contra o espiritualismo, sobretudo criticando-o e mostrando alternativas a este divulgando as ideias da psicologia alemã e inglesa. Posteriormente, o autor apresenta sua grande contribuição consolidando e aplicando o que mais tarde será reconhecido como seu método: o método psicopatológico.

3.2 – A aplicação do método psicopatológico

A partir de maio de 1880, Ribot escreve uma série de artigos sobre a memória e suas patologias. Este grupo de trabalhos abre a chamada fase de estudos psicopatológicos de sua obra. Nesta fase, Ribot publica quatro obras baseadas em temas apoiados em psicopatologias: *Les maladies de la mémoire* (1881), *Les maladies de la volonté* (1883), *Les maladies de la personnalité* (1885/1921) e *Psychologie de l'attention* (1888/1916), além de muitos artigos (Ribot, 1880a, 1880b, 1880c, 1881/1911).

Vale acrescentar, entretanto, alguns comentários sobre a tese de 1873, de Ribot. *L'Hérédité* é considerada a obra mais importante do autor por Nicolas (Nicolas, 2000). De fato, como vimos à apresentação desta tese marcou um momento importante para a consolidação da psicologia na França. Ela pode ser considerada também como a primeira obra em que Ribot aplica o método psicopatológico, pois há um capítulo em que o autor cita casos em que há hereditariedade nos casos de morbidade psicológica. Segundo Nicolas:

O capítulo consagrado à hereditariedade mórbida tem historicamente um lugar central, pois ele inaugura o método psicopatológico próprio a Ribot. O apoio sobre a patologia para fundar sua hipótese da hereditariedade psicológica é a marca de um método que ele aplicará em seguida com rigor e determinação. (Nicolas & Murray, 2000)

Nicolas cita as palavras de Ribot: “Nós consideramos, de nossa parte, os estudos das doenças mentais como muito útil para a psicologia experimental e muito próprio para resolver um bom número de questões”. (Ribot, 1873, p. 225).

Contudo, consideramos que Ribot já havia apontado em 1870 a pertinência do estudo das patologias para a psicologia, não sendo, portanto uma afirmação original da tese. Outro ponto a ser considerado é que, nesta tese, a psicopatologia é tratada apenas em um capítulo não sendo o objetivo principal da obra. Além de tudo, o autor não busca conhecer o funcionamento da hereditariedade psicológica, mas apenas confirmar sua existência. Como vimos, a aplicação do

método psicopatológico visa conhecer os mecanismos de funcionamento psíquico, o que não é o caso do texto de 1873. Desta forma, em nosso entendimento a tese de Ribot, apesar de indicar o caminho do método utilizado mais tarde pelo autor, não pode ser considerada uma aplicação deste. Desta forma, consideraremos quatro obras citadas como eixo para nossa análise.

Nestas obras, Ribot trata de cada uma destas questões (memória, vontade, personalidade e atenção), aplicando o método psicopatológico. Ele baseia-se em observações de diversos casos. Entretanto, como Ribot não foi jamais “um prático”, ele recolhe os casos apresentados de publicações de medicina, da literatura e até mesmo da vida cotidiana. E é através destes casos e exemplos que ele sustenta suas hipóteses.

Para possibilitar a aplicação do método psicopatológico três pontos são fundamentais. O primeiro deles é a aplicação do princípio de Broussais, traçando uma “continuidade” entre o normal e o patológico. O segundo é que este princípio é aplicável a todos os fatos psicológicos, seja a percepção, a memória, à vontade ou os sentimentos. Além disto, é somente através da aplicação deste princípio que se torna possível estudar uma série de fatos, por exemplo, fatos inconscientes ou subscientes e aqueles fenômenos que não são passíveis de serem recriados. Por fim, o terceiro ponto é que este método é superior aos demais, pois engloba a observação e a experimentação (Nicolas, 2005).

Em *Les maladies de la mémoire*, Ribot deixa claro seu objetivo, revelando seu método:

Assim entendido, nosso estudo compreende uma fisiologia e uma psicologia geral da memória e ao mesmo tempo uma patologia. As desordens e as doenças desta faculdade, classificadas e submetidas a uma interpretação, deixam de ser um fato curioso ou anedotas divertidas que mencionamos de passagem. Eles nos aparecem como submetidos a certas leis que constituem o fundo mesmo da memória e colocam a nu seu mecanismo. (Ribot, 1881/1911, p. 2)

Assim, Ribot adota o princípio de que a “memória orgânica se parece em todos os pontos com a memória psicológica, exceto em um ponto: a ausência de consciência” (Ribot, 1881/1911, p. 7). Fazendo este paralelo, o autor compreende processos de memória sem consciência seguindo os passos dos processos em que há consciência.

A importância de estar sempre baseado em fatos é mencionada inúmeras vezes por Ribot. Esta passagem é bastante ilustrativa deste ponto:

É impossível para nós, nesta pesquisa, não fazer concessão a uma hipótese. Mas, evitando toda concepção a priori, e nos mantendo perto dos fatos, nos apoiando sobre o que sabemos da ação nervosa, nós evitaremos grande chance de erro. (Ribot, 1881/1911, p.10)

Esta outra toca no mesmo ponto:

Eu citei muitos fatos: este procedimento não é literário, mas eu creio ser o único instrutivo. Descrever em termos gerais as desordens da memória sem citar exemplos de cada espécie me parece um trabalho vão, porque é importante que as interpretações do autor possam a cada instante ser controladas. (Ribot, 1881/1911, p. vi)

Os fatos em que Ribot se baseia são, de forma geral, extraídos de tratados médicos. No capítulo II do texto de 1881, o autor ressalta a importância dos estudos médicos para seu trabalho e demarca sua contribuição a partir destes estudos:

Os materiais para o estudo das doenças da memória são abundantes. Eles estão espalhados nos livros de medicina, nos tratados de doenças mentais, nos escritos de diversos psicólogos. Pode-se sem muito esforço agrupá-los; tem-se assim na mão uma coleção suficiente de observações. O difícil é classificá-las, interpretá-las, e tirar delas alguma conclusão sobre o mecanismo da memória. A este respeito os fatos recolhidos têm valor muito diferente: os mais extraordinários não são os mais instrutivos; os mais curiosos não são os que mais iluminam. (Ribot, 1881/1911, p. 52)

Mas Ribot não funde a psicologia na medicina. Ele estabelece uma diferença clara entre os estudos da psicologia patológica e os da medicina:

Os médicos a quem nós devemos a maior parte (dos casos) só os descreveram e os estudaram na perspectiva de sua arte. Uma desordem de memória é para eles somente um sintoma; eles os percebem desta forma; eles se servem dele para estabelecer um diagnóstico e um prognóstico. O mesmo acontece para a classificação: eles se contentam em ligar cada caso de amnésia ao estado mórbido do qual ele é efeito: amolecimento, hemorragia, comoção cerebral, intoxicação, etc. Para nós, ao contrário, as doenças da memória devem ser estudadas em si mesmas, a título de estado mórbido que pode nos fazer compreender melhor o estado são. (Ribot, 1881/1911, p.52)

Os fatos citados pelo autor são, em geral, passagens e casos clínicos apresentados em livros e anedotas do dia-a-dia. Um bom exemplo é a passagem a seguir:

Um fato citado por Trousseau nos dá um exemplo bem notável de uma pura amnésia motora concernindo aos gestos.

Eu coloco minhas duas mãos e eu agito meus dedos na posição onde se encontra um homem que toca clarinete, e eu digo ao doente para fazer como eu. Ele executa imediatamente estes movimentos com uma perfeita precisão. Vocês vêem que eu lhe mando fazer um gesto como o do homem que toca clarinete. Ele responde por uma afirmação. Ao fim de alguns minutos eu lhe peço para repetir este gesto. Ele reflete e o mais comum é que se torna impossível reproduzir esta mímica tão simples. (Ribot, 1881/1911, p. 137)

Em *Les maladies de la volonté*, Ribot parte de fatos como em *Lès maladies de la mémoire*. De fato, sua proposta nos dois estudos é bastante semelhante, marcando a semelhança na aplicação de seu método: “Eu me proponho neste trabalho tentar fazer para a vontade o que eu fiz anteriormente para a memória, estudar as anomalias e de tirar deste estudo conclusões sobre o estado normal”. (Ribot, 1888, p. 2). Entretanto, reconhece uma maior dificuldade:

Diante de várias óticas, a questão é menos fácil: o termo vontade designa uma coisa mais vaga que o termo memória. Seja considerando a memória como uma função, uma propriedade ou uma faculdade, ela não se torna menos instável, é uma disposição psíquica sobre a qual todo mundo pode se entender. A vontade, ao contrário, se dissolve em “quereres” em que cada um é um momento, uma forma instável de atividade, uma resultante que varia com o grau das causas que as produzem. (Ribot, 1888, p. 2)

O autor tende a basear-se em fatos observáveis e excluir todas as discussões metafísicas, e suas afirmações não deixam dúvida de sua posição:

Podemos estudar a patologia da vontade sem tocar no inextricável problema do livre arbítrio? – Esta abstenção nos parece possível e mesmo necessária. Ela se impõe não por timidez, mas por método. Como todas as outras ciências experimentais, a psicologia deve rigorosamente se proibir toda pesquisa relativa às causas primeiras. O problema do livre arbítrio é desta ordem. (...) A experiência interna e externa é nosso único objeto; seus limites são nossos limites. Nós tomamos as vontades como fatos, com suas causas imediatas, quer dizer, os motivos que as produzem, sem procurar se suas causas supõem

causas ao infinito ou se há alguma espontaneidade que se soma. A questão se acha assim colocada de forma igualmente aceitável para os deterministas e seus adversários, e conciliável com uma e com outra hipótese. (Ribot, 1888, p. 2)

Ribot situa seu objetivo no estudo da vontade e, se por um lado, ele não afasta a fisiologia, por outro, ele não se restringe a ela como fica claro nesta passagem:

Eu tentarei mostrar no final deste estudo que em todos os atos voluntários, há dois elementos bem distintos: o estado de consciência, o ‘eu quero’ que constata uma situação, mas que não há por ele mesmo nenhuma eficácia; e um mecanismo psicofisiológico muito complexo, em que reside somente aí o poder de agir ou de impedir. (Ribot, 1888, p. 3)

Ele divide então a pura vontade e o mecanismo de ação que se liga a ela, e segue dizendo que esta conclusão geral só pode ser obtida baseando-se em conclusões parciais fornecidas pela patologia, reforçando assim a importância dos estados mórbidos no estudo do funcionamento normal do psiquismo.

Da mesma forma o autor se utiliza do princípio da evolução, bastante popular na época, pelo seu inverso, a dissolução:

Durante estes últimos anos, vários autores, sobretudo no estrangeiro, colocaram em detalhes certas partes da psicologia a partir do princípio de evolução. Parece-me que há algum proveito tratar estas questões no mesmo espírito; mas sob uma outra forma – a da dissolução. (Ribot, 1888, p. 2)

Outro tema popular da época é o da unidade do eu. O livro *Les maladies de la personnalité* toca neste tema. Embora bastante popular, seu trabalho sobre o tema parece não lhe agradar. Em sua carta de 25 de julho de 1884, ele escreve ao amigo Espinas: “Eu caí em um estado de tédio e desgosto de todo meu trabalho. *Les maladies de la personnalité* está concluída, eu o acho detestável e eu duvido que eu trabalhe em outra coisa tão cedo” (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 158)

Entretanto, seu texto é publicado e várias vezes reeditado. Logo na primeira página (da quarta edição), Ribot fala sobre as metamorfoses da personalidade, ilustrando de forma bastante clara como, em sua visão, as patologias são de valor inigualável também nos estudos da personalidade,

marcando novamente a característica de seu método. Note-se também nesta passagem que Ribot entende a hipnose como uma experimentação:

Pode-se, do nosso ponto de vista, dividi-las em duas grandes categorias: as alterações espontâneas e as alterações provocadas. As primeiras, naturais, só são acessíveis pela observação e resultam, nos casos graves, de um problema profundo e permanente das funções vitais. As segundas, artificiais, produzidas pela experimentação (ordinariamente por hipnose), vêm de fora e não penetram até o fundo íntimo do indivíduo, continuam um pouco superficiais e transitórias, a menos que por repetição elas não criem um novo hábito mental. (Ribot, 1885/1921, p. 18)

Logo na introdução de *Les maladies de la personnalité*, Ribot esclarece sobre o eu.

Na linguagem psicológica, entende-se geralmente por “pessoa” o indivíduo que tem uma consciência clara de si mesmo e age em consequência disso é a forma mais alta de individualidade. Para explicar esta característica, que ela reserva exclusivamente ao homem, a psicologia metafísica se contenta em supor um eu perfeitamente uno, simples e idêntico. Infelizmente, é apenas uma falsa clareza e um simulacro de solução. A menos que lhe confira uma origem sobrenatural, é preciso explicar como ele nasce e de que forma inferior ele vem. (Ribot, 1885/1921, p.1)

E ao final Ribot afirma que “os fatos patológicos confirmam esta conclusão” referido-se ao sentimento de unidade do eu. Para ele:

A unidade do eu, no sentido psicológico, é a coesão, durante um determinado tempo, de um certo número de estados de consciência claros, acompanhados de outros menos claros e de uma multidão de estados psicológicos que, sem ser acompanhadas de consciência, agem tanto quanto seus congêneres ou mais que eles. Unidade quer dizer coordenação. A última palavra de tudo isso é que, estando o consenso da consciência subordinado ao consenso do organismo, o problema da unidade do eu é, em última forma, um problema biológico. Fica a cargo da biologia explicar, se ela puder, a gênese dos organismos e a solidariedade de suas partes. A interpretação psicológica pode apenas lhe seguir. (Ribot, 1885/1921, p. 171)

Em sua publicação de 1888, Ribot não menciona no título a palavra “doença”, ela a nomeia “Psychologie de l’attention”. Contudo, em uma carta a Espinas, em sete de fevereiro de 1885, Ribot escreve: “Eu me coloquei no assunto seguinte: a atenção psicológica e patológica. Isto

continuará de certa maneira as “Doenças da vontade”. (Ribot citado por Lenoir, 1975, p. 159) Nesta obra, o autor aborda os mecanismos da atenção utilizando o mesmo método das obras anteriores. Assim, em se tratando da questão do método de Ribot, esta obra apenas repete o modelo dos estudos anteriores do autor, pouco acrescentando para nós. Da mesma forma, seus estudos sobre o pensamento (Ribot, 1897; Ribot, 1900) repetem a fórmula metodológica das obras anteriores. Não faremos, portanto, análises destas obras.

Capítulo 4

Considerações Finais Sobre o Método

Théodule Ribot escreve em 1909 um texto sobre os métodos da psicologia e, apesar de ser um texto tardio, é nele que o autor trata especificamente esta questão. Nele o autor revela de forma mais precisa do que em qualquer outro texto sua visão sobre os diferentes métodos. E é neste texto também que Ribot nomeia e estabelece de forma clara o método patológico, tornando-o um texto indispensável para esclarecer nossa questão. Contudo, a base teórica que sustenta o método não é mencionada pelo autor. Portanto, foi preciso estabelecer o percurso de Ribot para compreender mais profundamente as considerações feitas pelo autor em 1909.

4.1 Os métodos da psicologia

O texto citado acima é um capítulo no livro *De la méthode dans les sciences*, escrito a convite de Félix Thomas, intitulado *Les méthodes de la psychologie*. Este livro reúne importantes autores

dá época tratando do método nas diversas ciências e Ribot é o escolhido para tratar do método em psicologia.

Logo no início, ele define o objeto da psicologia como sendo o estudo científico dos fatos da consciência. Ele diz que a psicologia se propõe por descrição e por análise a determinar a natureza dos fatos da consciência. E deixa claro que, para os cientistas em geral, a natureza das coisas é do campo da metafísica. Note-se que esta separação radical entre ciência e metafísica, ainda que reserve para esta última um campo de trabalho, já está apontada no prefácio de *La psychologie anglaise contemporaine* (Ribot, 1870). Lembramos também que Ribot critica Comte e Broussais por desprezarem a metafísica, diferenciando-se deles. Nosso autor ressalta que é fundamental para o progresso das ciências que elas não tratem das questões primeiras das coisas, mas estas questões têm relevância e devem ser deixadas a cargo da filosofia (Ribot, 1870).

Seguindo o texto de 1909, ele descreve o campo da psicologia. Em primeiro lugar, diz que psicologia deve ocupar-se de mostrar as características que distinguem cada grupo de fenômenos e as suas variedades. Um bom exemplo é distinguir o grupo de estados da consciência chamados de sensações do grupo de sentimentos, que são mais complexos. Ela deve também investigar como os estados complexos nascem dos estados simples, determinar a relação entre os diferentes processos psicológicos e deles com as funções fisiológicas do organismo e, enfim, como estes processos se relacionam com os fenômenos físicos e sociais que formam o meio no qual o indivíduo sente, pensa e age. Ribot reconhece que são objetivos ousados e que, para atingí-los, a psicologia deve empregar seus procedimentos de pesquisa, ou seja, seus métodos. E é através dos diferentes métodos que é possível formular leis a partir da variedade confusa dos fatos (Ribot, 1909).

Ele divide os métodos da psicologia em dois grupos. O primeiro é o método subjetivo ou de observação interior, que é direto, imediato e exclusivamente próprio à psicologia. E o segundo é o método objetivo de observação exterior. Neste segundo grupo, a matéria estudada é dada ao psicólogo de fora dele, aproximando-se assim das ciências naturais como a física (Ribot, 1909).

Neste segundo grupo se distinguem três procedimentos: direto, indireto e a experimentação. Nos diretos, Ribot cita os testes e questionários que são aplicados aos outros homens e aos outros seres vivos dotados de funções psíquicas. Os procedimentos indiretos interrogam e interpretam os produtos das atividades mentais do homem, fixadas em obras individuais ou nas organizações sociais, coletivas. Estes são o método comparativo, genético e embriológico. A experimentação, por sua vez, coloca a psicologia entre as ciências naturais (Ribot, 1909).

Para o autor, a “experimentação” se produz sob duas formas. A primeira quando se aplica aos fenômenos normais (a experimentação propriamente dita) e a segunda quando utiliza as doenças como meio de pesquisa (Ribot, 1909). Esta segunda forma de experimentação é a que Ribot nomeia de método patológico. Note-se que o autor considera ambas as formas como legítimas e experimentais.

Quanto ao método subjetivo, a conhecida introspecção (olhar para dentro), o autor afirma que, apesar de seu caráter subjetivo e individual, este é o método fundamental da psicologia, condição necessária para todos os outros e praticamente o único empregado durante séculos. Ressalta que há uma diferença entre a consciência que é passiva e a observação interior que é de fato o método. Para Ribot, nem todos são dotados para a introspecção; contudo, outros nasceram psicólogos e o treinamento, a repetição e a disciplina são boas ferramentas para o crescimento deste poder de observação (Ribot, 1909).

O autor considera que é uma vantagem da psicologia observar diretamente os fenômenos que estuda, pois os fatos que estuda pela observação interna são menos sujeitos a inferências e, assim, menos sujeitos a erros. Nas ciências naturais, ao contrário, tem-se por objeto o mundo exterior observado pelos sentidos. Entretanto, há desvantagens nesta particularidade da psicologia, pois a observação científica exige um espírito frio e imparcial, difícil de ser atingido.

Há ainda outras desvantagens. Uma delas é que não respondemos a nossa observação no exato presente, mas sempre no passado e por isso nos baseamos na memória. Há estados de consciência que escapam à observação, como, por exemplo, os estados de cólera. Mas o autor confirma que apesar das críticas legítimas não se pode negar que a introspecção praticada por pessoas bem dotadas e bem treinadas tem valor como método, mantendo sua posição inicial.

Ribot ressalta que os objetos da psicologia não são estáveis e que os fenômenos da consciência são somente ordenados no tempo, sem contorno nítido, como os fenômenos do mundo exterior, que também se ordenam no espaço. E o autor admite que os fenômenos do mundo exterior também oscilam de acordo com o observador: “há um fator pessoal que não pode ser eliminado: a astronomia, que é uma ciência exata, já descobriu isso há algum tempo”. (Ribot, 1909, p. 248)

Para o autor, a crítica mais grave é aquela fundada sobre o caráter individual da introspecção, pois cada um só pode analisar sua própria consciência, não atingindo a característica de generalidade que a ciência exige. Para Ribot, esta é uma dificuldade incontornável e ficar apenas

na introspecção acarretará a impossibilidade da psicologia ser uma ciência, tornando-se simplesmente a história interna de um indivíduo. Mas ele admite que mesmo quando a psicologia se baseava só no estudo do eu, um observador se comparava com outros para buscar sustentação. Assim, para ele, sem a introspecção nada começa, mas só com ela nada se consegue. Esta posição de Ribot já está presente em sua primeira publicação (1870), onde afirma que o método objetivo necessita do subjetivo e vice-versa: “o método interior sendo o mais necessário, pois sem ele não se sabe sobre o que se diz, o método exterior sendo o mais fecundo, pois seu campo de investigação é o mais fecundo” (Ribot, 1870, p. 31).

Ao tratar do método objetivo, ou seja, da observação exterior, Ribot diz que este método se aplica às manifestações da vida do espírito dos outros. Ele admite que ninguém pode entrar na consciência do outro, mas é possível interpretar sinais externos por analogia de sua própria experiência e até as pessoas mais simples reconhecem nos outros sinais de raiva, indecisão, etc. Ele ressalta que a interpretação dos signos é sempre um pouco precária e por isto há um risco em ler nossa própria maneira de pensar e de sentir no espírito que observamos. Há de se reconhecer um elemento de incerteza. Não podemos afirmar que as mesmas expressões exprimem os mesmos sentimentos em todos os homens, esta incerteza aumenta mais quando vamos de um adulto a uma criança; e muito mais quando se trata dos animais inferiores. Esta interpretação baseia-se em analogia, e à medida que as diferenças entre o espírito do observador e o do objeto observado aumentam, a analogia perde força e torna-se mais rica em diferenças que em semelhanças.

Para ele, a observação objetiva e direta repousa sobre o postulado de que, salvo exceções, a organização psicológica de todos os homens é praticamente a mesma. Contudo, a psicologia não pode ser como as outras ciências dos corpos inorgânicos. Ela estuda indivíduos. Não existe na realidade um homem em geral ou animais em geral: só há indivíduos distintos, impenetráveis uns aos outros. As funções estudadas pela psicologia geral (percepção, memória, etc.) são comuns a todos, mas estas funções variam segundo indivíduos, raça, lugares, épocas. Note-se que, apesar de ser um livro que trata do método nas ciências, Ribot destaca a psicologia das ciências naturais reconhecendo as diferenças metodológicas necessárias a ela.

Contudo, o autor não propõe que a psicologia se ocupe da descrição completa de cada indivíduo, pois isto a transformaria em biografias ou em descrições particulares. Em sua visão, a psicologia individual pode chegar ao geral por outra via: não procurando leis ou uma forma

reguladora dos fenômenos psíquicos, mas determinando tipos. Para atender a esta perspectiva de psicologia, Ribot define dois procedimentos: os testes e os questionários.

Seu comentário sobre os testes ou provas, que constituem a base da antropometria, não é entusiasmado. Por um lado, ele concorda que através deles é possível determinar variações individuais em diferentes classes. Diz que são instrutivos, sobretudo quando aplicados em grupos (ex: estudantes de diferentes idades). Entretanto, critica sua simplicidade: “Alguns deles são tão simples que não podemos inferir se funcionam para operações complexas” (Ribot, 1909, p. 237). E ressalta:

Convém admitirmos que as estatísticas e porcentagens têm apenas uma aparência de rigor científico (...) Em geral, não se aplicam às formas superiores da vida psíquica, são simples, restritos e superficiais, sem garantia suficiente e não podem ser sempre considerados como adequados à realidade. (Ribot, 1909, p.238)

Quanto aos questionários, ele é ainda mais crítico. Ele diz que, apesar de sua clareza sedutora, tomar um tema, reduzi-lo a algumas perguntas e endereçá-las a um público enorme não produz resultados seguros.

Fracassamos pela natureza do tema e por culpa do público a quem nos endereçamos. Se escolhermos uma grande questão ela é refratária à forma, por ser grande e complexa, impossível de decompor em pedaços e colocada em termos claros, com respostas precisas. (Ribot, 1909, p. 240)

O autor nota ainda a dificuldade em verificar a veracidade das respostas. Quanto às interrogações orais e diretas, ele observa que ela é restrita e exige que o sujeito interrogado tenha um conhecimento suficiente de si e de seu meio. Entretanto, afirma que apesar de seus inconvenientes a entrevista oral lhe parece um modo de investigação legítimo. Para ele, enquanto o questionário se apoia sobre o número, sem grandes diferenças das perguntas de jornalistas dirigidas ao grande público sobre qualquer assunto, a entrevista oral visa à qualidade. E concorda que “o estudo metódico de dez pessoas por dez psicólogos é incomparavelmente mais útil que o preenchimento de uma centena de folhas assinadas ou não”. (Ribot, 1909, p. 241). O autor considera estes métodos como novos e de fato ele não os menciona em seus escritos anteriores analisados neste trabalho.

Ribot comenta também o método de observação objetiva indireta, que não visa ao homem vivo em pessoa, mas aos produtos do espírito humano fixados em diversas formas de sua

história. No uso deste método, a psicologia ocupa, para ele, uma posição privilegiada, pois se coloca em seu verdadeiro lugar, no coração da realidade. A psicologia deve ter sua raiz na natureza e sua extensão na sociedade. Deve se apoiar nas ciências biológicas, pois é daí que ela tira sua força, uma vez que a biologia é condição necessária para a vida psíquica, já que a consciência em suas manifestações múltiplas depende de todo o organismo, em especial do sistema nervoso. Contudo, a psicologia pode chegar a ser a base das ciências ditas morais, que não são nada além de manifestações do espírito no espaço e no tempo. Para ele, a relação da psicologia com estas ciências é semelhante à da mecânica com as ciências físicas e naturais, quer dizer, ela comporta o mais alto grau de generalidade. A psicologia chega, assim, no desenvolvimento social em plena consciência dela mesma e na satisfação de suas tendências múltiplas. Ele diz que há um certo consenso em admitir que o desenvolvimento do espírito individual depende de condições sociais e que o estudo destas condições ajuda a psicologia e é ajudada por ela.

Na visão do autor, além das condições sociais, as criações humanas também permitem ultrapassar o limite do indivíduo. As línguas refletem a forma de pensar e a história nos revela as ideias e as paixões. E ele questiona como pode ser possível compreender o sentimento religioso sem a história das religiões e como compreender a natureza e o poder da imaginação sem a história da arte. Contudo, ele reconhece que há uma precariedade do método e que suas interpretações são mais prováveis do que certas. Aqui Ribot adota uma posição parecida com a que expressa em 1877, em *Philosophy in France*, quando, ao mencionar Taine, afirma que:

Os documentos históricos constituem para os psicólogos traços nos quais eles podem encontrar as ideias, os sentimentos, as paixões, todos os estados mentais dos quais os eventos históricos são apenas efeitos, de forma que explicar uma revolução é escrever uma página de psicologia. (Ribot, 1877, p. 114)

Para o autor, todo este material permite aplicar o método comparativo adotado tardiamente pela psicologia, seguindo o modelo das ciências naturais. Ele completa discordando de uma frase corrente de forma poética: “Para conhecer os gregos e os romanos, estuda os franceses e os ingleses de hoje: os homens descritos por Políbio e Tácito parecem as pessoas que nos cercam”. E completa:

Hoje em dia nós pensamos diferente, cremos que este estudo abstrato, se reduz a alguns traços gerais e permite conhecer o homem e não os homens. Nós cremos que todos os membros da humanidade não foram jogados na mesma forma e somos curiosos pelas

menores diferenças. E o método comparativo tem por objetivo estabelecê-las. (Ribot, 1909, p. 245)

Para o autor, este é um procedimento da psicologia individual ou coletiva, que completa a psicologia geral.

Segundo Ribot, este método deve estar ligado ao método genético, que tem por objetivo descobrir e traçar as fases sucessivas do desenvolvimento do espírito humano nos indivíduos ou na história. Ele compreende que existem no homem instintos e sentimentos que possuem a mesma solidez, e que estes são como o esqueleto e a ossatura da nossa vida mental. Estes instintos são, para ele, o resultado de inúmeras experiências, fixadas e transmitidas hereditariamente dentro e fora das espécies. E, para ele, aquelas que a dissolução destrói primeiro são as formadas mais tardiamente. Ribot retoma nesta passagem aspectos estudados por ele em 1873, mantendo a hipótese da transmissão hereditária. Em sua tese, *L'hérédité*, ele afirma que há transmissão hereditária de hábitos e sentimentos que se tornam inconscientes, ou seja, biológicos, sendo assim transmitidos hereditariamente. Ele se aproxima também de suas conclusões sobre a memória, em que demonstra que as primeiras memórias perdidas são as últimas a serem formadas.

Para definir a última categoria de método apresentada, Ribot utiliza o termo *expérience*, que em francês ganha diferentes sentidos. O famoso dicionário Larousse, define esta palavra como método científico que repousa sobre a experiência e a observação controlada para verificar hipóteses, e a ação de experimentar. Por sua vez, *expérience* pode ter o sentido de verificar as propriedades de um produto por meio de experiências; experimentar, testar as qualidades de alguma coisa ou ainda conhecer alguma coisa por experiência, por exemplo, “experimentar a fidelidade de um amigo”. (Larousse, s.d.) Ribot a define como uma “observação feita em condições predeterminadas e que tem o objetivo de simplificar o problema, eliminando tudo que lhe é exterior” (Ribot, 1909, p. 254).

Ele divide este grupo de métodos em três: o estudo direto dos fenômenos fisiológicos e indireto dos estados de consciência concomitantes, ou seja, a psicologia fisiológica; o estudo direto dos fenômenos psíquicos, que chama de psicofísica; e, por fim, o estudo dos problemas mórbidos, considerado como um procedimento de decomposição e análise. A este último ele denomina psicologia patológica.

Para localizar a psicologia fisiológica, o autor comenta que durante muito tempo a psicologia não se apoiou na fisiologia e justifica esta indiferença afirmando que isto não era possível, pois a fisiologia só ganhou consistência no começo do século XIX. Diferentemente de seus primeiros textos, Ribot não atribui aqui nenhum papel à resistência da escola espiritualista francesa, não menciona mais a doutrina de Cousin nem a situação da psicologia no país. Neste momento, a psicologia já se mostrava mais consolidada, minimizando a importância destas discussões. Talvez seja este o motivo pelo qual o autor atribui outro tom a essa discussão.

Para falar do método experimental, o autor apoia-se na conexão íntima entre o psíquico e o físico, entre um estado de consciência e sua manifestação externa. Por este procedimento, diz Ribot, são descobertos sinais sutis do processo mental que escapam à observação pura. Bons exemplos são as variações da circulação do sangue, da respiração, das secreções que acompanham as diversas fases das emoções, pois podem ser medidos com auxílio de instrumentos. Contudo, o autor não se aprofunda mais na exposição deste método.

Ele o compara ao método psicofísico, afirmando que este último aspira a ir mais alto, pois tende a determinações quantitativas. E garante que uma ciência se torna exata à medida que usa quantidades mensuráveis. Ele reconhece os grandes esforços feitos para medir a duração e intensidade dos fenômenos psíquicos. E como principais fundadores desta corrente, cita Weber e Fechner. Entretanto, com acidez, comenta que há razão em se reprovar estes fundadores pelo excesso de confiança e por uma tendência marcada pela especulação teórica mais que por uma experimentação propriamente dita.

Ele também cita Wundt e o laboratório de Leipzig como modelo para muitos psicólogos espalhados pelo mundo. E como exemplo destes estudos destaca o tempo necessário para percepção pelo olho, pelo toque e a mensuração da duração mínima do ato psíquico mais simples (discernir entre duas sensações). Destaca também os estudos da memória, da atenção, de associação de ideias estudadas segundo uma classificação prévia (contiguidade, semelhança, causalidade, complexidade) e o tempo de reação.

Diz que o método experimental oferece grandes vantagens e gerou trabalhos importantes, e que independentemente dos resultados adquiridos ele é uma excelente disciplina para o espírito: força o rigor, habitua a paciência, e impede as generalizações arbitrárias. Mas adverte que há lacunas e inconvenientes que os partidários do método parecem esquecer. Ele considera ainda mais grave que alguns deles pretendem torná-lo o método exclusivo da psicologia.

Além disso, o autor afirma que, para que uma experimentação seja verdadeiramente psicológica, é necessário que ela seja controlada pela introspecção. Este é um fator importante, na visão de Ribot, porque sem a observação interior seus resultados caberiam melhor à física ou à fisiologia e não à psicologia propriamente dita. Segundo o autor, os psicofísicos reconhecem este erro e ficam atentos para evitá-lo.

Contudo a principal crítica de Ribot é que algumas experiências são muito artificiais, diferentes dos fenômenos psíquicos que se produzem naturalmente. Ele cita, como exemplo, experimentos de associações em que se colocam os sujeitos em condições diferentes daquelas do curso normal de pensamento, eliminando um fator que é tão importante para a memória. E questiona a validade dos estudos com emoções provocadas artificialmente.

Ribot deixa por último o método patológico. Para ele, este seria o método que combina a observação pura e a experimentação. Segundo o autor, ele é um potente método de investigação, rico em resultados.

A doença, efetivamente, é uma experimentação mais sutil, instituída pela própria natureza, em circunstâncias bem determinadas e com procedimentos que a arte humana não dispõe: ela atinge o inacessível. Aliás, se a doença não se encarregasse de desorganizar para nós o mecanismo do espírito e nos fazer compreender melhor, desta forma, o funcionamento normal, quem ousaria arriscar experiência que a moral mais vulgar reprovava? Seria possível encontrar alguém para se submeter e outro para realizá-la? A fisiologia e a patologia – do corpo e do espírito – não se opõem uma à outra como dois contrários, mas como duas partes de um todo. (Ribot, 1909, p. 253)

Nesta passagem, fica claro que seu objetivo é conhecer o funcionamento normal da mente. Além disso, o princípio de Broussais da continuidade entre o funcionamento fisiológico normal e o patológico também fica evidente. Desta forma, o autor amplia a gama de fontes para aplicação do método. As doenças do cérebro, as neuroses e as formas variadas de loucura, além de fenômenos anormais ou raros, estão entre elas. O sonambulismo natural ou provocado pela hipnose e a mudança ou dissolução de personalidade também estão entre elas.

Para Ribot, todas as manifestações da atividade mental podem ser estudadas sob uma forma patológica: as percepções através das alucinações; a memória pela amnésia, o poder pela impotência da vontade, além das excitações e ilusões. Contudo, ele afirma que o estudo dos

problemas de linguagem e os sinais de expressão são um dos melhores exemplos para mostrar como é frutífero o método patológico.

A respeito dos estudos com o método patológico sobre os sentimentos, ele os aloca em uma ciência nova: a antropologia criminal. Esta ciência seria formada, em grande parte, pela anatomia e pela fisiologia do corpo. Uma pequena parte desta nova ciência, entretanto, fica a cargo da psicologia e da moral. Segundo o autor, os estudos com delinqüentes mostram que pode existir na organização do sentimento algo comparável à falta de um membro ou de uma função na organização psíquica: “são seres que a natureza ou as circunstâncias desumanizaram” (Ribot, 1909, p.254).

A psicologia dos loucos, para Ribot, também estuda o papel dos sentimentos e dos impulsos e se localiza como um ramo destacado deste tronco. Segundo o autor, este ramo produz obras de grande valor, inclusive com o uso da hipnose que ele define como:

Verdadeira experimentação que permite ver e fazer funcionar sob nossos olhos o mecanismo intelectual como o fisiologista faz funcionar sob seus olhos a máquina orgânica. As paralisias feitas e curadas por sugestão, as amnésias artificiais, as alucinações positivas e negativas, as sugestões de atos a longo prazo, colocaram velhos problemas em uma nova forma.(Ribot, 1909, p.255)

E continua, ressaltando a importância da hipnose para o estudo do inconsciente:

Mas o ponto importante a notar é que este procedimento é o mais eficaz para penetrar em uma região da psicologia que nós ainda não mencionamos: a atividade inconsciente ou subconsciente. É claro que o método da observação interior é aqui nulo ou só serve para confundir. Foi com o método objetivo que a psicologia entendeu que a consciência clara é apenas uma pequena parte da vida mental. Qualquer opinião que se adote sobre a natureza do subconsciente, que seja considerada como simplesmente fisiológica ou como um grau fraco de consciência que pode me tornar até infinitesimal, pouco importa à questão do método. Ora, o hipnotismo é um procedimento excelente para explorar este mundo subterrâneo, que conserva nosso passado e que é um reservatório de tendências virtuais de energia potencial que não consegue romper a consciência. Ele permite acessa-las diretamente, não por indução ou hipótese sobre suas influências latentes; ele pode, em algumas pessoas, ressuscitar algum episódio completamente esquecido de sua

vida ou revelar alguns traços de caráter totalmente inimagináveis, mesmo pelo próprio hipnotizado. (Ribot, 1909, p. 255)

Neste trecho fica evidente a proximidade do autor com a psiquiatria francesa e, embora não cite nomes, sua proximidade com os estudos de Charcot, o grande nome da hipnose na época.

Ao final do texto, o autor diz que estes numerosos métodos, apesar das profundas diferenças, no fundo são análises e têm um objetivo comum: a psicologia. E ela, por sua vez, tem por objetivo os estados de consciência. Ele expande poeticamente o campo desta nova ciência dizendo que “podemos dizer que todas as coisas no céu e sobre a terra, enquanto conhecidos, são uma matéria psicológica” (Ribot, 1909, p. 256), e continua dizendo que seu domínio abrange desde fatos vulgares da vida animal até expressões complexas de arte. Entretanto, afirma que nem todo psicólogo está apto a manejar todos os métodos. Para ele, o essencial é que cada psicólogo siga sua vocação e que ele escolha bem. Ribot também lamenta que alguns pareçam imbuídos de preconceitos no sentido de que um só método, evidentemente o seu próprio, é o melhor, e que os outros não têm forma científica. Vê-se que esta passagem mostra um Ribot bem mais tolerante que aqueles dos seus textos de 1870, 1877 e 1879.

Após a apresentação de cada um dos métodos considerados por ele como aptos para abordar cientificamente as questões da psicologia, Ribot une as diferentes áreas da psicologia dizendo que todos os métodos apresentados são parciais e se superpõem, formando o verdadeiro método psicológico em sua totalidade. E, por fim, ele prevê um futuro com novas possibilidades que possam melhor avançar em direção aos problemas da psicologia que continuam obscuros.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi compreender o problema do método de investigação psicológica na obra de Ribot. Buscamos também mostrar como Ribot define aquilo que chamou de método patológico, aplicando-o em vários de seus estudos, como em *Les maladies de la memoire* e *Les maladies de la personnalité*. Não é possível, contudo, compreendê-lo sem estabelecer um panorama teórico que o sustente.

Assim, para atingir o objetivo proposto, percorremos os principais textos do autor que poderiam lançar luz sobre a questão do método utilizado por ele. Começamos esta análise a partir de um contexto geral, em que localizamos algumas disputas políticas que permeiam o contexto educacional francês. Este apanhado histórico se justifica na medida em que a trajetória de Ribot está ligada ao ensino público na França, tanto como estudante quanto como professor. Como vimos, o ensino público francês foi desde a Revolução Francesa foco de disputas e interesses políticos, resultando em um panorama político específico no final do século XIX. Victor Cousin, aliado à monarquia da Restauração e *Pair de France* de Louis Philippe estabeleceu para todo o ensino público do país uma filosofia oficial do estado: o Epiritualismo Eclético. Ribot, em seus primeiros textos, ataca com veemência esta hegemonia espiritualista, o que exigiu nossa aproximação a este último.

Desta forma, após um apanhado histórico, passamos a um estudo das ideias de Victor Cousin, apresentando dados biográficos que demonstram sua importância. Durante esta fase do trabalho, levantamos as ideias que formam as bases do espiritualismo eclético. Foi possível também mostrar como as ideias de Cousin serviam ao regime da época, procurando integrar as várias forças políticas vigentes. Ou seja, esta filosofia buscava integrar as conquistas liberais da Revolução Francesa com os ideais da monarquia e da igreja, ressaltando a existência de Deus. Com esta exposição, buscamos fornecer ao leitor a base para a compreensão da doutrina e suas articulações, às quais Ribot vai opor-se com toda sua força.

Em seguida, para uma melhor compreensão do autor, fornecemos alguns dados biográficos de Ribot. Apresentamos algumas passagens curiosas, como seu pedido de demissão de um

prestigioso emprego público arranjado por seu pai e sua firme decisão em prosseguir com seus estudos. Comentamos suas dificuldades em estabelecer-se na carreira, assim como sua persistência. Neste momento do trabalho, foi possível demonstrar seu encontro com obras de pensadores ingleses e seu entusiasmo com as novas ideias. Uma visão geral do interesse do autor pela psicologia e seu repúdio à forma pela qual ela era entendida pela doutrina de Cousin também foi apresentada.

No segundo capítulo, apresentamos *La psychologie anglaise contemporaine* e *La psychologie allemand contemporaine*, que representam a primeira fase do autor. Este período tem como características a forte crítica à filosofia vigente e a oferta de novas possibilidades de estudar psicologia. Ribot tem um papel histórico importante, pois traz para a França as ideias de autores ingleses e alemães que pensam a psicologia de outra forma. Estas duas obras, bem aceitas pelo público em geral, propõem que a psicologia deva ser estudada através da ciência, mas não da pura especulação filosófica. O autor enfatiza a importância dos fatos nos estudos da mente. Como vimos as publicações de 1870 e 1879 são obras polêmicas que atingem um grande público e desagradam o *status quo*. Ficou claro, neste capítulo, a contribuição fundamental, dada pelo autor, para estabelecer a psicologia como ciência independente em seu país.

No segundo capítulo, também foi possível levantar aspectos importantes da visão de psicologia que o autor estabelece, a partir da influência alemã e inglesa. Destacamos sua posição em relação à metafísica e, mais adiante, comparamo-la com outros autores importantes da época. Diferentemente de outros pensadores, Ribot não elimina completamente a metafísica. Segundo ele, esta teria uma função no estudo da psicologia, assim como em qualquer outra ciência. Para nosso autor, a metafísica tem como campo de estudo a causa primeira das coisas. A psicologia não se deve preocupar, por exemplo, em explicar a alma, assim como a biologia não explica a vida, nem a química, a matéria. Esta é uma tarefa da metafísica. Além disto, é dever dela lembrar ao psicólogo que existem mistérios para além de toda ciência. Nesta passagem, apresentamos também a divisão e a extensão que o autor propõe para o estudo da psicologia. Para ele, a psicologia não deve se limitar a estudar o homem europeu culto, mas, ao contrário, seu estudo deve abranger os diferentes povos, inclusive os mais primitivos, as diferentes fases do desenvolvimento do homem e as mais diferentes épocas, utilizando para isso até mesmo a literatura. Ele também não descarta a psicopatologia. As mais diferentes loucuras e monstruosidades também são fontes para o estudo da psicologia e podem trazer bons frutos para ela. Ribot vai além: assim como nos estudos sobre a evolução, para ele a psicologia deve ocupar-se também das mais diferentes formas de espécies animais, traçando o processo de evolução das

diferentes funções psíquicas. Por fim, as esperanças do autor em relação à psicofisiologia também foram mencionadas.

Para concluir o segundo capítulo, apresentamos o texto de 1877, onde Ribot reafirma suas críticas e culpa novamente a hegemonia espiritualista pelo estado de coisas na França. Com a ajuda deste texto, pudemos explicitar a posição do autor em relação às diversas escolas da época. A influência de Taine sobre o autor fica nítida. Vimos que Ribot não poupa elogios ao mestre e segue, em vários aspectos, seus passos. Foi oportuno também estabelecer uma comparação com a doutrina de Comte e a posição de Ribot frente ao que este entende por positivismo. Nesta parte, vimos que o autor entende o positivismo de forma mais ampla. Embora ele reconheça que só deveria existir um positivismo, aquele de Comte, admite a proximidade com as ideias do empirismo inglês. Assim, ele faz uma diferença entre o que chama de positivismo, ou seja, a doutrina de Comte, e o espírito positivo, mutável, do qual ele se aproxima.

No terceiro capítulo, apresentamos argumentos que demonstram a afinidade de Ribot com a medicina da época. Ao situarmos brevemente a situação da medicina na França, foi possível contrapor a psicologia oriunda da filosofia àquela exercida pela medicina. Em particular, exploramos a proximidade do autor com a medicina através de seus estudos e sua relação com Charcot, demonstrando como Ribot foi influenciado por estas investigações médicas. A importância do princípio de Broussais, segundo o qual a doença deve ser entendida em continuidade com a normalidade, na sustentação do método de Ribot, também foi apontada.

Munidos destas informações, entramos nos textos em que o autor utiliza o método psicopatológico. Através de sua análise, procuramos situar às relações entre a aplicação do método e aspectos apontados na construção do mesmo, pois entendemos que para que os estudos psicopatológicos tenham sido possíveis, foi necessário um percurso teórico do autor. Argumentamos que é esta construção teórica do autor, explorada ao longo do texto, que embasa e possibilita o estudo das psicopatologias com o objetivo de entender o funcionamento normal do psiquismo.

No último capítulo, tecemos as considerações finais sobre o método de Ribot apoiados em um texto tardio do autor, no qual ele trata especificamente dos métodos em psicologia. Nesta etapa, discutimos aspectos já levantados no texto, bem como argumentos do autor sobre métodos novos em psicologia. Ressaltamos que, durante toda a sua obra Ribot, mantém a observação interior como método válido para a psicologia, desde que usada em conjunto com outros métodos. Para ele, ainda que todos os mecanismos fisiológicos do cérebro sejam estudados, não é possível

reconhecer ali a dor e o prazer, por exemplo. É preciso que reconheçamos primeiramente em nós mesmos estes sentimentos, para então podermos pesquisá-los. Por outro lado, apenas a observação interior não oferece critérios de cientificidade. Assim, como neste texto o autor define mais claramente o que chama de método patológico, pudemos apresentá-lo de forma mais definitiva, estabelecendo as relações necessárias com os textos anteriores.

A partir do estudo feito, parece ficar claro que Ribot teve, de fato, uma grande importância para a constituição da psicologia científica na França. Suas contribuições abrangem desde o acirrado ataque ao ecletismo espiritualista, dominante naquela época, até a divulgação, o fortalecimento e, por fim, a constituição da psicologia como ciência independente naquele país. Ao atacar a filosofia dominante, ele lhe retira uma de suas partes mais caras, a psicologia. Ele a desloca para o campo das ciências, colocando suas questões em outra perspectiva e propondo outros métodos para seu estudo. Seria possível dizer que sua contribuição foi ainda maior, se estabelecermos uma ligação entre os estudos psicopatológicos de Ribot e a psicologia francesa com características de intervenção clínica que partem da psicopatologia. Entretanto, nossa questão foi saber em qual perspectiva de ciência o autor lança sua psicologia, como ele formata o método patológico e o aplica em seus estudos, e qual a relação entre suas posições teóricas e seu método. Respondendo a estas questões, a análise dos textos indica que Ribot parte de uma apropriação dos estudos ingleses e alemães de psicologia e, aos poucos, vai construindo aquele que mais tarde ficou conhecido como método psicopatológico.

Vale lembrar que o método psicopatológico tem por objetivo conhecer o funcionamento psíquico normal. Ribot parte de casos e exemplos de casos patológicos muitas vezes raros para estabelecer o mecanismo normal. De acordo com a famosa *lei de Ribot*, por exemplo, verifica-se através de diversos casos de perda de memória que as memórias mais tardias são as primeiras a desaparecer, assim como as mais complexas e as com menor importância afetiva. Assim, ele auxilia a compreensão do funcionamento da memória, estabelecendo alguns de seus critérios.

Entretanto, para que estes estudos tenham sua validade reconhecida, é preciso conceber que há um paralelismo entre o psíquico e o orgânico, rebatendo assim a ideia de um psíquico perfeito oriundo da alma. Para Ribot, este paralelismo é estabelecido em todas as circunstâncias. Se não há evidência fisiológica de alguns processos psíquicos, é apenas por falta de recurso para observá-las. A doença entendida como uma degeneração, uma involução do funcionamento normal, estabelecendo uma continuidade entre ambos, segundo o princípio de Broussais, é outro

critério que permite sua validade. Da mesma forma, a doença entendida como um experimento oferecido pela natureza permite um estudo controlado, respeitando os critérios científicos.

Ribot traz para a psicologia procedimentos já utilizados pela medicina em campos como a fisiologia, a anatomia comparada. Ele se apropria de seus casos e, agrupando-os e comparando-os, tira conclusões sobre o funcionamento psíquico. Assim como constata que Comte e Mill aplicam em outro campo o método das ciências naturais, Ribot desloca investigações próprias da medicina, trazendo os estudos de psicopatologia para a psicologia.

O estudo das psicopatologias abre uma gama enorme de possibilidades para a psicologia. Ao se ocupar naturalmente das doenças psíquicas, assim como ocorre na medicina, surge a preocupação com a possibilidade de cura das doenças. Esta não é certamente a preocupação de Ribot, que menciona como aplicações práticas da nova ciência apenas o estudo do caráter. Contudo, ele abre uma gama de possibilidades que foi aproveitado por seus sucessores, como Pierre Janet, considerado o fundador da psicologia clínica na França.

É preciso, contudo, apontar algumas lacunas presentes neste trabalho. A primeira delas diz respeito a alguns trabalhos deixados de lado neste estudo. Um deles é o ensaio, escrito por Ribot, sobre Schopenhauer, em 1874. Justificamos esta ausência por se tratar de um texto feito sob encomenda e sem grandes repercussões. Outros trabalhos também foram deixados de lado, sobretudo aqueles da terceira fase, como *Essai sur l'imagination créatrice* (1900), *La logique des sentiments* (1905) e *Essais sur les passions* (1907). Além da limitação de tempo, que é evidente, optamos por não incluí-los por serem de uma fase posterior aos trabalhos nos quais o autor aplica seu método. Mas ressaltamos que seria de grande importância a continuidade do estudo da obra de Ribot para a compreensão de como ele envereda pelos aspectos mais complexos do psiquismo humano e como conduz estes estudos.

Durante nossas pesquisas pudemos encontrar também alguns trabalhos que sugerem a proximidade entre o pensamento de Nietzsche e o de Ribot, sobretudo no que diz respeito à noção de corpo apresentada pelo autor. Entretanto, como se trata de uma influência de Ribot sobre Nietzsche, o tema fugiria muito do nosso foco. Todavia, achamos importante mencionar estes achados, pois consideramos de interesse estudos complementares nesta direção, que podem explorar outras vertentes do trabalho do autor aqui apresentado.

Consideramos também pouco explorados o tema da *Revue Philosophique*, pois se apresenta como fonte preciosa de novos estudos. Além disto, o *Congrès de psychologie physiologique*

parece ter sido pouco explorado em suas nuances, pois pode possibilitar uma nova visão daquele contexto. Porém, não foi possível aprofundar o tema, visto que não contribui de forma contundente para nossa questão.

Diante do que foi possível ser feito e das lacunas apresentadas, esperamos ter dado uma pequena contribuição para a divulgação do autor no Brasil, bem como para demonstrar a importância dos estudos históricos para a compreensão do panorama atual. De fato, estudos históricos contribuem para um olhar mais atento, possibilitando questionamentos que nos escapam quando estamos inseridos em nosso próprio contexto. Neste estudo, por exemplo, foi tentador localizar questões atuais da psicologia, como: a corrente de Ribot daria origem à psicanálise ou às teorias cognitivas? Mas com o aprofundamento dos estudos, percebemos que não é possível transferir esta questão para uma época em que nem mesmo havia possibilidade de uma psicologia clínica. E vamos muito além. Estas duas correntes, que hoje nos parecem opostas, encontram ali raízes em comum, pois ambas nascem do que Ribot chama de espírito positivo. Colocando, então, em outra perspectiva questões que nos parecem tão naturais, podemos avançar. Assim fez Ribot quando retirou a psicologia da filosofia, lançando-a no campo das ciências. Hoje, contudo, são outras as questões que se apresentam cristalizadas, necessitando talvez de um novo deslocamento ou uma nova configuração.

Referências

- Araujo, S. (2012). O Lugar de Wolff na História da psicologia. In S. Araujo (Eds.), *História e filosofia da psicologia – perspectivas contemporâneas*(pp. 67-86). Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- Boring, E. (1957). *A history of experimental psychology*(2ª ed.). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Brooks, J. I. III. (1993). The philosophy and psychology at Sorbonne 1885-1913. *Journal of the History of the Behavior Science*, 29, 123-145.
- Brooks, J. I. III. (1997). *The Eclectic Legacy: academic philosophy and the human sciences in nineteenth-century France*. USA: Delaware.
- Cabanis, P. J. G. (1802). *Observations sur l'hospitaux*. Paris: L'Imprimerie National.
- Canguilhem, G. (2011). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense.
- Castañon, G. (2007). *Introdução à Epistemologia*. São Paulo: E.P.U.
- Carroy, J., & Plas, R. (1996). The origins of French experimental psychology: experiment and experimentalism. *History of Human Sciences*, 9, 1, 73-84.
- Carroy, J., Ohayon, A., & Plas, R. (2006). *Histoire de la psychologie en France*. Paris: La Découverte.
- Charcot, J-M.(1885). *Leçons sur les maladies du système nerveux*. Paris: Delahaye.
- Comte, A. (1991). Coleção: Os pensadores (5ª ed.). São Paulo: Nova Cultural.
- Cousin, V. (1844). *Défense de l'université et de la philosophie : discours prononcés à la Chambre des Pairs dans les séances des 21 et 29 avril, des 2 et 3 mai 1844*. Paris: Jaubert
- Cousin, V. (1854). *Du vrai, du beau et du bien*. (2ª ed.). Paris: Didider
- Dugas, L. (1917). Un philosophe breton, Théodule Ribot (1839-1916). *Annales de Bretagne*. 32, 2, 145-168.
- Fernández Pardo, C.A. (1972). *Crónica de Europa Moderna*. Buenos Aires: Centro Editor da América Latina.
- Ferrand, L., & Nicolas, S. (2000). L'oeuvre de Ribot vue à travers les sommaires de ses ouvrages. *Psychologie et Histoire*, 1, 82-130.
- Ferrater Mora, J. (2004). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola.

- Freud, S. (1996). Relatório sobre meus Estudos em Paris e Berlim. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Editora Imago (Obra originalmente publicada em 1886).
- Goldstein, D. (1968). Official Philosophy in Modern France: the example of Victor Cousin. *Journal of Social History*, 1, 259 -79.
- Goubert, P. (1988). *The Course of French History*. London: Routledge.
- Haine, W.S. (2000). *The History of France*. Westport: Greenwood Press.
- Jacó-Vilela, A. M., & Monteiro, D. (2004). Apresentação à edição brasileira. In T. Ribot. *A Lógica dos Sentimentos*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ.
- Janet, P. (1928). Prefácio. In G. Lamarque, *Th. Ribot*. Paris: Société des Editions.
- Jones, C. (1947). *France*. Londres : Cambridge University Press.
- Lamarque, G. (1928). *Théodule Ribot*. Paris: Société des Éditions.
- Larousse. (s.d.). Dicionário Larousse - Français. Acesso em 20 de janeiro de 2013 em <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/experimenter>
- Lebedel, C. (1928). *Chronologie de l'Histoire de France*. Rennes: Éditions Ouest-France.
- Lenoir, R. (1957). Lettres de Théodule Ribot à Espinas. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 147, pp.1-14.
- Lenoir, R. (1962). Lettres de Théodule Ribot à Espinas. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 152, pp.337-340.
- Lenoir, R. (1964). Lettres de Théodule Ribot à Espinas. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 154, pp.79-84.
- Lenoir, R. (1970). Lettres de Théodule Ribot à Espinas. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 160, pp.165-173.
- Lenoir, R. (1975). Lettres de Théodule Ribot à Espinas. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 165, pp.157-172.

- Lourenço Filho, M. (1971). O pensamento de Ribot na psicologia sul-americana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23 (3), pp. 33-40.
- Marchal, A., & Nicolas, S. (2000). L'émancipation de la psychologie vue à travers trois textes majeurs de Ribot. *Psychologie et Histoire*, 1, 43-81.
- Minc, A. (2008). *Une histoire de France*. Paris: Grasset.
- Nicolas, S. (2002). *Histoire de la psychologie française*. Paris: Impress
- Nicolas, S. (2005). *Théodule Ribot, philosophe breton, fondateur de La psychologie française*. Paris: Hartaman.
- Nicolas, S., & Murray, D. (2000). Le Fondateur de la psychologie "scientifique" française: Théodule Ribot. *Psychologie et Histoire*, 1, 1-42.
- Pellistrandi, B., & Bourguinat, N. (2001). *Le 19e siècle en Europe*. Paris: Colin.
- Piéron, H. (1939). *Centenaire de Théodule Ribot e jubilé de la psychologie scientifique française – Séance commémorative à la Sorbonne*. Agen: Imprimerie Moderne
- Price, R. (2005). *A Concise History of France*. Londres : Cambridge University Press.
- Ringer, F. (1992). *Fields of Knowledge*. Paris : Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Ribot, T. (1870). *La psychologie Anglaise Contemporaine*. Paris: G. Baillière.
- Ribot, T. (1873). *L'hérédité – Étude psychologique sur ces phénomènes, ses lois, ses causes, ses conséquences*. Bibliothèque Philosophique de Ladrangé.
- Ribot, T. (1874). La psychologie en Allemagne : la mesure des sensations. *Revue Scientifique*, 7, 553-563.
- Ribot, T. (1875a). *La psychologie allemand contemporaine (école expérimentale)*. Paris : Baliere.
- Ribot, T. (1875b). La psychologie scientifique en Allemagne: M. W. Wundt. *Revue Scientifique*, 9, 505-516.
- Ribot, T. (1876). Introduction. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 1, 1-4.

- Ribot, T. (1877a). Philosophie et psychologie en France. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 2, 107-123.
- Ribot, T. (1877b). M. Taine et sa psychologie. *Revue Philosophique*, 4, 17-46.
- Ribot, T. (1879). *La psychologie Allemand Contemporaine*. Paris: G. Ballière.
- Ribot, T. (1880a). La memoire comme fait biologique. *Revue philosophique*, 8, 371-386.
- Ribot, T. (1880b). Les desordres generaux de la memoire. *Revue philosophique*, 10, 181-214.
- Ribot, T. (1880c). Les desordres partiels de la memoire. *Revue philosophique*, 10, 485-516.
- Ribot, T. (1888). *Les maladies de la volonté* (5^a ed.). Paris: Félix Alcan.
- Ribot, T. (1897). *L'evolution des idees generales*. Paris: Alcan
- Ribot, T. (1900). *Essai sur l'imagination creatrice*. Paris: Alcan
- Ribot, T. (1909). Psychologie. In F. Thomas (Ed.), *De la methode dans les sciences*. (pp. 229-257). Paris: Alcan.
- Ribot, T. (1911). *Lês maladies de la mémoire*(32^a ed.). Paris : Félix Alcan. (Obra originalmente publicada em 1881).
- Ribot, T. (1916). *Psychologie de l'attention* (3^a ed.). Paris : Félix Alcan. (Obra originalmente publicada em 1888).
- Ribot, T. (1921). *Les maladies de la personnalité*(18^a ed.). Paris : Félix Alcan. (Obra originalmete publicada em 1885).
- Seignobos, C. (1938). *História Sincera da França*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Taine, H. (1905). *Les philosophes classiques du XIXe siècle en France* (9^aed.). Paris: Hachette. (Obra originalmente publicada em 1857).
- Tours, J. J. (1845). *Du hachich et de l'aliénation mental: études psychologiques*. Paris: Fortim Masson.

